

*Sara Shams Azad*

***Infância livre, memória e documentário***

***MCA. 2014***

*Ensaio para a Unidade Curricular de Projecto.*

*Área de Comunicação Audiovisual, especialização em Cinema Documental*

*Professor Orientador: Jorge Campos*

**agradecimentos**

*À Milú, minha mãe e patrocinadora de tudo.*

*À existência de aviões, à evolução tecnológica e à pessoa que teve a brilhante ideia de construir o bairro onde cresci.*

*O resto não é importante:*

*Ana Ferreira*

*Bruno Carvalho*

*Bruno Pereira*

*Bruno Reis*

*Diogo Caetano*

*Eva Lima*

*Filipe Tavares*

*Isabel Alves Coelho*

*Joana Brum Sousa*

*José Salgado*

*José Manuel Baião*

*Liliana Carvalho*

*Lissa Canhoto*

*Luís Teves*

*Mariana Teixeira*

*Paula Moniz*

*Paulo Oliveira*

*Sara Borges*

**palavras-chave**

*infância, memória, bairro, documentário*

**resumo**

*"Tempos de bairro" explora o desaparecimento de um hábito infantil que era comum em gerações anteriores. Baseado nas memórias de uma infância pessoal, o documentário mostra um período de outrora onde as brincadeiras de rua formavam a paisagem de um bairro. Como tal, ao longo deste trabalho faz-se a revisitação de um passado e relata-se a experiência de um lugar. Evocam-se memórias e questiona-se o desaparecimento dessa 'tradição' infantil.*

*Numa outra dimensão, este projecto é desenvolvido envolta da memória onde há, primeiramente, uma abordagem pessoal sobre as memórias de uma infância e, de seguida, uma procura por alternativas ao uso de material de arquivo. Por este revelar-se insuficiente, expõem-se algumas estratégias de representação dentro e fora do documentário como forma de retratar um tempo passado e de envolver o espectador na história.*

*Com este projecto e a realização deste documentário pretende-se que o espectador se identifique com a temática e que, posteriormente, reconheça o valor dos espaços exteriores como um meio de exploração e de conhecimento do mundo para a infância.*

**keywords**

*childhood, memory, neighborhood, documentary*

**abstract**

*"Neighborhood's Times" explores the disappearance of a childhood's habit which was common among previous generations. Based on personal childhood memories, this documentary shows a period where playing in the street was a normal portrait of a neighborhood. As such, throughout this work I revisit a past and report the experience of a place. Memories are evoked and after It questions the disappearance of this childhood 'tradition'.*

*On another dimension, this project is developed around the memory where there is first a personal approach about childhood memories and then a search for alternatives to the use of archival material. As this one was insufficient, some strategies of representation inside and outside the documentary film are shown in order to describe a past time and to involve the spectator into the story.*

*Through this project and documentary, I intend that the spectator can involve and identify himself into the subject, recognizing afterwards the value of outdoor spaces benefits as a way of exploration and knowledge to a child's world.*

***índice***

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>
<b>3</b>	<b>1. A INFÂNCIA - UM PERCURSO DE FORA PARA DENTRO</b>
<b>6</b>	<b>2. A RECUPERAÇÃO DAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E A CONSTRUÇÃO DO PASSADO</b>
<b>6</b>	<b>2.1. A memória de infância</b>
<b>11</b>	<b>2.2. A memória e a produção das imagens</b>
<b>15</b>	<b>3. AS MEMÓRIAS (DE UM) PASSADO E A REALIZAÇÃO</b>
<b>15</b>	<b>3.1. O registo verbal como suporte da evidência visual</b>
<b>16</b>	<b>3.2. O espaço da experiência reconstruído</b>
<b>17</b>	<b>3.3. Reavivar a memória: estratégias</b>
<b>19</b>	<b>4. RELATÓRIO DO DOCUMENTÁRIO "TEMPOS DE BAIRRO"</b>
<b>27</b>	<b>CONCLUSÃO</b>
<b>28</b>	<b>FILMOGRAFIA, BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA</b>
<b>33</b>	<b>ANEXOS</b>

## **Introdução**

"Já não se vêem crianças a brincarem na rua". Uma expressão frequente e que surge como questão-base para este projecto. Uma liberdade e uma tradição que tende, cada vez mais, de geração em geração, a desaparecer, se é que já não se encontra extinta.

O que era definido como uma contribuição para o desenvolvimento de competências futuras de cada criança pela forma livre e natural que partia à descoberta e à exploração de outras realidades existentes, no sentido de as desconstruir e perceber por ela própria, caracteriza-se agora por um aglomerado de actividades que vieram tomar parte desse desenvolvimento e que veio, por consequente, romper a procura por aquela ligação que a criança tinha com o mundo exterior. Ao realizar este projecto pretende-se questionar o desvanecer das brincadeiras de rua explorando as memórias de uma infância livre, autónoma e independente cujas experiências são o resultado de um conjunto de explorações desencadeadas pela curiosidade do desconhecido. Para tal, com o poder de aproximar mundos, partilhar opiniões e de oferecer através da própria vida momentos reais com os quais nos identificamos, o documentário vem revelar-se como a narrativa mais adequada para abordar o pretendido: envolver o espectador, direccionar o seu olhar e sugerir uma reflexão sobre a perda de certos hábitos que, por vias modernas, caíram no esquecimento.

Ao longo deste trabalho exploram-se as memórias de uma infância pessoal e compara-se o espaço do passado, intenso e movimentado, com o espaço do presente, vazio e agora nostálgico. Devido à escassez de material de arquivo para a realização deste documentário cabe, pois, a este ensaio, expor estratégias de representação de uma infância passada baseando-se não só nas descrições dadas pelos intervenientes como também em memórias pessoais de infância. As estratégias de representação no documentário contemporâneo apresentam-se cada vez mais variadas e sob diversas formas, onde muitas vezes recorrem às características de outros géneros cinematográficos para representar a memória ou o que não é possível ser representado de outra forma. Como tal, são exemplificados alguns documentários que se apropriaram de elementos pertencentes à ficção e à animação para retratar eventos passados cujo registo é inexistente. Por fim, é apresentado um conjunto de estratégias fílmicas de modo a atingir uma identificação por parte do espectador com as histórias que estão retratadas no filme. Recorre-se à nostalgia e à recordação do passado de modo a estabelecer uma ligação mais afectiva e, assim, apelar à consciência do espectador, indicando e descrevendo o modo reflexivo como o modo dominante deste documentário, estipulado por Bill Nichols. Recorre-se, pois, à

imaginação e apresentam-se algumas referências como alternativas para trabalhar esse passado. "News from Home" (1977) de Chantal Akerman, onde a relação entre a *voz-off* e a imagem fazem suscitar todo um universo imaginativo, "Places Other People Have Lived" (2011) de Laura Yilmaz, que apresenta uma alternativa ao material de arquivo e reconstrói memórias utilizando várias técnicas de animação e trabalhando o som. Por último, "L'année dernière à Marienbad" (1961) de Alain Resnais e "Distant Voices, Still Lives" (1988) de Terence Davies, onde através da combinação entre os vários elementos de construção de um filme como a imagem, o som e a montagem, é transmitido um efeito de recordação e é dada uma percepção de memória ao espectador.

Diverso e complexo, o cinema documental tem vindo a ser influenciado por vários contextos. Sempre em modo de descoberta, vem possibilitando a abertura de novos e diversos horizontes da realidade, procurando caracterizar pequenos detalhes da vida. "They are portraits of real life, using real life as their raw material, constructed by artists and technicians who make myriad decisions about what story to tell to whom, and for what purpose" (Aufderheide, 2007, p. 2). A sua capacidade de imaginação e fascínio tem vindo a desafiar cada vez mais as fronteiras entre a ficção e o documentário, enriquecendo cada vez mais o seu carácter realista. Para além de um desafio, é o prazer de pegar em material que o mundo real dispõe e, através da imaginação e da criatividade, contruir algo e dar-lhe um sentido, uma forma e um propósito. Construir uma narrativa e partilhá-la. Através desta abordagem, pretende-se estabelecer uma ligação entre o espectador e as histórias retratadas, como forma de transportar-se a outro espaço temporal e a rever-se na sua própria infância.

Ao mesmo tempo que o mundo exterior vai-se alterando em função dos novos estilos de vida também vai perdendo a sua utilização e a sua importância, caindo por vezes no esquecimento pela falta ou pela inexistência de uma presença que o valorize. A infância fecha-se dentro de portas e os lugares voltam a espaços, esperando novamente por uma identidade. Uma vez que se frequentou e criou-se, de certa forma, um núcleo de relações e recordações, os espaços do bairro encontram-se novamente à espera de uma identidade, de modo a não se restringirem a um mero cruzamento impessoal entre pessoas e a relembrarem os prazeres de uma ocultada interacção entre crianças vizinhas.

## 1. A infância - um percurso de fora para dentro

Com este capítulo introdutório pretende-se explorar não a definição da infância nem do brincar ao longo dos tempos mas sim reunir vários elementos e factores que, subtilmente, foram empurrando a infância para dentro de portas, tornando-a cada vez mais protectora e planeada tanto dentro como fora de casa.

Este é um assunto que vem já a ser explorado há algum tempo, nomeadamente através da forma de experiências pessoais, artigos e notícias e que foi impulsionado por um conjunto variado de factores que se convergiram. Sobrevoando um pouco pela história da infância, vimos a descobrir que as novas tecnologias em seu redor de que tanto hoje se discute, como os *tablets*, as redes sociais, etc, são simplesmente um acentuar da situação em causa e não a resposta ao desaparecimento de uma tradição em que só a nostalgia de quem o experienciou pode, na verdade, tirar o devido prazer. Com a sucessão de vários factores juntamente com o avanço dos brinquedos e das várias formas de entretenimento ao longo dos tempos, a própria sociedade é que foi definindo e moldando a infância.

De *Children At Play: An American History* (Howard Chudacoff, 2007) podemos extrair que até ao século XVI a infância por si só quase não existia ou sequer era mencionada, ou seja, não havia uma distinção entre a criança e o adulto, ambos tinham os mesmos direitos legais e a criança era conhecida como um pequeno adulto. Aliás, segundo Neil Postman<sup>1</sup>, o que delineou a distinção entre um adulto e uma criança foi o aparecimento da imprensa escrita, em 1450, por Gutenberg. Com o aumento da taxa de alfabetização, o adulto só se "consagrava" como tal se soubesse ler e, iniciando-se uma aprendizagem às idades inferiores, surgiram as escolas:

"(...) in less than one hundred years after the invention of the printing press, European culture became a reading culture; which is to say, adulthood was redefined. One could not become an adult unless one knew how to read." (Neil Postman, 1992, p.151)

Desde então, o conceito de infância foi-se definindo à medida que a própria sociedade foi evoluindo. Howard Chudacoff (2007) enumera vários factores que, a partir dos anos 50, foram influenciando aquilo que a infância é hoje e que foram empurrando a criança para dentro de portas. Como por exemplo, a partir da Segunda Guerra Mundial, o número de nascimentos fora dos casamentos aumentou assim como a taxa de divórcios. A mulher começou a ter o seu próprio emprego fora de casa e o número de familiares em casa tornou-se reduzido. Para colmatar essa ausência, não só os pais começaram a inscrever os

---

<sup>1</sup> em *Disappearance of Childhood*, 1992.



filhos em instituições recreativas a seguir ao horário escolar como também eclodiu todo um universo consumista à volta de roupas, brinquedos e de comidas próprias para crianças. Os jogos, os livros e as roupas começaram a ser identificados e destinados a idades específicas. Relativamente a este período, Howard Chudacoff resume que "age served as a key determinant in children's daily lives as much as gender did" (2007, p.161). Para além disso, o aparecimento de uma epidemia de pólio verificada durante a década de 50 como também os incidentes causados e verificados a partir desse período envolvendo automóveis, bicicletas e brinquedos, levaram a que a própria rua e as actividades não vigiadas comesçassem a ser um factor ameaçador (Chudacoff, 2007, p.164). Na verdade, mais ameaçador ainda, talvez tenha sido o aparecimento da televisão que começou a saltar em cada família, e ainda o faz de forma desesperada, as suas notícias de inúmeros casos de abusos de crianças e sequestros. Oferecendo uma programação completa aos seus telespectadores, para Neil Postman (1992), a televisão foi assim o início de um grande contributo para o sedentarismo infantil, não apenas físico mas também social e intelectual e que veio substituir grande parte das brincadeiras ao ar livre. No seu artigo, Neil Postman caracteriza e relaciona a influência da televisão no mundo infantil:

"And it is my contention that with the assistance of other media such as radio, films and records, television has the power to lead us to childhood's end (...) television is essentially non-linguistic, it presents information mostly in visual images." (1992, p. 154)

O receio pela ameaça do meio ambiente começou a ser frequente, os pais começaram a evitar que os seus filhos se mantivessem longe das suas casas onde não os conseguissem vigiar e o brincar tornou-se mais planeado e organizado dentro e fora de casa. Com isto, a produção de brinquedos aumentou da mesma maneira que a sua proliferação através, maioritariamente, de publicidades televisivas que viriam a ser recepcionadas directamente pelas crianças e por elas desejadas, conquistadas assim, mais que nunca, pelo mercado infantil. Também, mais tarde, a grande fascinação pela maior interactividade proveio de meados dos anos 80 com a chegada dos videojogos. Agora através de um ecrã, um novo tipo de brincadeira instalou-se contribuindo, de uma forma geral, para a falta de comunicação entre amigos e familiares e, de modo evidente, para a redução de tempo passado fora de casa a brincar.

Todavia, a evolução do ecrã foi significativa e, nos dias de hoje, não só enfrentamos os videojogos como também a quantidade de aparelhos e seus acessórios que a cada dia as empresas lançam para o mercado e que têm como público alvo não só o adulto mas também a criança quem, desde cedo, possui toda uma parafernália tecnológica tais como os *tablets*, os telemóveis e os computadores onde ocupam grande parte do seu tempo, ao

contrário de como era feito em décadas anteriores, onde uma criança poderia correr para fora de casa e instalar-se num universo por ela imaginado, explorando assim cada canto do seu bairro juntamente com todas as outras crianças vizinhas, contribuindo e desenvolvendo as suas capacidades futuras. Entre várias críticas existentes ao actual universo de jogos de computadores, surge a de Dr. Spock, citado por Johnson Steven (2006, p.17), que tais jogos "may help promote eye-hand coordination in children" mas que a maioria deles "are a colossal waste of time".

Assim, em menos de um século toda a infância foi redefinida, mudaram-se os tempos e as brincadeiras. Sendo um indivíduo de pouca capacidade crítica, a criança torna-se submissa a quem está encarregue do seu desenvolvimento enquanto ser humano. Os brinquedos passaram, pois, a ser um factor inerente ao conceito de brincadeira e o brincar passou a ser dependente daquilo que a sociedade estipulou como adequado para as crianças. Concluímos, pois, que o conceito de infância foi sempre influenciado e redefinido pelo resultado dos inúmeros acontecimentos que foram surgindo ao longo da própria evolução da sociedade. Contudo, "it is hard to conclude that adults have taken the fun out of childhood", conclui Howard Chudacoff (2007, p. 222).

## 2. A recuperação das memórias de infância e a construção do passado

"It is on the plane of the daydream and not on that of facts that childhood remains alive (...)" (Bachelard, 1994, Cap I - p.16)

O conceito de nostalgia foi em tempos definido como "the sad mood originating from the desire to return to one's native land" (Hofer citado por Sprengler, 2009, p.12), ao descrever os sentimentos dos soldados suíços que serviam no estrangeiro durante a guerra. Ao evocar memórias de infância, o desejo não é voltar atrás no tempo e no espaço mas sim de rever uma felicidade rodeada pela inocência de uma infância preenchida e de valorizar o que foram os pilares de toda uma estrutura de construção do "eu".

Por entre fragmentos de memória, vagueia-se pela infância, por momentos cobertos de alegria mas também de desgosto, inveja e ciúmes. Flutua-se, por vezes, pela exploração e pela descoberta, por novas situações e novos sentimentos. Sendo a fase da vida dedicada ao sonho, ao risco e à descoberta, a infância torna-se, muitas vezes, na melhor parte de nós e por tentarmos constantemente revê-la surge-nos, pois, a nostalgia pelo passado.

Numa primeira parte, é apresentada uma abordagem mais pessoal, relatando as experiências e as memórias de uma infância, não esquecendo o significado do bairro e, numa segunda parte, num campo mais prático relacionado com a área do cinema documental, procura-se expor estratégias de representação para a construção de um passado como alternativa ao material de arquivo, considerado escasso neste projecto.

### 2.1. A memória de infância

**MOM:**

00:09:37 Run around, scrape your knees, get dirty.

00:09:41 Climb trees, hop fences.

00:09:43 Get into trouble, for crying out loud.

00:09:46 Not too much, but some. You have my permission.

00:09:50 How many mothers do you know who say something like that to their sons?

("The Sandlot", 1993)

Mudei-me para um bairro na cidade de Ponta Delgada quando tinha 5 anos, em 1995. Quando me instalei, as escadas ainda eram de cimento e a rua estava identificada com o número 4. A minha família foi a primeira a residir o prédio. Lembro-me do meu primeiro sonho na primeira noite em que lá passei que infelizmente deixou de o ser quando me apercebi de que as pessoas que entravam nele só as conheceria alguns anos depois. Eram crianças vizinhas que desciam desesperadamente a rua aos gritos. Eu ia na frente repleta de aflição e, olhando para trás, ao mesmo tempo que corríamos, os apartamentos iam-se destruindo um a um, resultando assim em atropelamentos e caos entre nós todos. Na verdade, não consigo identificar ninguém, excepto um vizinho do então prédio de cima. Aproximando-se de mim com as mãos nos ouvidos, soou um grito que se desfez quando abri os olhos. Eram 7h30 da manhã. Liguei a televisão e tomei o pequeno almoço. Vesti-me e saltei para cima da cama da minha mãe dizendo que ia lá para fora brincar. De tão cedo que era, não consegui obter uma resposta perceptível. Mais tarde, ela chamar-me-ia pela janela para ir almoçar. Eram assim as manhãs da minha infância no meu bairro. Não tinham fim, só um início repleto de sonhos e de uma vida infinita pela frente.

Bicicleta, *skate* ou patins em linha, subia-se e descia-se as escadas sempre com algo diferente para levar lá para fora. Jogava-se à caça ao tesouro, ao jogo dos sustos inventado pela vizinha Ana que era uma mistura de dois jogos, escondidas e apanhadas, ao jogo do lencinho, entre muitos outros. O futebol era, sem dúvida, o ex-líbris do bairro que, mesmo não sabendo chutar uma bola, todos reuniam-se para jogar. O vólei resultava numa estrutura de rede improvisada em que, criando uma extensão com os vários cintos de judo, amarravam-se do poste até aos fios de electricidade das garagens. Estes, moldando-os, serviram também como arco para jogar basquetebol. Escreviam-se os nossos nomes nos bancos verdes e bem pintados do pátio com a ajuda das chaves de casa e neles davam-se cambalhotas e fazia-se equilíbrio a toda a hora. Inventavam-se muitas outras coisas e fora do bairro os vizinhos organizavam acampamentos de verão. Tomavam-se banhos de mar pelas rochas e à noite observavam-se as imensas estrelas cadentes que passavam pelo céu acima de todos nós. Ficávamos maravilhados com toda aquela escuridão. Mas mais maravilhados ainda, eram as aventuras nocturnas ao antigo posto militar da Castanheira pois para além de se traduzir num misto de sensações ao mesmo tempo de receio, adrenalina e curiosidade, era uma passagem para um outro mundo, uma paragem no espaço e no tempo. Subiam-se portões e muros de pedra, rastejava-se na relva e atravessava-se a via rápida, tudo para chegar ao monte que se erguia ainda a uma certa distância do perímetro do bairro. Lanternas, botas e uma boa dose de coragem eram os requisitos para embarcar nesta aventura, ainda hoje desconhecida por muitos pais.

Lá no bairro, para além das brincadeiras também haviam tradições. No dia das bruxas, cosíamos as nossas roupas, os nossos sacos e íamos de porta em porta gritar por

"doces ou travessuras!". Com os sacos abarrotados, adquiríamos um arsenal de bombons para os meses seguintes. No carnaval, a guerra era feita de balões de água e das nossas varandas bombardeávamos os nossos inimigos que passavam estrategicamente pela rua. Por fim, para concluir o que o bairro significava na altura, a sua dimensão no mundo de cada um de nós, o personagem Gordie Lachance, em "Stand by Me" (1986), resume-o referindo-se à cidade onde vive cuja dimensão assemelha-se a de um bairro no seu país: "there were only 1.281 people, but to me it was the whole world". O bairro era a nossa realidade. Sair dele seria impensável, as suas fronteiras eram limitadas porém inexistentes. Toda aquela liberdade e independência que outrora se julgava ter e a necessidade de ter que estar, continuamente, em modo de descoberta e de exploração eram elementos em que se acreditava para sempre inerentes à nossa maneira de ser como seres humanos. No entanto, a entrada para a fase adulta alterou subtilmente a percepção sobre essa forma de estar no mundo e o bairro tornou-se num simples conjunto de ruas entrecruzadas, cada uma escondendo na sua mais profunda camada de alcatrão vários aglomerados de pequenas histórias da nossa infância. O presente moveu-se para um local do passado e "a nossa rua" deixou de ser "a nossa rua".

I can recall the day  
When childhood died  
I had grown thin and tall  
And eager-eyed.

Such a false happiness  
Had seized me then  
A child, I saw myself  
Man among men.

(...)

(John Freeman, 1919, em *Memories of childhood and other poems*, p. 24)

Os anos passaram e sem dar por isso, o bairro tornara-se vazio. O degradado afogou-se numa camada nova e fresca. As paredes foram pintadas, as telhas substituídas, às estradas foram adicionados alguns quilos de alcatrão e as linhas de trânsito reforçadas. O presente sobrepôs-se, assim, a um tempo passado. A um tempo onde as crianças brincavam nas ruas dos seus bairros e enfrentavam o desconhecido. A um tempo onde era possível, de uma forma livre, isto é, sem a interferência de um adulto, a construção e

imaginação de todo um universo próprio onde pudessem interagir e juntas partir à descoberta de coisas novas, explorando e reinventando os espaços consoante as suas necessidades e desejos. A um tempo onde a infância era fora de portas e sim, a um tempo que se afirmou como uma contribuição para o desenvolvimento de competências futuras de cada um.

O tempo que foi passado e as experiências que foram criadas nos vários espaços do bairro criaram nalguns deles, por vezes, um certo significado de pertença, o que nos permitiu socializar e de lá planear e partir para quaisquer aventuras. Tuan define e relaciona o lugar como segurança enquanto que os espaços como liberdade (1977, p.3), e desenvolve:

"From the security and stability of place we are aware of the openness, freedom, and threat of space, and vice versa. Furthermore, if we think of space as that which allows movement, then place is pause; Each pause in movement makes it possible for location to be transformed into place." (Tuan, 1977, p.6)

Nos lugares combinavam-se ou proponham-se desafios, tais como explorações nocturnas às casas abandonadas e pequenas caminhadas até ao posto de gasolina só para ver se aconteciam coisas novas. Nestas pequenas aventuras era então que, pelo caminho, vigiávamos o cemitério onde vários lagartos rastejavam pelos seus muros e ficávamos tentados a averiguar o que era dito sobre as suas caudas. Com o auxílio de um pau, entrava-se numa operação cirúrgica ao lagarto, o seu rabo era cortado minuciosamente e logo de seguida era iniciado um compasso de espera de forma a verificar-se se realmente as suas caudas cresciam novamente. O contacto com a vida e com as coisas aconteciam. A curiosidade era inseparável à nossa forma de ser, o que nos fazia querer estar constantemente à descoberta de coisas novas. Era uma incessante necessidade de explorar e experimentar tudo o que não sabíamos. As idas ao "quartel" era toda uma vontade de descortinar o desconhecido e de desafiar o perigo que pensávamos existir.

No entanto, do terreno onde andávamos de bicicleta e do muro onde se faziam as experiências aos pequenos reptéis, ergeu-se um centro comercial. Do outro lado do bairro uma alta e moderna igreja e do enorme descampado onde existia uma casa abandonada construiu-se um acesso para a via rápida, o que veio posicionar o bairro como o segundo centro da cidade, contribuindo, assim, para um aumento da circulação de carros e pessoas na zona. Em poucos anos, o nosso pequeno e oculto universo dissipou-se. Os espaços que incitavam à exploração foram substituídos por edifícios e revestimentos de betão. O presente impôs-se rapidamente. Os lugares deixaram de o ser e passaram novamente a designar-se como espaços. Neles detém, agora, um certo vazio onde se sente a ausência

de algo agora nostálgico. Já não se vêem crianças a brincarem nas ruas do bairro. Porém, os espaços para tal parecem também ter diminuído. Caracterizando os lugares especiais das crianças como espaços de refúgio ou de exploração fora de toda a esfera institucional, Bresson escreve que:

"As the vacant lot becomes another shopping center, children's opportunity for exploration, education and intimacy with the natural world is diminished. Children's special places are lost and supplemented with places built for children." (2009, p.31)

O campo de terra onde se costumava jogar futebol encontra-se agora repleto de relva verde com um pequeno parque de entretenimento para crianças. Ao domingo ou nas férias avista-se, por vezes, uma ou outra criança de bicicleta ou de *skate*. A sua presença é cada vez menos frequente. O brincar alterou-se à medida que a sociedade foi-se moldando e adoptando novos hábitos. As brincadeiras de rua foram, assim, substituídas pelos videojogos e por outro tipo de entretenimento incluídos nos *tablets*, nos telemóveis e nos computadores. O tempo disponível também se tornou diminuto no sentido de que agora o dia-a-dia das crianças é dominado pelo dito "triângulo institucional", as casas, as escolas e as instituições recreativas (Rasmussen, 2004, p.157). Especialistas dizem que "children's learning consists not of information but the acquisition of knowledge in the form of skills, where every human being is a centre of awareness in a field of practice" (Harris e tal, 2000, p.49) e que esta falta de contacto directo com o mundo e com as coisas, com a natureza e com os objectos, pode resultar na diminuição das suas competências futuras e das suas capacidades tais como falta de criatividade e de capacidade de recreação, dificuldades de memorização, de organização e estratégia, entre muitos outros. A criança de hoje detém, na verdade, um maior conhecimento das coisas mas não o próprio experienciar.

Esta liberdade que permitia à criança a construção de um mundo por ela imaginado e a partir daí obter uma maior facilidade em decifrar o mundo real ou as várias realidades existentes no mundo, desvaneceu-se com o passar dos anos. Citando Louv, "for a new generation, nature is more abstraction than reality. Increasingly, nature is something to watch, to consume, to wear - to ignore" (2005, p.2).

## 2.2. A memória e a produção de imagens

"All memory has to be reimagined. For we have in our memories micro-films that can only be read if they are lighted by the bright light of the imagination." (Bachelard, 1994, p.175)

Na pré-produção de um documentário, procuramos sempre por informação relativa ao assunto que se vai trabalhar, mais propriamente algo que comprove o nosso argumento ou a veracidade da história que apresentamos. Quando o material de arquivo se torna quase inexistente, a procura por estratégias de representação não tem fronteiras e a nossa memória e imaginação torna-se nos melhores alicerces para conseguir transpor para o ecrã as experiências derivadas de um passado. Como tal, pretende-se, ao longo deste sub-capítulo, reflectir sobre diferentes alternativas de representação existentes no documentário contemporâneo que têm vindo a desafiar as fronteiras entre ficção e documentário.

O termo "documentário" foi aplicado pela primeira vez por John Grierson ao escrever no *The New York Sun* sobre o filme *Moana* (1926) de Robert Flaherty como tendo "documentary value" e depois em 1932 redigiu *First Principles of Documentary*. Neste artigo, Grierson acreditava que a utilização de actores e cenas ambos "originais" facilitariam uma melhor interpretação do mundo moderno e que materiais e histórias no seu estado natural tornar-se-iam mais reais do que um guião representado (Grierson, 1932-34, p.21). Grierson acreditava que o documentário poderia alcançar "(...) an intimacy of knowledge and effect impossible to the shim-sham mechanics of the studio" (Grierson, 1932-34, p.21) e definiu o documentário como o "tratamento criativo da realidade", cuja realidade a ser retratada seria submetida à criatividade de cada cineasta sob um ponto de vista pessoal. A definição ainda hoje se adequa, no entanto, o conceito tornou-se muito mais abrangente, na medida que o dito "convencional" é hoje referido a algo construído através de "digital-based means of capturing footage and a new palette of post-production techniques, resulting in the stretching of familiar documentary modes of representation into new directions." (Hight, 2008, p.3).

Assim sendo, o documentário contemporâneo reveste-se sob diversas formas para representar aquilo que o inspira: o real. Não só é estendida uma vasta diversidade de filmes como o realismo é também aumentado principalmente pelas novas formas de criação. Como por exemplo, "Waltz With Bashir" (2008), de Ari Folman, um documentário animado em que o próprio realizador vagueia pelas memórias dos seus companheiros veteranos de guerra de modo a reconstruir as suas próprias memórias de quando prestou serviço militar durante o período da invasão do Líbano em 1982. A representação através da animação 2D e o seu forte estilo visual oferecem à história um maior realismo, este reforçado ainda mais no final



do documentário pela transformação da animação numa imagem de arquivo do massacre do qual Folman fez parte. Este contraste choca com a consciência do espectador, oferecendo uma maior veracidade à história, como se o realizador insistisse em realçar a dimensão da natureza emocional do acontecimento. Segundo Roe (2013), o uso de animação neste documentário funcionou como "(...) a tool to explore and reveal hidden or forgotten pasts" (p.26), acrescentando que a animação tem a capacidade de representar "(...) psychologically distal aspects of life beyond the reach of live action" (p.22). Diferentemente, "The Thin Blue Line" (1988) de Errol Morris, onde denuncia a injustiça do sistema judicial em Dallas County, Texas, através de uma combinação fascinante entre ficção e documentário como forma de reconstrução de uma cena de crime. A conjugação de imagens ficcionais com os vários testemunhos apoiam a própria estrutura e argumento do filme, levando a que o espectador sinta uma maior envolvimento na história. Para além disso, todo o seu carácter estilístico, tanto imagético como sonoro, coloca-nos numa grande atmosfera atractiva criada pelo mistério da história que nos faz querer participar na própria investigação e também querer acreditar naquilo que nos é apresentado. Relativamente ao conceito de documentário, escreve Bill Nichols que o documentário "as a concept or practice occupies no fixed territory. It mobilizes no finite inventory of techniques, addresses no set number of issues, and adopts no completely known taxonomy of forms, styles or modes" (1991, p.12). No entanto, existe sempre "one thing in common: each springs from a definite need" (Dunne, 1946, p.101).

Apesar do documentário ser considerado muitas vezes como uma alternativa à ficção, a verdade é que este tem vindo cada vez mais a apropriar-se dos seus elementos para representar o que não consegue através de meios convencionais como a fotografia. Novas estratégias são procuradas e preferidas pelos cineastas, tanto em termos formais como estilísticos, como o recurso à ficção e à animação, optando pela narrativa ficcional, sequências de actos encenados, animação como forma de recriação de eventos passados e sobreposições entre imagem e som como representação da memória.

No seu livro *Animated Documentary* (2013), Roe escreve que "(...) the animation could be considered a creative solution to a problem: the absence of filmed material." (p.24). "Chicago 10" (2007), de Brett Morgen, é um documentário sobre o julgamento de 8 jovens activistas que foram suspeitos de conspiração e de provocar a revolta durante um protesto ilegal no decorrer da Convenção Democrática de 1968, onde manifestavam o seu descontentamento contra a guerra no Vietname. Brett Morgen mistura material de arquivo com uma recriação animada da sala de tribunal, baseada nas transcrições e registos sonoros do julgamento, e explica como optou por recriar o evento através da animação:

"(...) for a while I was trying to figure how to present the trial and I came across the footage from Jerry Rubin who described the trial as a cartoon show (...) this trial was like a circus, I mean, It was very over the top and animated to begin with so it seemed like that would be the perfect style to represent it." (Entrevista de NPR, 2008, 00:08:51)

Outro motivo que o fez optar pela animação e não pela realização de entrevistas designadas normalmente por *talking heads* foi o facto de querer mostrar ao público como os activistas eram na altura:

"(...) I wanted the audience to see the participants as they were at the time, 20 years old and kids in their early thirties." (Entrevista de NPR, 2008, 00:08:27)

Semelhante ao documentário de Errol Morris anteriormente referido, "The Imposter" (2012), de Bart Layton, revela-se um documentário sobre o caso de um jovem francês que fez-se passar por Nicholas Barclay, um rapaz que havia desaparecido 3 anos antes no Texas. Após centrar a atenção no modo como o impostor conseguira adoptar a identidade de Nicholas e ter inventado com sucesso o percurso a que fora sujeito de raptos e sequestros, o enredo começa a direccionar-se para a família de Nicholas que começa agora a ser suspeita de estar envolvida no seu desaparecimento devido à facilidade com que receberam o impostor, o qual apresentava grandes diferenças relativamente ao desaparecido. Equilibrando com a própria história, Layton adopta um visual característico dos filmes noir e apresenta um ambiente de suspense e mistério. Como forma de ilustrar os vários testemunhos, Layton recria todo o acontecimento produzindo sequências ficcionais baseadas nas entrevistas realizadas e em material de arquivo. Explica a relação entre a história e a escolha do visual do filme dizendo que "It's that much stranger than fiction that it requires a treatment that is stranger than documentary." (Entrevista de Holan, 2012) e ainda acrescenta uma opinião sobre as fronteiras entre ficção e documentário:

"I'm really interested in challenging this perception that there are genre boundaries that you shouldn't cross (...) I think as you go into pure fiction you kind of lose something that's amazing about human beings." (Entrevista de Nigel M Smith, 2012).

Para além destas duas formas de representação como resposta à ausência de material de arquivo, um tipo de narrativa, associado normalmente ao género ficcional, foi adoptado neste projecto permitindo o espectador experienciar outro espaço temporal e ser conquistado pela nostalgia do passado. Falamos de uma narrativa nostálgica construída através de uma estrutura de *flashback*, pensada para envolver o espectador e conseguir a sua atenção para a questão base deste projecto. Com o intuito de emanar o espectador com

uma sensação de nostalgia, dos espaços emergem experiências do passado, histórias das quais eles são testemunhas. Embora de maneira diferente, são apresentados dois exemplos em que a história surge a partir de um *flashback*, retornando às memórias de uma infância. Em "The Sandlot" (1993), de David M. Evans, há um personagem que entra numa sala de um estádio e em *voz-off* há o relato de um período específico da história do baseball. A certa altura, ao mesmo tempo que a *voz-off* (em 1ª pessoa) vai particularizando a história, a câmara movimenta-se para o lado e foca-se numa fotografia dos tempos de infância do personagem passados num bairro. Surge um dissolve e viajamos para o tempo recontado pela *voz-off*. Para além desse filme, também "Stand by Me" (1986), de Rob Reiner, onde o personagem principal retorna à sua cidade natal para o funeral de um dos seus antigos colegas de bairro. Com o carro estacionado numa estrada rodeada por um descampado, passam dois rapazes de bicicleta. O personagem fixa o olhar e, enquanto é realizado um *zoom in* sobre o plano do personagem, este começa a narrar um período de infância e as aventuras do seu antigo bairro. Neste segundo exemplo podemos ver a revisitação de um lugar como um despoletar de recordações e nostalgia. Na estrutura de um filme normalmente esse efeito é produzido "(...) by the content of the voiceover and supplemented formally by the presence of wistful nondiegetic music and an absence of diegetic sound." (Luchoomun, 2012, p.51). Para além disso, este método para integrar o espectador na narrativa através de um regresso no tempo pode servir também para aumentar o realismo psicológico (Luchoomun, 2012, p.43). Como pretendeu Bart Layton, realizador de "The Imposter" (2012):

"My big plan was to try to recreate that movie that plays in your head when someone tells you a truly extraordinary story." (Entrevista de Alexandra Byer a Bart Layton, 2012)

Desta forma, o documentário contemporâneo procura cada vez mais dissipar fronteiras entre géneros para satisfazer os seus objectivos, não deixando de aclamar as suas necessidades como verdadeiras. No entanto, o contar a "verdade" já não se apresenta como uma prioridade, mas busca pelo conhecer de si próprio e do mundo, procurando relatar experiências vividas e transbordá-las de expressividade e dramatismo, característico da era pós-modernista que recorre agora a formas, géneros e estilos passados (Conner citado por Mills, 2010, p.13). O modo como o cineasta transmite a sua história e como pretende que o espectador recepcione a mensagem, contribuirá sempre para a diversidade do documentário. Contudo, citando Mills, no documentário "(...) the real is seen as the inspiration to the end product and not the end product itself." (2010, p.37).

### **3. As memórias (de um) passado e a realização**

Com o poder de aproximar mundos e perspectivas e de oferecer elementos reais com os quais nos identificamos, o documentário transporta em si uma espécie de substância que nos faz olhar atentamente, que nos afecta e nos comove. Um olhar diferente que nos apela à consciência. É um transporte para outro mundo, para histórias daqueles que as decidem partilhar. É uma narrativa que permite uma linguagem mais directa entre o cineasta e o espectador e, por isso mesmo, adequada como vínculo deste projecto.

Numa dimensão da realização, pretende-se desenvolver uma ligação entre um passado e um presente no sentido de recordar e reviver um conjunto de pequenas histórias que outrora foram construídas por aqueles que lá cresceram e brincaram e, posteriormente, tornar visível a relação entre a existência dessas memórias e a presente realidade dos espaços a elas conectados. Pretende-se justapor uma dimensão do passado e relatar a experiência do lugar. Dar voz aos próprios espaços explorando o convívio neles existente, no sentido de realçar a importância da prática social, agora dissolvida. Através desta abordagem, espera-se que o espectador se eleve a um universo imaginário, porém baseado num tempo passado, de forma a identificar-se com a prática e, posteriormente, reconhecer o valor dos espaços exteriores como um meio de exploração e de conhecimento do mundo.

Deste modo, procura-se fazer emergir um assunto que vai sendo soterrado geração após geração pela própria sociedade. Através da nostalgia e da recordação do passado, procura-se que o espectador se identifique e estabeleça uma ligação mais afectiva, de modo a apelar à sua consciência. Desta forma, pretende-se direccionar o olhar e sugerir uma reflexão através da forma e de todo o processo de construção do filme. Segundo os tipos de documentário estipulados por Bill Nichols, "the processes of negotiation between filmmaker and viewer become the focus of attention for the reflexive mode." (2001, p.125). Para que se estabeleça uma linguagem entre ambos, torna-se necessária a construção de uma representação particular do mundo pelo cineasta para que o espectador a possa desconstruir e reflectir sobre os problemas e assuntos que ela mesmo expõe (Nichols, 2001).

#### **3.1. O registo verbal como suporte de evidência visual**

Neste documentário, os espaços do bairro são utilizados como ligação entre o passado e o espectador e a colocação de brinquedos antigos nesses espaços servem como indicação das experiências de uma infância passada. Ao filmar os patins encostados a uma

árvore ou um pião no chão junto a uma escadaria, acompanhados pelas conversas em *voz-off* descrevendo os dias passados naqueles recantos do bairro, pretende-se recriar um tempo passado e reconstruir parte de uma infância. Ao confrontar-se com estes elementos presentes na imagem, pretende-se que o espectador se envolva na narrativa e que, com isso, retorne também à sua própria infância.

Como referência para a relação entre *voz-off* e imagem, o passado e o presente, "News from Home" (1977) de Chantal Akerman, onde existe a leitura de uma carta que nos transporta para outra dimensão temporal e espacial e não só coloca o espectador no espaço e no tempo como também faz com que ele imagine mais do que está descrito nas cartas. Dá-se movimento às imagens que estão na mente do espectador pressupondo a acção que está a "decorrer". Ao ler as cartas em *voz-off* ilustrando com espaços exteriores da cidade Nova Iorque, imagina-se Chantal Akerman nos espaços filmados a ler as cartas da mãe. Mais do que uma história acerca da sua ida para Nova Iorque e a sua experiência naquela cidade, é o relato da vida dos pais durante a sua ausência. Para além de se conseguir adquirir informação relativamente à sua condição social e ao seu estilo de vida, também nos passa sentimentos e emoções ao descrever os acontecimentos na família. Todo esse exercício de flexibilidade de imaginação é o que se pretende neste projecto. Fazer com que o espectador, ao ouvir excertos de conversas que serão acompanhados de imagens dos espaços, possa mergulhar nas palavras e teletransportar-se a outra dimensão temporal e que possa visitar em movimento toda aquela experiência.

Contudo, espera-se que todo esse envolvimento na narrativa do filme possibilite ao espectador recordar-se também daquilo que foi a sua infância, proporcionando-lhe alguns momentos nostálgicos, de modo a valorizá-la e depois reflectir sobre a infância de hoje.

### **3.2. O espaço da experiência reconstruído**

Através das conversas com alguns (ex)vizinhos, pretende-se representar o passado e evocar as suas experiências de infância no bairro. Pela lacuna de material de arquivo, tanto filmico como fotográfico, procura-se recriar essas memórias, introduzindo alguma animação sobre imagem em movimento. Como elemento impulsionador para a presença de memória nos espaços, pretende-se dar vida a espaços vazios, recordando um período onde era frequente as crianças lá brincarem, e retratar algumas das suas brincadeiras, no sentido de alcançar e despoletar uma certa e particular nostalgia de infância do ecrã para o público, através não só da imagem como também do som. Pois,

"(...) the experience of nostalgia can potentially generate an awareness of the relationship between past and present or an awareness of personal and collective desires (...) a nostalgic point of view might focus on what history neglects and lead to new and productive engagements with the past." (Farr, 2012, p.32)

Como referência visual e temática, "Places other people have lived" (2011) de Laura Yilmaz, que aborda esta relação entre a infância, memória e espaço através da imagem e do som. Através de diversas técnicas de animação, uma certa nostalgia é transbordada ao explorar as suas memórias na sua casa de infância que se encontra para venda. Anima as suas recordações sobre fotografia ou *stop motion*, com recurso não só à imagem como também ao som, este revelando-se numa mais valia para o reavivar dessas memórias. Com o objectivo de oferecer um pouco de realismo a certos planos que não possuem outra forma de representar o pretendido, "the subjective mode uses animation to 'reconstitute "reality" on local and relative terms" (Wells, 1997, p.44 de Roe, 2013, p.19). Assim, conforme as imagens pessoais de memória pretende-se ilustrar o convívio recriando algumas brincadeiras que se faziam naqueles espaços.

### **3.2. Reavivar a memória: estratégias.**

Não havendo material de arquivo em que se possa trabalhar e ilustrar o passado, e tendo como objectivo primordial neste documentário o reavivar de algumas memórias de infância aliadas a espaços específicos, a solução passa por um conjunto de estratégias englobando alguns elementos técnicos como o comportamento da câmara e a relação entre a imagem e o som - a sua dessincronização e justaposição - para que no final, através da conjugação e associação entre as várias imagens, se consiga ilustrar o acto de recordação.

Em "L'année dernière à Marienbad" (1961) de Alain Resnais, essas memórias do passado são evocadas à medida que a câmara percorre os vários espaços do hotel com movimentos pausados e fluidos incidindo-se, por vezes, em elementos particulares, "characteristic of memory", refere Damian Sutton (2009, p.130). A narrativa expõe o significado das imagens e descreve não só o que está presente mas também o que está ausente nas imagens. Com a descrição da *voz-off*, os enquadramentos gerais dos espaços e os respectivos movimentos de câmara pelos vários compartimentos do edifício mostram, assim, a presença de ambos um passado e um presente, explícitos na própria imagem do filme. Sutton escreve que a fotografia de "L'année dernière à Marienbad" não oferece uma confirmação dos factos mas sim refracta as imagens cinemáticas como um contexto de memória (...)" (2009, p.129).

Baseado nas memórias de infância do próprio cineasta, o filme “Distant Voices, Still Lives” (1988) de Terence Davies retrata a rotina de uma família de classe operária da década de 40. No início do filme é-nos apresentado o interior de uma casa com uma escadaria à esquerda. Uma personagem, a mãe, entra no plano dirigindo-se até às escadas e chama pelos seus três filhos para jantar. Estes descem as escadas, ouvimos os seus passos e as suas falas mas não os vemos. As escadas continuam vazias, uma justaposição entre o som e a imagem, entre o passado e o presente, representando vivências passadas. O recordar não é só provocado por esta relação entre som e imagem mas também pelo movimento de câmara, que parece querer transportar-nos incertamente para o sonho ou para a realidade, para o passado ou para o presente:

“The picture detaches itself from the action, moves outside of time and creates a zone of remembrance in which present and past, real and imaginary are woven together. Past and present coexist, and by contrasting the acoustic presence (footsteps on the staircase) with a visual absence (the empty staircase), Terence Davies opens up the possibility of reading the film as a mental journey into remembrance.” (Christensen em P.O.V. – N°6, 1998)

Neste projecto, possíveis presenças passadas nos espaços são apresentadas por vezes sob a forma de um *flashback*, projectado pela *voz-off* dos intervenientes, pelos sons e pela sua relação com a imagem. Ao utilizá-lo não se pretende informar sobre as brincadeiras da altura nem sobre o bairro e as pessoas mas sim ilustrar uma experiência passada que ficou retida no tempo e que no filme se apresenta num limiar entre um passado e um presente. Para além disso, o *flashback* também vem à procura de motivar e integrar o espectador na narrativa e na sua continuidade em que “sometimes the narrative situation essentially dictates the emergence of a flashback (...) which represents a more animated and narratively engaging version of the past.” (Turim, 1989, p.44).

## 4. Relatório do documentário "Tempos de bairro"

Este documentário foi concebido a partir de um convívio exterior entre crianças vizinhas que existiu durante a década de 90 num bairro na cidade de Ponta Delgada. Preferiu-se não particularizar o bairro mas sim retratá-lo de modo a que o espectador se identificasse com a prática que já não é comum nos dias de hoje. Ou seja, cingir-se não pela informação sobre o bairro e as pessoas que o residiram mas sim pelo retrato de uma época, de uma liberdade que pairava sobre as crianças e das experiências típicas de infância. Como forma de partilhar estas histórias e experiências de um tempo passado, pretendeu-se retratar os vários espaços do bairro e deles fazer emergir um passado. Assim, os espaços falariam por si e seriam os protagonistas deste documentário. Os intervenientes em voz-off serviriam para auxiliar à elevação de um mundo imaginativo juntamente com a introdução de sons de crianças e música que induzissem ao acto de recordação.

Ao longo deste quarto capítulo, são descritas as três fases de construção deste documentário referente a este projecto. O primeiro passo foi a pré-produção que consistiu na procura por um conhecimento geral e específico sobre o tema, na pesquisa de material de arquivo do bairro e do convívio, na preparação do filme, no delineamento do mapa de rodagem e do cronograma do projecto, na cedência de autorizações para a realização de filmagens nos espaços públicos do bairro e também no acordo com possíveis empresas para a cedência do material de filmagem. Numa segunda fase, o trabalho foi exterior e traduziu-se na recolha de material fílmico do bairro, imagens dos espaços, sons ambiente e entrevistas. Após o visionamento e selecção de material, foi possível dar início à montagem e à concepção dos desenhos a serem inseridos sobre as imagens dos espaços no documentário após alguns serem animados. Por fim, a pós-produção serviu para o tratamento de imagem, para o *design* de som e criação de uma música, para a possível construção de uma narração para o filme e também para a realização dos materiais de divulgação.

A construção deste documentário foi o resultado de um conjunto de aprendizagens e experiências ao longo do seu desenvolvimento e todas as fases revelaram-se igualmente importantes, cada uma com desafios diferentes e dificuldades distintas.

Como escreveu Rabiger, "the thought and planning you invest before shooting, and how thoroughly you anticipate problems, go far to ensure a successful and trouble-free shoot." (2004, p. 208). Assim sendo, a pré-produção deste projecto teve como objectivo a actualização do tema, conhecer as várias possibilidades de como trabalhar a ideia e, por fim, a preparação do filme. Numa fase inicial, procurou-se um conhecimento geral sobre a



temática pelo que se recorreu a artigos, livros, teses, fotografias e notícias, entre outros, no sentido de adquirir uma melhor percepção e consciência em relação ao tema a abordar. Fez-se também uma pesquisa sobre o bairro em si nomeadamente nas empresas de construção, apesar do material não se encontrar em condições, na Câmara Municipal de Ponta Delgada, onde se adquiriu o processo de construção do bairro e também através do contacto com os responsáveis pelo surgimento da Cooperativa de Habitação Arcanjo Lar, ao que estes forneceram um conjunto de fotografias que data do início da construção do bairro, em 1982, quando este era ainda um simples terreno para gado. Com esta recolha, reuniram-se imagens de arquivo, plantas das casas e alguns mapas da zona (Figura 1). Em relação ao convívio em si, a recolha de material de arquivo não se revelou suficiente pelo que só foi possível reunir meia dúzia de fotografias de uma fase mais tardia em que as máquinas fotográficas digitais começaram a tornar-se acessíveis.



**Figura 1 - À esquerda uma fotografia de arquivo datada de 1982/83 aquando da construção do bairro, o qual podemos localizá-lo acima do pavilhão vermelho, e à direita uma paisagem mais recente da mesma zona da cidade retirada de "Tempos de bairro", agora com mais edifícios em redor e movimento nas ruas.**

Para além disso, realizaram-se entrevistas de pesquisa a alguns (ex)vizinhos que fizeram parte das brincadeiras de rua, optando por aqueles que residiram em períodos e sítios diferentes do bairro como forma de comparar as histórias e brincadeiras de cada um. Como tal, Joana Brum Sousa e Paulo Oliveira residiram nos primórdios da construção do bairro, embora em ruas diferentes e, conseqüentemente, em grupos de crianças diferentes mas que, mais tarde, acabaram por se juntar ao resto do bairro. A Ana Ferreira que veio numa segunda fase de construção do bairro e Liliana Carvalho durante a construção dos apartamentos que acabariam por ser construídos em meados dos anos 90. Paula Moniz, por sua vez, também residiu nos apartamentos mas com a função de mãe do João, uma das crianças que também brincou lá fora. A partir destas entrevistas foi possível listar uma série de brincadeiras, histórias, questões e perspectivas diferentes sobre a temática e serviu

também para analisar as qualidades de cada um e fazer uma selecção das pessoas que eventualmente viriam a integrar este documentário.<sup>2</sup>

Foi então estruturado um conjunto de tópicos a questionar nas entrevistas no período de rodagem do filme. Cada um seria testemunha de uma parte diferente do bairro por residirem em zonas diferentes e, conseqüentemente, experiências diferentes, e cada um teria a sua própria abordagem. Com isto começaram a surgir ideias para a estrutura inicial deste documentário como também novas questões e directrizes em relação à sua abordagem fílmica.



Figura 2 - *Repérage*.

Uma parte importante e muito útil para a rodagem do filme foi a realização de uma *repérage* ao local que consistiu no reconhecimento dos espaços e no estudo da luz pretendida durante o dia (Figura 2). Através desse reconhecimento, pôde-se estudar e preparar os planos para o filme e para a sua estrutura inicial, saber os dias da semana e as horas onde realizar cada filmagem e, com isso, construir um *storyboard*. Delineou-se, depois, um mapa de rodagem com as gravações na sua maioria aos fins de semana devido ao trânsito e ao ruído indesejado da cidade.

No decorrer da análise ao pouco material de arquivo que foi possível recolher, iniciou-se uma procura por alternativas que pudessem retratar, de alguma forma, o convívio que existiu no bairro. Optou-se, então, pela introdução de desenhos que seriam depois animados no documentário e pelo som que seria inserido em pós-produção. Por fim, após ser redigida uma proposta contendo as pesquisas efectuadas, recolhas de material de arquivo, meio de abordagem para o filme e respectivas referências visuais, estruturou-se o filme de maneira a que, inicialmente, pretendeu-se a descrição das brincadeiras e depois um

---

<sup>2</sup> Entrevistas transcritas em Anexos.

aprofundamento das histórias. O conflito do documentário seria o questionamento do desvanecer desses hábitos de rua e, por fim, uma reflexão final contendo uma certa nostalgia. Desta forma deu-se início à produção do filme.

Da segunda fase de construção deste documentário constou o trabalho de campo que revelou-se num exercício de paciência e persistência pela procura do melhor. Por vezes o clima não se mostrou dos melhores e nem sempre a escolha dos planos anteriormente pensados foram os definitivos. No decorrer da rodagem, procedeu-se também ao visionamento e à selecção do material, o que permitiu dar os primeiros passos na montagem com base na estrutura inicial. Após a análise do material, houve a necessidade de realizar mais uma série de filmagens de planos diferentes, mais cinemáticos e ritmados, e que dessem uma certa percepção de um tempo passado, que oferecessem uma maior envolvência na história. A estrutura inicial foi, assim, modificando-se e moldando-se às necessidades do momento. Novas ideias influenciaram o que estava anteriormente delineado, o que acabou por alargar os modos de representação desse passado e do convívio. A existência de muitos planos com muito pouco movimento, para além daqueles destinados à animação, levou a que se criassem sequências ficcionais entre eles, onde o espectador pudesse ser colocado num universo passado e pudesse vivenciar de uma forma mais directa as experiências de uma infância. Como tal, essas sequências foram construídas com base nas características da própria memória. Palavras como "vestígios", "fragmentos", "distante" e "felicidade" que constituem por vezes as características de uma recordação de infância, foram assim transpostas para o ecrã sob a forma de imagens fragmentadas e intemporais, utilizando a profundidade de campo, para representar pedaços de um passado, momentos onde se andava todo o dia de bicicleta, patins em linha e ainda se jogava ao pião, entre muitas outras coisas (Figura 3).



Figura 3 - Duas imagens do documentário "Tempos de bairro".

No decorrer do período de rodagem, também se realizaram as entrevistas, segundo as questões estipuladas anteriormente na pré-produção. O resultado revelou-se semelhante ao esperado embora limitado pois curtos períodos de rodagem não possibilitam resultados que nos surpreendem ou que vão além do que estava previsto. Como tal, durante a

entrevista, a Liliana descreveu alguns momentos do bairro e explicou o funcionamento do muro dos desejos, a sua rotina no bairro quando era criança, como começou o convívio na sua zona e, embora nunca tivesse participado, relatou as idas misteriosas ao "quartel" e o que costumam dizer do local. Apesar de ter ficado mais pelas descrições, também reflectiu um pouco sobre o desaparecimento do convívio que existia no bairro. Abaixo estão duas imagens (Figura 4) que constituem uma sequência do documentário com *voz-off* de Liliana:

"O muro fica num parque de estacionamento aqui em frente e era quase no fim do muro, não era no muro todo. Era só numa zona em que estava lá escrito 'muro dos desejos' e tinha assinaturas do pessoal, o pessoal fazia isso. E era ali naquele sítio. A gente pedia um desejo, se não me engano acho que a gente olhava para as estrelas ou era numa noite de céu estrelado, pedíamos o desejo e ele concretizava-se. Opá, acho eu! Concretizava-se... Também, que desejos é que a gente ia pedir que não se pudesse concretizar? Quero uma barbie, pronto, a gente tinha a barbie. Nem eu pensava em ganhar o euromilhões (risos)".



Figura 4 - Duas imagens do documentário "Tempos de bairro".

Os dois planos são gravados através de um *travelling* como forma de 'embeleazar' o pequeno muro no meio do parque de estacionamento e de estimular a imaginação, visto que os planos fixos do muro anteriormente gravados revelaram-se muito estáticos, 'sem vida'. Numa segunda entrevista, a Joana mostrou-se mais expressiva quanto às descrições de algumas situações que aconteceram naquela altura, focando-se, por vezes, mais no lado emocional do convívio, reflectindo e expressando algumas opiniões sobre o seu desaparecimento. Descreveu o que fora outrora a sua rotina de vida, pequenas situações e aventuras como as idas ao "quartel". O seguinte excerto foi incluído no documentário para acompanhar imagens de uma parte do bairro (Figura 5), onde residia e costumava brincar:

"Eu comia tão rápido, tão rápido que era para ir para a rua outra vez porque eu sabia que havia pessoal que ainda estava a jogar às escondidas ou às apanhadas, ou eu tinha deixado

um jogo a meio, que a gente jogava também muito às cartas, ao *caps* e à *sueca*... E ia a casa a correr, comia, comia tão rápido para depois voltar e brincar".



Figura 5 - Duas imagens do documentário "Tempos de bairro".

Na imagem da esquerda está a rua de Florianópolis, que inicialmente era a rua 'E' pois as ruas eram constituídas por números e letras, e era um dos sítios a seguir ao pátio onde se passava a maior parte do tempo. À direita, o 'jardim da rua E' em que os bancos eram o local de convívio mais frequente do bairro em muitas noites. Foi também um local de tradições como por exemplo o dia de S.João onde se fez uma fogueira e uma competição a ver quem conseguia saltar mais longe. Por fim, na última entrevista realizada, o Paulo descreveu vários locais onde costumava conviver com os vizinhos e que brincadeiras faziam. Contou-nos como era a sua rotina de bairro e ainda como descobriram o 'quartel':

"(...) a característica dessas idades, a curiosidade, éramos exploradores (...) havia aquilo a que nós depois descobrimos que era o 'quartel' e lembro-me de nós brincarmos muito, principalmente à noite porque era o tal receio, a tropa, uma coisa que não conhecia muito bem. A noite, a noite em si já era uma coisa um bocado obscura, o desafio, vamos! Fazer um grupo, arranjar uma lanterna, comprar as pilhas e era tudo uma emoção envolvida nisso porque muitas vezes um pequeno barulho exponenciava num lavrador que nos ia matar ou numa coisa assim do género."



Figura 6 - Duas imagens do documentário "Tempos de bairro".

Para este excerto, foram gravadas imagens em *handheld* em perspectiva de primeira pessoa pelo pasto acima como forma de ilustrar a subida ao 'quartel' e a descoberta de algo tão misterioso para nós naquela altura (Figura 6). No interior do posto também foram gravadas imagens semelhantes, de lanterna pelos corredores explorando os vários compartimentos. Esta sequência foi colocada numa parte de viragem da estrutura por ter representado o patamar máximo das aventuras de infância lá no bairro, precedendo uma segunda parte do documentário onde regressamos ao presente, ou seja, à realidade dos espaços. Nesses planos é mostrada a zona envolvente do bairro com movimento de carros e pessoas e de seguida um parque do bairro, outrora um campo de terra onde se jogava futebol, agora vazio, um pouco vandalizado e sem crianças a frequentar o espaço. Primeiro há o plano de uma árvore, pelo simples facto que era comum subir às árvores e explorar a natureza, e depois é apresentado um parque de baloiços em que um deles está a balançar, como se tivesse vontade de o fazer por não haver quem o utilizasse (Figura 7). Esta é uma parte de exposição da temática, de questionar o desvanecer das brincadeiras e do convívio no bairro.



Figura 7 - Duas imagens do documentário "Tempo de bairro".

Por fim, no final do filme, regressámos a um momento semelhante ao que foi apresentado no início mas que agora é percebido de maneira diferente devido à carga temática que foi-se adquirindo durante todo o filme. É mostrado um plano geral do bairro e depois há novamente esta bicicleta que percorre o bairro, agora de noite, que vem funcionar como um fecho de narrativa. Vem sugerir uma reflexão sobre o futuro e fechar um capítulo, por assim dizer. Um tempo que foi e já não volta, mas que deixou marcas. A introdução de três fotografias de arquivo, antes do plano final da bicicleta e aquando do começo de uma música nostálgica, surgem como um desvendar daquilo que o espectador assistiu até ao momento. As fotografias vêm também "provar" o que o espectador viu e ouviu durante todo o documentário como também passa a conhecer os personagens da história e as crianças que frequentaram os vários espaços apresentados no filme.

Feita a selecção dos excertos a integrar a *voz-off* do filme, foi-se ajustando as imagens dos espaços à estrutura que já estava delineada, colocando a *voz-off* sobre as imagens dos respectivos espaços. A animação também foi introduzida, no entanto esta revelou-se insuficiente e por vezes 'sem sentido' em relação ao resto do filme, pelo que se sobreponha à imagem real, acabando por não ser aquele indício de passado presente nos espaços que se pretendia na proposta inicial deste projecto. Como tal, procedeu-se à criação de vários desenhos estáticos com várias posições para inserir noutros planos, para além dos que estavam previstos (Figura 9). Pretendeu-se que estes desenhos se tornassem parte do próprio espaço como monumentos da memória, de um passado, que ficaram congelados no tempo e que agora estão impregnados nas recordações de quem experienciou o convívio de bairro.



**Figura 8 - Duas imagens do documentário "Tempos de bairro".**

Contudo, da última fase de construção deste documentário constou o tratamento de imagem, que foi equilibrado consoante a estrutura e guião do próprio filme, de manhã para a noite, através do aprofundamento das histórias do bairro para a reflexão da temática. Logo após, também foi a vez do tratamento de som, design de som e da criação de música, em que pretendeu-se o mínimo possível, preenchendo somente algumas lacunas como foi o caso da sequência de imagens da construção do bairro que necessitou de sons e o final do filme de uma música a acompanhar como forma de sugerir uma reflexão sobre todo o documentário. Para além disso, procurou-se também trabalhar o som como vestígios de um passado ou indícios de uma recordação. Explorou-se o som não só nos planos com desenhos mas também em planos 'banais' de alguns recantos do pátio, permitindo o espectador elevar-se a um mundo imaginativo revisitando algumas experiências de infância sugeridas pelo próprio som sobre os respectivos espaços.

## **Conclusão**

A realização deste projecto traduziu-se na abordagem de um assunto que, de certa forma, estava esquecido na nossa sociedade e para o "reavivar" produziu-se um documentário tendo em conta um bairro em particular e as histórias que o definiram. Foi, portanto, com base nas memórias de uma infância pessoal que se construiu este projecto, desenvolvendo-o segundo o que se propôs inicialmente.

Este trabalho foi o resultado de um conjunto de pesquisas efectuadas sobre a temática ao longo deste ano e o documentário uma construção prévia e planeada que foi também definida pelas imprevisibilidades e obstáculos encontrados desde a fase inicial até ao decorrer do período de rodagem e que acabaram por moldar o próprio filme. A procura por alternativas ao material de arquivo para se conseguir representar um passado veio revelar como muitos documentários contemporâneos estão a trabalhar esta questão de memória e como optam por ilustrar algo de que não existe registos, quer seja como uma opção de real necessidade em justificar a história ou como uma mera opção estilística para envolver o espectador no filme. Muitas vezes, um bom projecto documental, dependendo da temática e da forma como se pretende representá-la, requer um gasto maior de tempo necessário ao seu desenvolvimento e neste projecto o tempo revelou-se limitado para se conseguir aperfeiçoar as alternativas encontradas ao material de arquivo e outros elementos referentes ao documentário como o conteúdo das entrevistas, por exemplo. No entanto, apesar de pensar que o resultado poderia ter sido muito mais satisfatório, este projecto serviu como um arranque para a realização de outros projectos futuros que têm como objectivo o cruzamento desta área documental com a área da animação como forma de explorar de um modo mais criativo os vários detalhes da vida e situações do mundo.

Esta tem sido uma temática muito pouco abordada no que concerne ao universo de informação a que estamos diariamente expostos, pelo que a atenção tem-se debruçado mais sobre as diferenças entre os brinquedos antigos e os actuais do que propriamente sobre esta autonomia e liberdade que existiu na infância de muitos. No entanto, este projecto trouxe uma nova percepção sobre a nossa sociedade através de uma experiência familiar, relacionada com a infância de cada um, acerca de um período em que as ruas dos bairros eram pacatas, os meios de comunicação não eram tão evasivos como são hoje e a mentalidade conjunta era definida de outra forma.



## Filmografia

Morgen, B., Carter, G. & Morgen, B.. 2007. "Chicago 10". EUA: Roadside Attractions.

Howarth, J. & Davies, T.. 1988. "Distant Voices, Still Lives". Reino Unido: British Film Institute.

Courau, P., Froment, R. & Resnais, A.. 1961. "L'année dernière à Marienbad". França, Itália.

Dahan, A. & Akerman, C..1977. "News From Home". França, Bélgica, Alemanha. Carlotta Films.

Yilmaz, L.. 2011. "Places other people have lived". EUA: Disponível na internet em *Vimeo* - <https://vimeo.com/31943880>

Evans, B.A., Scheinman, A & Reiner, R.. 1986. "Stand by me". EUA: Columbia Pictures.

*Doganis, D. & Layton, B.. 2012. "The Imposter". Reino Unido, EUA: Picturehouse Entertainment, Revolver Entertainment, Indomina Releasing.*

Burg, M., Zarpas, C. & Evans, D.M.. 1993. "The Sandlot". EUA: 20th Century Fox.

Lipson, M. & Morris, E.. 1988. "The Thin Blue Line". EUA: Miramax Films, Umbrella Entertainment.

Folman, A., Lalou, S., Meixner, G., Nahlieli, Y., Paul, R. & Folman, A.. 2008. "Waltz With Bashir". Israel, Alemanha, França: Sony Pictures Classics.

RTP1. 2014. "Antes do 25 de Abril crianças brincavam sem computadores". Portugal.

Marta Jorge - Jornalista;

Carlos Oliveira - Imagem;

Vanessa Brízido - Edição;

Teresa Fernandes - Documentalista.

Pode ser encontrado no *RTP Play* em

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=731732&tm=4&layout=122&visual=61>

## Bibliografia

AUFDERHEIDE, Patricia. **Documentary Film: A very Short Introduction**. New York. Editora: OXFORD University Press. 2007.

BACHELARD, Gaston. **The Poetics of Space**. Boston. Editora: Beacon Press. 1994.

CHUDACOFF, Howard P. **Children at Play: An American History**. Editora: New York University Press. 2007.

FARR, Ian. **Memory**. Whitechapel: Documents of Contemporary Art. Editora: The MIT Press. 2012.

- LOUV, Richard. **Last Child in the Woods: saving our children from nature-deficit disorder**. Inglaterra. Editora: Atlantic Books. 2005.
- NICHOLS, Bill. **Introduction to documentary**. USA. Editora: Indiana University Press. 2001.
- NICHOLS, Bill. **Representing Reality: Issues and Concepts in Documentary**. Indiana University Press. USA. 1991.
- RABIGER, Michael. **Directing: The Documentary**. Editora: Focal Press. USA. 2004.
- RASMUSSEN, Kim. **Places for Children – Children’s Place**. Londres. Editora: SAGE Publications. 2004.
- ROE, Annabelle Honess. **Animated Documentary**. Londres. Editora: Palgrave Macmillan. 2013.
- SPRENGLER, Christine. **Screening nostalgia: populuxe props and technicolor aesthetics in contemporary American film**. EUA. Editora: Berghahn Books. 2009.
- STEVEN, Johnson. **Everything Bad is Good for You: How Today's Popular Culture is Actually Making Us Smarter**. New York. Editora: Riverhead. 2006.
- SUTTON, Damian. **Photography, Cinema, Memory. The Crystal Image of Time**. Londres. Editora: University of Minnesota Press. 2009.
- TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Perspective of Experience**. Londres. Editora: University of Minnesota Press. 1977.
- HARRIS, Mark; GRIMSHAW, Anna; RAVETZ, Amanda; SOLOMONS, Natasha; LIEBHEIT, Melanie; GRASSENI, Cristina; WALKER, Nicole; WARD, Colin; DIBB, Mike. **The Child in the City: a case study in experimental anthropology**. Reino Unido: Prickly Pear Pamphlets. Número 13. 2000.
- WAHLBERG, Malin. **Documentary Film: Film and Phenomenology**. Londres. Editora: University of Minnesota Press. 2008.

## Webgrafia

- ARNESON, Krystin. **Representation through Documentary: A Post-Modern Assessment** Edição 6 - Artifacts, A journal of Undergraduate Writing. University of Missouri. 2012. Disponível em: <https://artifactsjournal.missouri.edu/2012/03/representation-through-documentary-a-post-modern-assessment/>  
Acesso em julho de 2014
- BRESSON, Chelsea L. **Changing Places: Children’s Experience of Place During Middle Childhood**. Master of Arts Social Science: Environment and Community. Humboldt State University. 2009.  
Disponível em <http://humboldt-dspace.calstate.edu/bitstream/handle/2148/472/CLBensonThesisrev.pdf?sequence=6>  
Acesso em novembro de 2013

BYER, Alexandra. **Five Questions with The Imposter Director Bart Layton**. Filmmaker Magazine. Brooklyn. 2012.

Disponível em <http://filmmakermagazine.com/48179-five-questions-with-the-imposter-director-bart-layton-2/#.VB25WCtdUQh>

Acesso em setembro de 2014

CHRISTENSEN, Claus. **A vast edifice of memories: the cyclical cinema of Terence Davies**. Nº6 de P.O.V., "a danish journal of film studies", Department of Information and Media Studies – Aarhus University. 1998.

Disponível em [http://pov.imv.au.dk/Issue\\_06/section\\_1/artc9A.html#top](http://pov.imv.au.dk/Issue_06/section_1/artc9A.html#top)

Acesso em junho de 2014

DOYLE, John W.; TRANTER, Paul J. **Reclaiming the residential street as play space**. Internacional Play Journal. 1996.

Disponível em <http://www.ecoplan.org/children/general/tranter.htm>

Acesso em outubro de 2013

DUNNE, Philip. **The Documentary and Hollywood**. *Hollywood Quarterly: Film Culture in Postwar America, 1945-1957* (Cap. 3, p. 89-115). Berkeley: University of California. 2002.

Disponível em <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/kt2f59q2dp/>

Acesso em junho de 2014

GALINDO, Gloria. **BUS 174 and Post-Modern Documentary**. Theoria, Vol. 18 (1) p. 81-86. Department of Spanish and Portuguese. University Of California, California, EUA. 2009.

Disponível em <http://www.ubiobio.cl/miweb/webfile/media/194/v/v18-1/7.pdf>

Acesso em julho de 2014

GRAY, Peter. **The Play Deficit**. Aeon magazine. 2013.

Disponível em <http://aeon.co/magazine/being-human/children-today-are-suffering-a-severe-deficit-of-play/>

Acesso em setembro de 2013

GRIERSON, John. **First Principles of Documentary**. 1932-34.

Disponível em

<http://artsites.ucsc.edu/faculty/gustafson/FILM%20161.F08/readings/griersonprinciples.pdf>

Acesso em abril de 2014

HIGHT, Craig. **The field of digital documentary: a challenge to documentary theorists**. "Studies in Documentary Film", Vol. 2 - n.1, p. 3-7; University of Waikato. 2008.

Disponível em <http://www.scribd.com/doc/18801968/Studies-in-Documentary-Film-Volume-2-Issue-1>

Acesso em julho 2014

HOLAN, Mike. **'The Imposter': Documentary Reveals Stranger-Than-Fiction Story Of Frédéric Bourdin's Mind-Blowing Deceptions**. The Huffington Post. 2012.

Disponível em [http://www.huffingtonpost.com/2012/07/13/the-imposter-documentary\\_n\\_1669745.html](http://www.huffingtonpost.com/2012/07/13/the-imposter-documentary_n_1669745.html)

Acesso em setembro de 2014

LUCHOOMUN, Lawrence. **Mental Images in Cinema: Flashback, Imagined Voices, Fantasy, Dream, Hallucination and Madness in Film**. Department of Media, Culture and Language. University of Roehampton. Londres. 2012.

Disponível em  
<http://roehampton.openrepository.com/roehampton/bitstream/10142/281632/2/Lawrence%20Luchoomun%20-%20thesis.pdf>  
Acesso a agosto de 2014

MILLS, Robert. **A Comparative Analysis of the Contemporary Documentary Films Ryan and Waltz with Bashir as Animated Representations of Autobiographical Reality**. Master of Arts. University of the Witwatersrand Schools of Arts. 2010.  
Disponível em [http://wiredspace.wits.ac.za/bitstream/handle/10539/8329/Mills\\_Thesis\\_May\\_2010.pdf?sequence=2](http://wiredspace.wits.ac.za/bitstream/handle/10539/8329/Mills_Thesis_May_2010.pdf?sequence=2)  
Acesso em julho de 2014

MODELLO, Bob. **Political History Gets Animated in 'Chicago 10'**. NPR. Washington. 2008.  
Disponível em <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=37759288>  
Com entrevista sonora a Brett Morgen disponível em  
<http://www.npr.org/player/v2/mediaPlayer.html?action=1&t=1&islist=false&id=37759288&m=57389288>  
Acesso em setembro de 2014

NÍDIO, Alberto. **Jogos, brinquedos e brincadeiras – Trajectos intergeracionais**. Doutorado em Estudos da Criança. Universidade do Minho. 2010.  
Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13904>  
Acesso em novembro 2013

POSTMAN, Neil. **Conscientious Objections: Stirring up trouble about language, technology and Education**. EUA: Vintage Books. 1992.  
Disponível em  
[http://www.npenn.org/cms/lib/pa09000087/centricity/domain/244/disappearance\\_of\\_childhood.pdf](http://www.npenn.org/cms/lib/pa09000087/centricity/domain/244/disappearance_of_childhood.pdf)  
Acesso em março de 2014

RHODES, Giulia. **Reclaiming the streets for kids**. The Guardian. 2012.  
Disponível em <http://www.theguardian.com/lifeandstyle/2012/jun/23/reclaiming-the-streets-for-kids>  
Acesso em outubro de 2013

ROSIN, Hanna. **The Overprotected Kid**. The Atlantic. 2014.  
Disponível em <http://www.theatlantic.com/features/archive/2014/03/hey-parents-leave-those-kids-alone/358631/>  
Acessado em abril de 2014

SMITH, Nigel M. **Honor Roll 2012: Bart Layton Answers Some of the Many Questions From His Award-Winning 'Imposter'**. IndieWire. 2012.  
Disponível em  
<http://www.indiewire.com/article/honor-roll-2012-bart-layton-answers-some-of-the-many-questions-from-his-imposter?page=1>  
Acesso em setembro de 2014

TURIM, M. **Flashbacks in Film: Memory & History**. Routledge Library Editions: Cinema. Editora: Routledge, Chapman and Hall, Inc. New York. 1989.  
Disponível em  
<http://books.google.pt/books?id=O4diAgAAQBAJ&pg=PP7&lpg=PP7&dq=Maureen+Turim.+Flashbacks+in+Film:+Memory+and+History.+New+York:+Routledge,+1989.&source=bl&ots=Sg4gZfLjJQ&sig=5Jl9jJ22ozFX7j8Tn83vKJFBMLY&hl=en&sa=X&ei=1qHaU-X->

B8GX1AWtziHoBg&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=Maureen%20Turim.%20Flashbacks%20in%20Film%3A%20Memory%20and%20History.%20New%20York%3A%20Routledge%2C%201989.&f=false

Acesso em agosto de 2014

WALLEY, Jonathan. **Lessons of Documentary: Reality, Representation, and Cinematic Expressivity**. Volume 31, Number 1. Journal of Aesthetics and Art Criticism. Denison University. 2011.

Disponível em <http://www.aesthetics-online.org/newsletter/31.1.pdf>

Acesso em julho de 2014

# **Anexos**

# **Autorizações**



**Município de Ponta Delgada**  
[gabinetedomunicipe@mpdelgada.pt](mailto:gabinetedomunicipe@mpdelgada.pt)

Exma. Senhora  
Sara Shams Azad  
Rua Sidónio Serpa nº 10 2º Esq.  
9500 Ponta Delgada

V/ Ref.	Data	N/Ref.	Data
S/Refª	31-07-2013	14629/2013 55/34/2013/SOEG	08-08-2013

**Assunto: Autorização para a realização de filmagens nos espaços públicos do Bairro Arcanjo Lar.**

Encarrega-me o senhor Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada de informar que é com o maior gosto que esta autarquia receciona o pedido de autorização de filmagens que surtiu o parecer positivo desta administração.

Com os melhores cumprimentos.

O Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal

Carlos Miguel da Costa Brilhante



**Transcrições**  
**PRÉ-PRODUÇÃO**

# ENTREVISTA DE PESQUISA PARA PROPOSTA

**Nome:** Ana Ferreira

**Descrição:** Começou a viver no bairro na 2ª fase de construção do bairro. Relacionou-se com todos, tanto das casas como dos apartamentos. Era mais velha que eu. Inventou o jogo dos sustos. Ouvia *Scorpions* e tinha um cão, o joli. Agora já é casada e foi mãe recentemente.

**Data:** 28 de setembro de 2013

ANA

E então estava a lembrar-me das coisas. dos sítios, onde agente estava. Depois eu disse: “qual era a nossa ideia de ir para o quartel?”

SARA  
(risos)

ANA

Ainda fui contigo sozinha.

SARA

Eu não sei, fui 3 ou 4 vezes.

ANA

Eu lembro-me deles já estarem lá em cima e agente duas foi ter com eles. Pronto.

SARA

Lembro-me que ia a casa de propósito meter as botas, levar a lanterna...

ANA

Pastos! Agora se dissesse assim: subir isso tudo? Nem pensar! Subir? Mas pronto.

SARA  
(risos)

ANA

Então eu lembrei-me e escrevi. Deixa-me ver então o que é que eu pus.

SARA

Agente tem aqui imensas coisas.

ANA

As pessoas têm-te dito e tu tens-te lembrado.

SARA

Sim.

ANA

Então diz-me o que tens para aí!

SARA

Não, não. Tu primeiro dizes! E depois vou dizendo.

ANA

Tanta coisa! Pronto. Eu fiz o muro dos desejos. Agente ia as três para lá.

SARA

Pois é.

ANA

Não sei se a Sara também ia para lá. Os sustos! Eu adorava aquilo. Brincar àquilo.

SARA

(risos) Tu eras a principal fundadora.

ANA

Era uma mistura de escondidas e apanhadas, então era fixe. Lembrei-me do *halloween* que agente também implantou aqui no bairro. Agente começou a ir... não é? Fazer... fomos mascarados e tudo.

SARA

Fazer as nossas próprias roupas, as sacolas.

ANA

Também. Carnaval! Os balões de água, agente também fazia aí. Nunca gostei muito disso (risos) mas tinha o carnaval aí! Lembro-me de agente fazer o carnaval também nas garagens. Tu chegaste a vir aqui uma vez.

SARA

Ah. A minha mãe pronto, ela não me deixava essas coisas. Tudo o que fosse lá fora ela deixava. Dentro das casas...

ANA

Dentro das casas não. Dormir.. uns em casa dos outros. Dormias em casa da Liliana.

SARA

É. E da Sara.

ANA

E lembrei-me que vocês duas fizeram um telefone com fios de varanda a varanda para falarem (risos) Não sei se aquilo funcionava, mas...!

SARA

Copos de plástico não é! Também não sei se aquilo funcionava.

ANA

Mas isso dá jeito. E quando se é vizinho de bairro!

SARA

Então não. De varanda a varanda. Aquilo era tudo, passava tudo de um lado para o outro.

ANA

Depois lembrei-me. Elas duas tinham essa técnica mas depois para chamarem, dá um

toque. Na altura não haviam telemóveis, davam um toque para casa que aquilo queria dizer "vem à janela".

SARA  
Pois é.

ANA  
Não é? Deixa-me ver. Bicicleta, skate, cartas, que agente estava sempre lá fora cm essas coisas. Ah... a policia. Faz parte muito grande desse projecto porque a vizinhança ficava um bocado aborrecida com eles. O Luciano! Não há... (risos) Não há história sem Luciano! Nunca mais o vi.

SARA  
Eu por acaso também não. Se calhar há uns tempos.

ANA  
Os filmes que vocês falaram ontem mas isso era mais dentro de casa também não é? Vocês vinham aqui e agente via um filme mas não era do bairro.

SARA  
É. É mais para a curiosidade.

ANA  
Pronto. Conversar até às tantas, que ficávamos a conversar até às tantas... Bastante. Andar nos carros dos amigos, sim porque quando eu quando comecei a ter carta não tinha carro e depois consolava quando aparecia aí gente com carro.

SARA  
Carros, motas, vinha tudo aqui parar.

ANA  
Como é que os vizinhos não haviam de ficar doidos? Depois agente também organizava muita coisa, acampar, praias. Ir lá para baixo para a *night* porque depois agente também começou a ir. Porque agente começou a ficar crescidinhos.

SARA  
Os mais velhos.

ANA  
Ah.. O teu elástico de cabelo que eu lembrei-me! Tu ainda tiras isso ou ainda ficas com o elástico de cabelo? (risos)

SARA  
(risos) Eu tiro!

ANA  
Tu tiras!

SARA  
Agora é raro meter. Só quando estou cheia de calor.

ANA

Eu vi-te ontem e hoje! (risos)

SARA  
Pois foi! (risos)

ANA  
E eu disse "não, deixa-me pensar se ela realmente tira. Ela ficava tão ruim com agente".

SARA  
(risos) é verdade.

ANA  
E... apanhar frio no túnel, que era aquilo que agente melhor sabia fazer. Não sei porque é que agente ficava ali no túnel. Acho que agente ficou foi com umas defesas boas. Pronto! Futebol, que agente adorava jogar futebol mas que nunca tínhamos de sair muitas vezes porque as pessoas não queriam jogar connosco. Verdade seja. E mais coisas não me lembro. Que mais tens aí de diferente?

SARA  
Pronto. O que tenho de diferente? O vólei nas garagens mas era mais com a Liliana. Não sei se vocês chegavam a ir. Vocês chegavam a ir! Que eu pegava nos fios de judo...

ANA  
Ih! (risos) Para fazer a rede. Já se sabe.

SARA  
Um nó, um nó, um nó...

ANA  
Os fios de judo. Vê! Nem um atilho agente...! (risos)

SARA  
Nem sequer "mãe, compra-me 3 metros de fio".

ANA  
Nem mais! Não, agente inventava tudo.

SARA  
As idas à móbil.

ANA  
Ah. É verdade! Era móbil na altura. (risos)

SARA  
Era móbil.

ANA  
Não sei, acho que já tinha mudado para a BP. Já não me lembro.

SARA  
Lembro-me de que no início era móbil porque aquilo para mim era como ir para fora da cidade.

ANA  
Pois era.

SARA

Saber se a minha mãe estava olhando, se não estava... Depois o Paulo disse que agente começou a ir de bicicleta à padaria mas se calhar os mais velhos.

ANA  
Acho que já não me lembro. Eles traziam para mim que eu não tinha paciência para ir.

SARA  
Padaria Gomes. Agência funerária.

ANA  
Eu lembrei-me disso também! Mas eu disse "porque é que agente subia a agência? Mas agente subia..."

SARA  
Mas isso é engraçado.

ANA  
Para ir ver os caixões lá dentro!

SARA  
Eu também não sei... E pensava que tinha ali mortos.

ANA  
(risos)

SARA  
No final de tudo eram só...

ANA  
Eram só os caixotes.

SARA  
Eram só os caixotes. E ainda existe essa agência, que cena. O jogo do tesouro. Depois era andar de skate e bicicleta. Os funerais das baratas que eu uma vez fiz com a Liliana. Um funeral da barata com a Liliana, o Igor e o Olavo.

ANA  
(risos) Ok. Eu lembrei-me foi também do rato, da ratazana que teve ali... Ih, agente viu aquilo a...

SARA  
Eu não sei mas eu e a Liliana também fizemos um funeral do meu hamster.

ANA  
Ah, não sei.

SARA  
E agente pegou nele. A Liliana é que pegou que eu não consegui pegar.

ANA  
Coitadinho. Também tive hamsters e.. não quero mais.

SARA  
É verdade. Eles quando morrem... Ah. Eu não sei se tu te lembras. Uma casa abandonada.

Tinha ali no cemitério, ao lado. Ao lado do cemitério, havia ali uma casa abandonada.

ANA  
Hm hm.

SARA  
Tu não chegaste a ir? Eu acho que...

ANA  
Numa canada. Não é numa canada ao lado do cemitério?

SARA  
Tens assim o cemitério. Ao lado também tem um pasto. Agora tem milho.

ANA  
Sim.

SARA  
Antes era só mata e depois tinha uma casa ali no meio.

ANA  
E tu foste? Eu não me lembro mas eu lembrei-me das casas assombradas que o Ruizinho levava agente para as casas assombradas.

SARA  
E tu mostraste uma vez uma casa a caminho do quartel.

ANA  
Sim.

SARA  
Quem vai subir o primeiro pasto a seguir aos apartamentos.

ANA  
Havia uma casa ali?

SARA  
Havia uma casinha assim, muito pequenina que parecia uma igreja ou uma casa, não sei o que era aquilo.

ANA  
Lembranças do passado! (risos)

SARA  
Alguém entrava ali dentro sorrateiro e abria assim a porta "Buuuu!".

ANA  
Eu não me lembro Sara.

SARA  
Eu não me lembro muito bem.

ANA  
É aquelas memórias.. mas eu não me lembro dessa casa. Se calhar, ainda também...

SARA  
Se calhar ainda está lá. Vou ver.

ANA  
Vais ver? Mas vais subir o pasto?

SARA  
Não! Achas?

ANA  
Ah! É de repente.

SARA  
Agora vou apanhar uma multa só de meter um pata no pasto.

ANA  
Como é? Aquilo apanha-se muitas?

SARA  
Não, sei lá.

ANA  
Não? Não sei.

SARA  
Pois, hoje em dia é tudo tão coisinha. Depois houve uma vez que fizeram ali o cinema ao ar livre.

ANA  
Hm hm. Eu lembro-me.

SARA  
Tu lembraste disso? Ah, o alarme do Carlos Ponte.

ANA  
Pouco a pouco.

SARA  
Ah, querida. E pronto, acrobacias no banco.

ANA  
Ih!

SARA  
No túnel, a bola de *basket* para cima e para baixo. Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Não admira que os vizinhos chamassem a policia.

ANA  
Tanta vez... (risos)

SARA  
Depois a Joana disse-me que fazia o S. João na sua rua.

ANA  
A Joana dali?

SARA  
É.

ANA  
Poh. Ainda faz? O outro dia vi-a, fogo nunca mais...

(...)

ANA  
E eu lembrei-me também das fogueiras de S. João. Mas agente nunca fez nenhuma. Agente ia ver.

SARA  
Agente ia sempre ver com eles.

ANA  
Lembrei-me disso mas como agente nunca fez.

SARA  
Faziam ali naquele jardim da rua E. E depois fizeram uma vez acima do Modelo, naquele parque. E o Huguim todo queimado? A rolar pela relva...

ANA  
Eu lembro-me.

SARA  
Depois eu lembro-me de chegar ver aquilo, ver aquela gente toda, de bicicleta. Depois a Liliana também de bicicleta.

ANA  
Tinha bastante gente. Tem bastante gente nesse bairro.

SARA  
Poh então não tem. Tem bastante gente.

ANA  
Ela tem desenhos e tudo!

SARA  
E era o dia das bruxas. Vou-te mostrar. O dia das bruxas, um ano que estava imenso nevoeiro, que não se via sequer...

ANA  
Um palmo.

SARA  
As casas ali da frente.

ANA  
Eu lembro-me disso. Assim é que era uma dia de *halloween* espectacular.

SARA  
Pois é! E houve uma vez que enchi tanto o meu saco, tanto, tanto.

ANA  
Tão giro.

(...)

Fim.

# ENTREVISTA DE PESQUISA PARA PROPOSTA

**Nome:** Liliana Carvalho

**Descrição:** Começou a viver no bairro (apartamentos) quase ao mesmo tempo que eu. Tem muitas memórias de infância. Tem um irmão mais velho, o Bruno Carvalho.

**Data:** 26 de setembro de 2013

LILIANA

Agora eu não sei é como é que... quais foram as pessoas que fizeram aquela ligação com as outras pessoas do bairro, não sei como é que aquilo surgiu, por exemplo para aparecer a Ana, para aparecer o Paulo, eu não sei como é que surgiu.

SARA

Eu só sei que isso tudo começou com o Olavo, com o Igor...

LILIANA

Sim, a gente do futebol foi. Mas depois como é que eles foram...?

SARA

Depois os teus pais, e eu comecei a ir também...

LILIANA

Sim, mas depois como é que foi aquela cena de irmos todos para lá?

SARA

Não foi o teu irmão?

LILIANA

É capaz de ter sido o meu irmão, porque a Ana estava na escola.. Eles estavam todos na Domingos praticamente. Eu acho que foi isso.

SARA

Mas eles são da mesma idade?

LILIANA

São. Ou seja, aquilo provavelmente foi o meu irmão começou a sair com a Ana, com o Paulo, o Cristóvão e o Simões. Saíam assim, iam para lá... E depois assim é que vieram os irmãos desses.

SARA

E depois daí também veio a Sara...

LILIANA

A Sara Borges...

SARA

Não, a Ipy-G.

LILIANA

Ela foi daí porque ela estava na Domingos. Foi tudo por causa da escola. Só pode ter sido, não há outra explicação.

SARA

Mas isso foi mais tarde, para aí em 2000?

LILIANA

2000? É capaz de ter sido.

SARA

E o Joãozinho!

LILIANA

Joãozinho não, Joãozão!

SARA

Agora Joãozão... Ele não jogava futebol pois não?

LILIANA

Não, ele sempre foi uma criança assim muito... Mas esse Joãozinho aparecia... Havia vezes que a gente ia para a casa dele jogar.

SARA

Cheguei a ir imensas vezes para a casa dele também. Fazer o quê?

LILIANA

Era jogar, computador, sei lá... As festas de aniversário do Igor, agente íamos todos para lá.

SARA

Então não me lembro, eu ia sempre para lá.

LILIANA

la muitas vezes para a casa do Igor, as festas de aniversário na tua casa...

SARA

Não era na minha casa, era na da minha avó mas com a minha família no dia antes era na minha casa.

LILIANA

Mas tu chegaste a fazer lá festa...

SARA

Acho que não, ias tu e a Sara Borges comer o bolo com a minha família.

LILIANA

Era isso.

SARA

Mas de resto era em casa da minha avó. A minha mãe dizia 'tem jardim, vai tudo para lá brincar'. Eles ali no bairro para sair, os pais das crianças eram muito chatos.

LILIANA

Pois. Eu acho que foram os irmãos mais velhos que começaram, iam para o bairro.. Depois começou a ir os irmãos mais novos e começou

a surgir aquela gente toda. Tens o irmão do Titanic (João Paiva), tens o Stalone...

SARA  
O irmão do Titanic era o Porkito...

LILIANA  
Porkito é verdade! Tens o Stalone, tens o Batata e a Joana... Tens a carolina, que teve com o irmão do Bruno... Como é que se chamava o irmão do Bruno Simões?

SARA  
Não sei, esse eu já não conhecia muito bem. Mas tinhas mais pessoal.

LILIANA  
Ah! Tu lembras-te da Sofia Ponte, do Crispim, do Salins...

SARA  
Mas esses já eram mais de fora. E o Manel!

LILIANA  
É verdade... Ow, ía muita gente ali para aquele meio.

SARA  
Pois ía... Deixa-me escrever aqui, o Ruizim...

LILIANA  
Ah e depois tinha o Rui Estrela.

SARA  
A mãe do Joãozinho também costumava ir lá baixo.

LILIANA  
A Paula.

SARA  
Acho que era mais a mãe do Joãozinho que ía..

LILIANA  
Pois era. A tua mãe nunca apareceu, a minha mãe também não.

SARA  
"Saraaaaa!" e a tua mãe "Liliaaaaaana...", sempre da janela. A mãe da Sara Borges também não.

LILIANA  
A Ana Maria chegou a estar lá várias vezes com a gente. Depois aquilo acho que foi o namoro do meu irmão com a Ana que agente primeiro íamos todos para a frente da casa da Ana, lembras-te a gente fazia montes de barulho lá à porta da casa da Ana! Que até os pais ficavam meio naquela. Depois é que íamos para o túnel

SARA  
A minha mãe dizia 'tanto barulho!'

LILIANA  
O túnel também fazia montes de barulho!

SARA  
Isso era o pior.

LILIANA  
Depois a gente ia... para o centro! Para o jardim. Ah! Também jogávamos vólei lá.

SARA  
Pois era. Como é que era?

LILIANA  
Era nas garagens agarrado ao poste com as tuas coisas, os teus cintos de judo!

SARA  
Ah! Pois era, entre os fios de electricidade e o poste.

LILIANA  
Isso mesmo! O que a gente inventava!

SARA  
Já não me lembrava disso. Mais...

LILIANA  
As idas à Mobil, era um bocadinho.. mas deve haver coisas antes disso.

SARA  
Pois é, mas isso era com ir viajar.. 'lh a minha mãe está a ver... ih!'

LILIANA  
E depois das idas à Mobil, foram as idas à padaria Gomes, mas isso já foi mais para o fim..

SARA  
Não me lembro disso!

LILIANA  
Não chegaste a ir? É assim, eles primeiro, eu ía sempre com eles porque o meu irmão ía e eu queria ir.

SARA  
Pois...

LILIANA  
Era as idas à Mobil. Para cima outra vez. O próximo mais longe, eram as idas à padaria Gomes. Depois eles passaram todos para o café do Blue Light.

SARA  
Mas isso já foi muito mais para a frente! Já foi em teenager.

LILIANA  
E a partir do Blue Light, a fase teenager é que foi o Blue Light. O pessoal ía para lá mas depois já estavam naquela idade que iam estudar para fora ou não sei que mais.

SARA  
Pois era.

LILIANA

E então ficou assim, só se juntavam no verão e não ia ninguém para o bairro. Já ia tudo sair à noite.

SARA  
Alguns já tinham idade para sair, mas não havia muito sítio para onde ir.

LILIANA  
Eu tinha 14 anos, e agente ia para o Blue Light.

SARA  
Ias para o Blue Light?

LILIANA  
Com 14 anos...

SARA  
Também comecei a sair por essa altura com o meu irmão.. E as festas da universidade aos 15 anos..

(...)

SARA  
Lá bairro, a gente ficava... A minha mãe dizia que o limite era até às 23 horas mas ficávamos para lá.. Houve uma noite que ficámos até à 1 hora da manhã!

LILIANA  
Houve uma noite que ficámos até às 3 horas da manhã, que apareceu lá um gajo que tinha um plover amarrado mas ao contrário! Tu lembras-te disso?

SARA  
Que ficámos sentadas no passeio!

LILIANA  
Como é que ele se chamava? 'Ai que eu tenho uma pinta o caraças', não era....

SARA  
Estavam os dois em pé.

LILIANA  
Estava eu, tu e a Ana na relva e eles apareceram os dois.

SARA  
Pois foi.

LILIANA  
Quem eram aqueles gajos, gostava de um dia de repente de os encontrar.

SARA  
Só me lembro das posições onde estavam ou não, não me lembro da cara.

LILIANA  
Apareceram de onde? Iam fazer o quê para ali?

SARA  
Não sei.

LILIANA  
E o Luciano? O protegido dos bombeiros e da polícia. O menino protegido.

SARA  
O que começou a namorar à 1 mês e a namorada estava grávida à 3 meses.

LILIANA  
Tu achas mesmo que ele tem algum filho? Tem lá nada. Lembro-me dessa cena que ele dizia... Isso foi à frente da casa da Ana que ele disse isso?

SARA  
Foi.

LILIANA  
Eu lembro-me de uma vez que ele apalpou a lpy-G, ela estava de mota e deu-lhe com o capacete na cabeça! Ficou com um galo. Ele tantos berros que deu 'Eu vou-lhe matar!' Agente ria-se com aquele gajo. E quando aparecia o pai? E quando aparecia a mãe?

SARA  
Credo, aquilo parecia uma procissão por ali fora.

LILIANA  
A mãe, a mulher das sete saias. Lembras-te uma vez ela sentou-se em frente à garagem da Ana, só falava, falava... a comer cheetos! Acho que ela estava a comer cheetos de queijo. Ou era a gente que estava a comer.

SARA  
Eu lembro-me que ia a casa buscar comida e vinha cá baixo, e dizia 'Eh ppl esperem um bocadinho que vou lá acima buscar comida'. Ia buscar a casa comida de propósito para vir comer cá para baixo. Ou seja, eu nem lanchava em casa. Era cá fora.

LILIANA  
Lembro-me que fazias isso. Ou ias buscar uma peça de fruta ou...

SARA  
Já nem sei.

LILIANA  
Com a Sara, porque a Sara (Borges) depois à noite não vinha cá para fora, a mãe não deixava. Ela só vinha quando a irmã vinha..

SARA  
E era só até às 9 horas...

LILIANA  
A irmã vinha e mesmo assim.

SARA  
Juntava-se imensa gente lá no meio.

LILIANA  
Aparecia imensa gente depois que não era dali, que eram conhecido de um lado e do outro.



SARA  
Eu lembro-me de uma vez que devia ter mais de 20 pessoas.

LILIANA  
Só? Muito mais gente! Foi aquela noite que o gajo levantou o titanic?

SARA  
Lembro-me que isso foi uma noite que tinha tanta gente, que foi os amigos dos amigos, não sei quê.

LILIANA  
É! Aquilo havia noites que estava cheio de gente, era uma barulheira!

SARA  
Se se fizesse um café ali, aquilo era...

LILIANA  
Ele ficava rico.

SARA  
Imensa gente. Que se fazia mais ali? Jogava-se nos bancos, fazia-se equilíbrio nos bancos...

LILIANA  
Jogava-se às câmaras municipais... Com a Sara Borges.

SARA  
Iamos à agência funerária...

LILIANA  
Ah! Era o quê? Não era a agência funerária! A gente ia era pela coisa da agência funerária, não! A gente ia era pela cabeleireira, entrava na parte de trás.

SARA  
Eu lembro-me de subir à agência funerária e de vermos os caixões e dizermos que tinham ali mortos.

LILIANA  
Ah a gente fazia isso, mas não te lembras do salão de cabeleireiro, aquilo cá fora tinha a janela do cabeleireiro e essa aqui que faz canto é que é da agência.

SARA  
Eu olhava sempre para a agência.

LILIANA  
Quando jogávamos... Não era ao polícia e ao ladrão...

SARA  
Às escondidas?

LILIANA  
Às escondidas! A gente escondia-se sempre para ali.

SARA

A pessoa não podia vir tão para cá porque depois podia vir outra pessoa e tocar.

LILIANA  
É. Tinha que se ir tocar no trampolim.

SARA  
Escondidas..

LILIANA  
O tesouro também... O skate...

SARA  
Skate, bicicleta, patins...

LILIANA  
Eu não tinha patins!

SARA  
Eu lembro-me que tinha e depois vinha a Sara Borges com os patins da patinagem artística.

**00:15:43**

LILIANA  
Ah era!

SARA  
Ela vinha às vezes. A gente descia de skate era sentadas.

LILIANA  
Na rampa! Em risco de agente partir os dentes. Os funerais das baratas e dos lingrinhas...

SARA  
Com música ao vivo!

LILIANA  
Não, isso foi para a barata!

SARA  
Os funerais, pois foi.

LILIANA  
Quem é que faz o funeral de uma barata?

SARA  
Não sei, fizemos..

LILIANA  
O muro dos desejos!

SARA  
Pois é. E que estava lá escrito, e tinha pinturas. Já não tem pois não?

LILIANA  
E havia mesmo o sítio próprio que era de pedir desejos!

SARA  
Lembras-te quando eu disse que queria um telemóvel e na semana a seguir o meu pai ofereceu-me um?

LILIANA

Um motorola não foi?

SARA

Um audiovox! Uma cena mesmo pequena, não sei se te lembras. Um audiovox.

LILIANA

O primeiro telemóvel da Ana foi um sagem.

SARA

Também tive um sagem depois. Ah não, eu tive um triumph! Tu lembras-te? As teclas deixavam de funcionar e o pessoal andava com aquilo, inclusive lembro-me da Carolina também tinha um triumph e as teclas também deixaram de funcionar e a minha mãe não me queria oferecer um novo e eu andava com aquela teclas, não conseguia carregar no vermelho, aquilo não trabalhava.

LILIANA

(risos) ya. A gente fazia mais coisas.

SARA

O vólei, o equilíbrio nos brancos.

LILIANA

(risos) coisas tão tola.

SARA

O jogo da macaca naqueles coisos..

LILIANA

Ah yah! Tu lembras-te no carnaval o que é que o Palim fez? Pegava nos balões e atirava para um bloco de apartamentos....

SARA

Pois é, o carvana!

LILIANA

A batalha! Não é das limas, é dos balões. Nessa altura até amigos dos meus pais, lembras-te a Sofia e a Arménia iam para lá!

SARA

Já não sei com quem foi, não sei se foste para a minha varanda também....

LILIANA

Foi que a gente... A gente não tinha uma mangueira? Não houve alguém com uma mangueira?

SARA

Eu só sei que as plantas da minha mãe, a terra foi toda para fora e ficou tudo em lama.

LILIANA

(risos) porque levávamos uma semana ou mais a encher balões.

SARA

Aquilo ficou tudo destruído! Tu fizeste da tua casa mas houve alguém que veio para a minha...

LILIANA

Eu fui para a tua varanda!

SARA

Foste?

LILIANA

Houve um ano que fui para a tua casa! Houve pelo menos uns três anos. Houve um ano que agente foi para a tua varanda, houve um ano que a gente fez cá em baixo que até o andré maluco partiu o vidro cá de baixo da porta com o balão. Fizemos 2 ou 3 anos.

SARA

Lembro-me que alguém veio com o carrinho do hiper cheio de balões...

LILIANA

Isso!

SARA

...que ia caindo ou caiu!

LILIANA

E a gente pegou naquilo tudo.

SARA

Iam caindo..

(conversa fora de tema)

LILIANA

O que é que fazíamos no S.João?

SARA

A fogueira...

LILIANA

A rua E! Que o Hugo queimou-se...

SARA

A fogueira de S.João. E uma vez que fizemos acima do Modelo, lembras-te?

LILIANA

Isso mesmo!

SARA

E o dia das bruxas também.

LILIANA

Lembras-te daquele dia das bruxas que estava tanto nevoeiro e não víamos um palmo à frente? Lembras-te que perdi o meu dinheiro? 5 euros que me deram, era tanto dinheiro na altura.

SARA

Completamente. Eu passava uma semana a juntar 40 centimos para ir com a Sara Borges ao hiper, ao Modelo, comprar...

LILIANA

As napolitanas?

SARA

Não, os mil folhas! E eram dois por 40 cêntimos. Ou seja, era 20 cêntimos. Bem, do que mais me posso lembrar.

LILIANA  
As idas ao quartel como é óbvio!

SARA  
Sim, isso já está mais que seleccionado.

LILIANA  
Tu estavas quando os apartamentos onde o Paulo mora, ainda estavam em construção, e todos abertos, só cimento...

SARA  
Quais são os apartamentos do Paulo?

LILIANA  
Os últimos que foram feitos! Nós íamos para ali com o Titanic e o Romão e o polícia a passar em frente à casa do Brunim...

SARA  
Não sei!

LILIANA  
Tu não estavas? A gente a atirar pedras! O vizinho a dizerem que estavam ouvindo pessoas ali, agente escondidos!

SARA  
Não sei se me lembro, mas tenho imagens daquilo em construção e de estar lá. Lembro-me que íamos la para cima, acontecesse o que acontecesse ia desde lá de cima com toda a força de bicicleta até cá baixo até aos apartamentos! Tu não te lembras?

LILIANA  
Lembro-me, que uma vez fui quase atropelada! Aquelas últimas escadas lá de cima. Sabes que foi, esqueci-me de travar. Eu travei mas foi muito em cima do carro! E agora eles têm aquelas coisas da escola, de protecção, aqueles ferros. Eles antes não tinham.

SARA  
Pois não.

LILIANA  
Mas a gente fazia isso.

SARA  
Era com toda a força!

LILIANA  
Aparecesse quem aparecesse, a gente levava na frente!

SARA  
Havia vezes que havia alguém que ficava cá em baixo na curva, para dizer se estavam a passar carros ou não.

LILIANA

Ya. Depois a gente descia aquela rua, sempre para baixo... Da rua E, sempre para baixo ou então virava-se quem vai para o Lajedo, que era quando agente largava as mãos.

SARA  
Ah aquela rampa ali em cima.

LILIANA  
Que era onde mora o teu tio.

SARA  
Não sei. Sei que entrávamos com uma força naqueles apartamentos e fazia sempre "tá, tá!", a cena das baratas.

LILIANA  
Tanta baratinha pequenina.

SARA  
Então não!

LILIANA  
Lembras-te da ratazana morta cheia de larvas? Eu lembro-me, fiquei sem comer durante não sei quantos dias. Tudo me enjoava!

SARA  
O alarme do Carlos Ponte...

LILIANA  
Oh! Era terrível.

SARA  
Então não era!

LILIANA  
Credo!

SARA  
Se isso hoje em dia acontecesse, eles já tinham levado um processo.

LILIANA  
Ouve, aquilo tocava (risos) sabes o que era? a bola de basket!

SARA  
Aquilo tocava alto!

LILIANA  
Ainda por cima no túnel. Mas aí à uns anos aquilo tocou à noite, eu ouvi de madrugada. Passava uma barata "uinn uinn".

SARA  
(risos)

LILIANA  
Mas a bola de basket era demais. Porque a gente fazia assim com a bola, ela batia e dava a volta!

SARA  
Pois é, a bola de basket. Batia em cima e em baixo!

LILIANA  
Que paranóia! (risos)

SARA  
(risos)

LILIANA  
Isso é mesmo estragar a bola. Acrobacias nos bancos, a gente dava cambalhotas nos bancos.

SARA  
Pois era.

LILIANA  
Não eras tu que tinhas a mania das plantinhas e davas à gente? Isso era para dar sorte não era? (risos)

SARA  
Nem me digas isso!

LILIANA  
Mas eras tu que fazias isso não eras?

SARA  
Era sempre. Ia apanhar uma planta... Olha que houve uma vez que encontrei 21 trevos de quatro folhas lá no sitio onde estávamos sentadas uma vez e que conhecemos uns rapazes....

LILIANA  
21?

SARA  
21 trevos. A partir daí nunca mais encontrei nenhum único trevo.

LILIANA  
Encontrei na Caloura.. Mas também foi num sitio onde ninguém vai para lá. Éramos quatro, todos nós encontramos. Eu fui a primeira, epá estava cheia de sorte. Depois ela encontra um trevo num dia, ah não tem piada.

SARA  
Se encontras um está-se bem, agora se for mais... Olha foi com o Igor e com o Olavo, agente três apanhámos imenso. Levou tudo para casa tudo num saco.

LILIANA  
Mas agora é que me estou a lembrar.. O halloween era tão fixe! A gente fez a nossa própria roupa!

SARA  
Iam à minha casa, tocar à porta, hoje em dia acho que já não fazem isso.

LILIANA  
O ano passado não houve ninguém.

SARA  
Pois é.

LILIANA

Eu até cheguei a ir no dia a seguir à acção de graças pedir o pão por deus. Recebi uma maçã.

SARA  
Ah, ia-se pedir. E a mijinha.

LILIANA  
A mijinha é no natal. O menino mija.

SARA  
Mas também se fazia. Na brincadeira.

LILIANA  
No halloween houve um ano que a Sofia foi com agente não foi? Porque a Arménia e o Alberto estavam sempre lá a comer as castanhas e não sei quê.

SARA  
Que cena.

LILIANA  
Era tão fixe. Eu lembro-me quando a Ana atropelou-me de bicicleta. Ainda tenho a cicatriz até hoje. É a unica cicatriz que tenho de uma queda ou... nunca fui parar para um hospital nem nada.

SARA  
Ela era terrível.

LILIANA  
Poh, ela era vingativa! Lembras-te que era sempre ela que fazia a Sara Borges chorar?

SARA  
Lembras-te a gente ia para a casa dela ver filmes de terror, o Scream...

LILIANA  
A Mansão...

SARA  
Era sempre na casa da Ana. E depois íamos para o quarto dela ouvir Scorpions.

LILIANA  
É verdade. Os Scorpions, Bon Jovi... A festa em casa da Ipy-G! Há videos disso!

SARA  
Há videos? Quem é que tem isso?

LILIANA  
Há videos. O meu irmão acho que tem videos disso.

SARA  
Fala com o teu irmão!

LILIANA  
A Ana tem montes de fotografias! Eu tenho o CD no carro dessa festa que o meu irmão gravou. Vais ver.

SARA  
Eu lembro-me que levei o meu rádio...

LILIANA  
..Mambo Number 5, tan tan tan... A Litte bit of money...

SARA  
Yah. E aquela "People canta comigo essa keta"

LILIANA  
Pa Pa Ehn po po Ehn Ehn. Acho que há fotos, lembro-me de tirar fotos.

SARA  
Tenho de fazer uma recolha disso. Vou perguntar.

LILIANA  
Houve também uma festa de garagem em casa da Ana.

SARA  
Eu lembro-me.

LILIANA  
De carnaval!

SARA  
Mas essa não fiquei muito tempo que a minha mãe não gostava que eu fosse. Preferia que eu ficasse na rua do que ir para casa de alguém. Lembro-me de levar o rádio, o pessoal, estava quase no limite do volume e chegavam lá e Errrr...

LILIANA  
(risos)

SARA  
Ainda tenho o rádio. Engraçado. Vou fazer uma recolha desses objectos e fazer uma caracterização dos anos 90. Ou 2000.

LILIANA  
É a transição!

SARA  
O surgimento das máquinas digitais...

LILIANA  
Que a gente conhecesse não havia telemóveis, não havia computadores, não havia nada.

SARA  
Foi tudo de uma vez.

LILIANA  
Foi. Computadores, telemóveis e internet.

SARA  
Depois as máquinas digitais...

LILIANA  
Mas isso foi mais...

SARA  
Mais para a frente.

LILIANA  
Foi. Mas espera aí, eu tenho a sensação que... Espera, o euro foi só em 2001 que começou a circular em Portugal. A gente já tinha telemóvel nessa altura?

SARA  
Eu recebi um em 2001.

LILIANA  
Então eu devo ter tido o meu, o NOKIA, que era grande banheira. Era do meu pai. Por aí também, mas já haviam antes telemóveis..

SARA  
Pois já.

LILIANA  
Mas eram os motorolas..

SARA  
Eu tive o mais recente de todos. O meu pai ofereceu um audiovox deste tamaninho e depois lembro-me que o Simões tinha um telemóvel tão pequenino que abria e fechava.

LILIANA  
Era igual ao meu! Sony Erickson, que partiu... Fazia assim, tinha um ecrã assim verde. Eu gostava tanto desse telemóvel.

SARA  
A gente gozava dessas coisas nos filmes que eles abriam e fechavam, de rir... Depois os discmans...

LILIANA  
Isso! Os discmans, as megadrive, gameboys, playstation... Tanta coisa.

SARA  
É verdade.

LILIANA  
Jogos de computador.

SARA  
Agente não jogava muitos jogos, brincávamos mais.

LILIANA  
Brincar às barbies...

SARA  
Sim. Mas de jogos não me lembro.

LILIANA  
Mais jogos que fazíamos lá?

SARA  
Sim.

LILIANA  
Também não me lembro.

SARA

Era sempre a mesma coisa, correr de um lado para o outro.

LILIANA  
É. A gente transpirava...credo!

SARA  
O cinema ao ar livre...

LILIANA  
Ahn, era o cinema.

SARA  
Só que acho que quase ninguém se lembra porque aquilo foi só duas sessões.

LILIANA  
Foi?

SARA  
Eu lembro-me de ver duas sessões. Primeiro...

LILIANA  
*O Homem Aranha?*

SARA  
...não tinha ninguém lá, só tinha pessoal do bairro e era pessoal que nem conhecia. O Homem Aranha, primeiro de todos e depois o *Apanha-me Se Puder* com o Leonardo DiCaprio.  
(...)  
E depois vinham os drogados todos do Lajedo.

LILIANA  
Ih, quando o "rato" aparecia, a gente fugia todos...

SARA  
É verdade. Estávamos proibidos de ir para o bairro do Lajedo.

LILIANA  
Lembras-te que a gente entrou lá e foi dar a volta de bicicleta?

SARA  
Não me lembro.

LILIANA  
A gente fez isso.

SARA  
Lembro-me é de irmos por cima pelos apartamentos do André Rosa.

LILIANA  
Sim...

(conversa fora de tema)

Fim.

# ENTREVISTA DE PESQUISA PARA PROPOSTA

**Nome:** Paulo Oliveira

**Descrição:** Começou a viver no bairro na 1ª fase de construção. Tem um irmão mais novo. Relacionou-se tanto com os vizinhos das casas como também dos apartamentos. Fez parte das aventuras ao posto militar da Castanheira.

**Data:** 26 de setembro de 2013

**PAULO**

Eu penso que o que influenciava o facto de as crianças irem brincar para a rua era mesmo a sensação de segurança. Eu penso que até isso nem se ponderava, hoje em dia pondera-se muito isso, da segurança ou insegurança, na altura era um dado assumido. Podia-se ir brincar até às onze, meia noite na rua, que não havia acidentes, não havia perigos, não havia nada dessas situações. Outros factores era se calhar o que as crianças tinham disponível em casa para brincar, que na altura pesando, a brincadeira da rua era mais importante porque envolvia actividade física e envolvia contacto com a natureza e havia muito envolvimento com os amigos. Coisa que hoje em dia não é esse o intuito. Na altura não havia ferramentas de... Eu lembro-me para falar com as pessoas eu ligava para os telefones de casa, sabia os telefones de casa de alguns amigos. Antes dos telemóveis, agente ligava às vezes não estava. Até era uma coisa engraçada, ia à casa do amigo tocar à campainha para saber se estava em casa para combinar e até às vezes os compromissos da altura pareciam mais importantes dos que são hoje em dia. Porque tu marcavas uma hora, marcavas um evento e não tinhas forma de estar pouco a pouco a confirmar como hoje em dia. Hoje em dia tu ligas, hoje é quase uma invasão de privacidade. Antigamente havia até essa procura, as pessoas acho que honravam mais os seus compromissos e acho que os factores principais são esses. O contacto com a natureza e o convívio. E depois, reportando aqui ao bairro juntavam-se muitas pessoas numa área reduzida de espaço e as pessoas interagiam muito entre si. Não sei se tou a divagar muito no tema, às vezes quando começo a falar divago muito nas coisas. Não sei se queres orientar ou seguindo bem?

**SARA**

Não, está tudo bem. Quando dizes segurança é em termos de trânsito não é?

**PAULO**

Não só o trânsito. Mesmo a criminalidade. Eu acho que até nós, vendo assim num tom de

brincadeira, nós até é que éramos os criminosos. Quando tocávamos às campainhas das pessoas às tantas da noite, quando batíamos nas garagens, quando alguém atirava um carrinho do hiper por aí abaixo, ou uma roda ou um pneu, uma coisa qualquer. Penso que até o nível máximo nós é que éramos os produtores disso. Um balde de lixo na rua para o carro travar, coisas assim...

**SARA**

E as pedras que metíamos no meio da rua.

**PAULO**

Também, ou galhos ou coisas assim, esse tipo de actividades. Nós é que éramos mais os criminosos. Se calhar temos o Luciano, como referência, que era uma pessoa assim. Mas não havia risco. Eu lembro-me de sair de casa depois do jantar, verões inteiros e estamos a falar de coisas... Vamos supor que eu tinha 13 anos, já faz 17 anos atrás, mais de 15 anos pronto, para por uma data assim forte e pesada. À 15 anos atrás agente saía para estar toda a noite na conversa, era brincar, era actividade física, era contacto, era brincadeiras com os outros, de bicicletas íamos à padaria buscar bolos, por exemplo. Lembro-me muito de irmos aqui, quando só tinha o hiper, íamos para o parque do hiper brincar para ali à noite, íamos à bomba. Ir à bomba...

**SARA**

Mobil.

**PAULO**

Exactamente. Ir à Mobil era um acto, era uma coisa, tínhamos trocos, não sei o quê, comprar não sei o quê, inventar um chocolate, uma coisa e acima de tudo acho que era muito convívio entre as pessoas. Uma coisa que acho que hoje em dia se perde muito, as crianças fazem muito isso em casa mas nós tínhamos muito convívio, na brincadeira, depois é assim. Brincadeira na rua era quase sazonal, quando era altura do halloween íamos pedir os doces às casas das pessoas. Quando era altura do carnaval, era vestir, era os balões. Eu lembro-me que conheci o Bruno Carvalho, foi num carnaval qualquer, uma coisa assim do género, quem me apresentou foi o Romão. Uma brincadeira de balões, agente estava aqui em cima a atirar lá para baixo, não sei quê. A partir daí é que agente criou mais amizade entre eu e ele. Penso, não sei se foi por aí, ele se calhar lembra-se de outras situações, mas eu lembro-me muito dessa. E pronto, de brincadeiras o que é que fazíamos mais? Não sei se tu chegaste a ir, mas nós fazíamos muito às vezes era ir ali para cima para a Castanheira, às vezes à noite, brincar para o pasto.

**SARA**

Fui 3 ou 4 vezes. Eu até tenho aqui, vou-te mostrar. Isso é o tipo de animação que vou fazer, o espaço não é este.

PAULO

Isso dá um trabalho do caramba!

SARA

Tem.

(...)

PAULO

Não sei o que queres que diga mais de brincadeiras. Na altura do S.João também fazíamos fogueiras.

SARA

Pois é.

PAULO

Quando não havia os apartamentos onde eu moro, fazíamos competição das ruas de baixo com as ruas de cima.

SARA

Ah moras mesmo naqueles apartamentos, os últimos a serem feitos?

PAULO

Comprei ali. Apesar de não gostar muito deles, comprei ali porque é uma boa localização.

SARA

Pois é.

PAULO

Continuamos perto de tudo e aqui é um bom sítio para morar. Lembro-me das fogueiras, de fazermos concursos, tipo a tentar acender ao mesmo tempo, a ver qual é a que durava mais tempo, a fogueira mais alta, coisas assim do género. Mais... andava muito de bicicleta, depois tenho de ver mais pequeno ainda, o que é que fazíamos.. Jogávamos futebol, fazíamos campeonatos ali no campo de futebol. Na altura havia muitos jovens aqui, hoje em dia já não se nota esses jovens na rua. Se calhar não venho para esses sítios a essas horas mas já não se vê, se calhar também a natalidade diminuiu qualquer coisa, menos filhos, na altura cada casal tinha sempre um, dois, um, dois e às vezes três. Um ainda estava na rua, o outro também vinha, depois dava continuidade.

SARA

E também o bairro quando foi construído vieram para aqui pessoas, começar a sua vida não é. Como achas que isso começou?

PAULO

As brincadeiras?

SARA

Como começaste a...

PAULO

A vir para a rua? Muito pequenino. Primeiro contacto com o Farias, não sei se sabes quem é, acho eu na altura, e depois com o Marim

porque éramos pequeninos e víamos na rua, e depois "mãe, posso ir brincar?", não sei quê, um bocadinho, depois as mães também acabam por se contactar, porque foi como tudo própria disseste, vieram quase todos para o bairro quase todos ao mesmo tempo. Com uma diferença de 1 ano ou 2 anos mas isso foi tudo habitado mais ou menos tudo no mesmo período. Acho que não houve muita casa por habitar na altura e depois começava essas brincadeiras, aí entrava a confiança, as mães já tinham confiança para ir para as casas uns dos outros e depois era isso.

SARA

Brincadeiras? Futebol...

PAULO

Futebol, brincar às apanhadas, escondidas, tocar às campainhas, bater às garagens, sei lá, jogar ao alien.

SARA

Ao alien?

PAULO

Sim. Ao alien era ou para o pasto quando a erva estava muito alta, o André maluco sabes quem é? Pronto. Aquilo sobes muito, depois fica plano. Ele ia lá para cima, não é esconder-se mas esperar pela gente. Agente escondia-se e ele vinha por aí abaixo a fazer barulho. Aquelas coisas à André Maluco. E depois houve muitos verões que íamos jogar para a casa do Pedro Simões, um jogo de tabuleiro, era mesmo vício. Agente jogava ali noites e noites seguidas. Jogar às cartas, muitas noites a jogar às cartas, muitas noites aqui atrás de falar, de rir, brincar. Com isso também depois começou alguma independência, no meu caso, da minha geração, de poder sair mais. Nunca nada de noitadas, discotecas ou coisas do género.

SARA

Isso foi mais tarde.

PAULO

Sim. Nessa altura também foi quando saí daqui para ir para o tropa por isso eu não posso referir muito esse aspecto. Mas, antes, nos verões eram os acampamentos que nós íamos fazer, e eu lembro-me era de ficar aqui mesmo na conversa, na brincadeira, muita interação,

SARA

Pois é. Acampamentos nos mosteiros, tenho ali umas fotografias.

PAULO

Isso é que se calhar sou capaz de te conseguir arranjar mas se calhar já não tem muito haver...

SARA

Não. Eu tenho ali só para...



PAULO  
Recordação. Deixa-me ver mais coisas que nós pudéssemos fazer.

SARA  
E videos? Muito raro né?

PAULO  
Não tenho nada. Não havia smartphones, não havia as máquinas, o meu pai e a minha mãe não me deixavam trazer para a rua, sou capaz de ter uma fotografia ou outra, eu vou ver quando chegar a casa.

SARA  
Se tiveres na rua, o pessoal...

PAULO  
Sou capaz de ter, mas acho que já perdi essa foto. Foi um dia que fomos para um acampamento e agente tirou todos aqui em frente à casa da Ana.

SARA  
A sério?

PAULO  
Estava aí o pessoal todo. Era uma coisa engraçada porque mostra muita gente.

SARA  
Um local que o pessoal estava sempre ali.

PAULO  
É verdade. É em frente à casa da Ana e até às vezes era quase ponto de paragem obrigatório, às vezes eu estava por ali quando agente vinha da escola, o trajecto da escola era ir por aqui, falar não sei quê. Lembro-me também muita vez de ir para a casa do Bruno fazer lanches na casa dele.

SARA  
O Bruno?

PAULO  
Sim, mas não conta como brincadeiras...

SARA  
Pois.

PAULO  
O que interessa é na rua...E era o carnaval, a batalha dos balões que havia disputa entre as ruas.

SARA  
Pois é. Lembro-me que passava aqui o pessoal com os carrinhos dos hiper cheios de baões e eu aqui a atirar para baixo. Houve alguém que deixou uma vez o carrinho cair.

PAULO  
Derramou tudo.

SARA  
Completamente. Pronto.

(...)

SARA  
Epá se encontrases algo relacionado com isso, brincadeiras, o porquê do desaparecimento dessa tradição...

PAULO  
É a tecnologia. E é o hábito e depois é assim...

SARA  
Novos hábitos.

PAULO  
São novos hábitos, é isso. Assim como não se muda uma geração de um dia para o outro, nós se formos a ver se calhar na nossa geração apesar de ter menos coisas gosta de sair. E começa haver uma geração que já não sai de casa, que faz tudo em casa, conhece o mundo através do ecrã e isso perde-se o contacto com as brincadeiras de rua, também se calhar os espaços que se podia brincar estão a diminuir e isso é outro factor.

SARA  
E aqui no bairro não achas que com a construção do centro comercial veio trazer muitos mais gente aqui...

PAULO  
Sim veio inibir esse comportamento.

SARA  
...mais trânsito e isso.

PAULO  
Na altura isso era tudo mais livre, mais solto, vinha para aqui só quem morava aqui mais ou menos. Depois é assim, uma cidade à beira mar, nesse caso avança sempre para cima, para os lados, desenvolveu-se para aqui.

SARA  
Pois é.

PAULO  
E é isso. Eu se puder ajudar em mais alguma coisa...

SARA  
Está óptimo, eu se me lembrar de mais alguma coisa depois falo contigo, está bem?

PAULO  
Está bem. Eu vou ver então as fotografias, ver se tem alguma coisa que acho que possa servir. Do acampamento não serve né?

SARA  
Epá, eu tenho ali. Se te der jeito, se digitalizares, na boa, até posso no final juntar tudo.

FIM

## ENTREVISTA DE PESQUISA PARA PROPOSTA

**Nome:** Joana Brum Sousa

**Descrição:** Começou a viver no bairro na 1ª fase de construção. Relacionou-se mais com os vizinhos das casas. Vive ali desde que era pasto à volta. Tem um irmão mais velho que, de início, saía para o bairro com ele. Teve pouca ligação com os vizinhos do outro lado do bairro (casas 2ª fase e apartamentos). Na sua rua, os vizinhos faziam jantares de São João ao ar livre e também começaram por fazer competições de fogueiras.

**Data:** 27 de setembro de 2013

SARA

...não, é só conversa mas é para me contares como tudo começou.

JOANA

Da minha parte? Das brincadeiras da rua?

SARA

Sim.

JOANA

Olha eu tinha um irmão por isso foi tudo mais fácil, porque o meu irmão já andava na rua e já se ouvia falar, pronto, de ir para a rua. E agente quando falar entre todos "Ah, vais para a rua?" e então o meu irmão já ia para a rua com os seus amiguinhos e eu fui conhecendo os amiguinhos dele. Via que eles iam todos jogar futebol, iam todos bater lá a casa à porta mas era tudo uma folia. Não havia comunicação entre eles, aqui era tudo bater às campainhas uns dos outros para ver quem é que estava em casa e então a minha casa era a casa do ponto de encontro normalmente e então o Pedro estava sempre em casa. Pronto, eu via, ele ia para a rua e eu também queria ir. Minha mãe começou-me a deixar ir e eu tinha perto de uns 6, 7 anos quando eu fui para a rua e inicialmente eles iam lá para cima jogar futebol num campo de terra e eu ia ver eles a jogarem futebol.

SARA

Com quantos anos é que estás?

JOANA

Estou agora com 25. Pronto, eles iam jogar futebol. Pois claro, ia conhecendo algumas amiguinhas, depois tinha a minha prima do lado, a Vitória que tem mais ou menos a minha idade, um ano e meio mais nova que eu e agente sempre foi as priminhas, as de cabelinho à cogumelo, que agente cortava o cabelinho na altura, sempre todas iguais, e vamos para a rua. Portanto, as mães confiavam porque agente andava sempre ali unidas. Depois, o nosso

bairro era diferente. Havia só as casas antigas, depois é que construíram as casas novas, as casas que agora têm aquela riscada pintada de... pronto, verde, amarelo e cor-de-rosa. Pronto e agente houve uma vez que também já tínhamos o nosso grupinho. Eram os mais velhos e os mais novos, e agente ficava até às onze e tal da noite na rua. Onze e meia, meia-noite. Jogávamos às... À noite, o que agente fazia era jogar às cartas, jogávamos à apanhada, jogávamos o coisa do lencinho, chamava o fogo que era... não sei se te lembras. Que era o que agente tinha um lencinho...

SARA

Ah já sei!

JOANA

E agente dizia fogo, e fogo! Toda a gente ia a correr para a busca do lencinho. Número 2! E depois ia o número 2 apanhar o lencinho.

SARA

Era!

JOANA

E tinha que passar a linha do outro lado. Jogávamos era ao lencinho, jogávamos à apanhada, jogávamos à macaca, jogávamos muito pião também, jogávamos muito... Tínhamos muita imaginação, o que agente fazia era com a construção nova nós íamos investigar as construções novas, íamos ver o que é que havia de novo para fazer e havia lá um campo de cimento que depois não sabiam o que é que iam fazer daquilo, por acaso acho que era um parque que iam fazer para as crianças mas acho que acabaram por não fazer. E então agente inventava, fazer carrinhos para andar de bicicleta, carreiras, fazíamos mesmo assim pontes para andar de bicicleta, fazíamos no próprio muro, pintávamos de giz para fazer as balizas, inventávamos tanto. Depois dessas construções estarem prontas, fomos conhecendo o pessoal que vivia ali naquelas construções novas e aí juntou-se um grupo maior. E então... pronto. As nossas brincadeiras... Ah! Jogávamos muito *volleyball* na rua, mesmo os mais velhos e muita gente conhecia aquele bairro. Mesmo de fora do bairro, iam lá ter. E havia um jogo que era um jogo do queimado que jogávamos à volta, jogávamos todos e depois ganhava quem ficasse no final e que não fosse queimado. Quem fosse queimado ia para o meio da roda e quem conseguisse apanhar a bola no meio da roda é que depois salvava todos os que estavam no meio da roda. Pronto era muito giro, agente jogava muitas vezes isso. Também tínhamos muitas aventuras a ir para o quartel, não sei se já ouviste falar no quartel.

SARA

Fui algumas vezes!

JOANA

Fomos para o quartel, combinávamos todos juntos. Mas o que é mais interessante é que antigamente as pessoas eram pontuais na hora. Antes não haviam telemóveis, não havia nada e esse facto, e já reflecti sobre isso, o facto de nós termos telemóvel hoje em dia é que promove com que as pessoas não se unem mais. Porquê? Há sempre uma desculpa e conseguem informar que não vão aparecer através do telemóvel. Ou seja, já não ficam com a consciência tão pesada de não irem ao sítio. "Epá, ele está à minha espera, vai ficar horas à minha espera, não sei quê." Não porque avisaram. Agora já há maneira de avisar. Mas era muito giro. Uma das coisas que agente também tinha originalidade era para fazer a baliza do *volleyball*, arranjávamos um fio, amarrávamos à minha garagem e ao quintal do vizinho. Então, fazíamos um fio e jogávamos aí. Depois quando vinha um carro, tínhamos sempre que desmanchar o fio para o carro passar. Era muito giro. Uma outra brincadeira que também tínhamos em crianças era brincar no verão quando não podíamos ir para a praia ou assim, quando agente não tinha boleia, agente brincava era à mangueirada. Íamos para o quintal umas das outras, às vezes fazíamos os castelos com os guarda-sóis. E depois brincávamos à mangueirada, que era cada uma mandava a mangueira uma para a outra para refrescar, por acaso era muito engraçado. Mais brincadeiras... O nosso entretém à noite era jogar às cartas, jogávamos muito às cartas, às escondidas. Basicamente era isso...

SARA  
Tu moras nos primeiros apartamentos que foram construídos? Nas primeiras casas?

JOANA  
Nas primeiras casas. Nas primeiras de todas que antes eram designadas por A, B, C, D... E agora já têm nomes. Essas casas agora é Rua Cidade de Florianópolis, rua não sei quê...

SARA  
Pois é.

JOANA  
Agora já está completamente diferente.

SARA  
Quartel toda a gente foi.

JOANA  
Sim, o quartel com aqueles túneis lá para baixo.

SARA  
É verdade.

JOANA  
Ah, e íamos muitas vezes também fazer brincadeiras no cemitério. Não eram brincadeiras estúpidas, era mais aquela coisa do medo. Por acaso quando eu fui nunca fizemos brincadeiras de... mas eu ouvia histórias que levantavam as urnas e não sei quê. E

tiravam os ossos, etc. Mais brincadeiras que agente fazia! Ah e quando chovia agente ia muito para a casa uns dos outros ver filmes. A minha casa já te disse que era o ponto de encontro e então íamos todos lá para casa, víamos filmes, metíamos a música aos altos berros, na altura agente jogava muito o *SEGA* que era o *sonic*, jogávamos muito o *sonic* também. Pronto, e agente detestava estar em casa. Agente passava uma tarde em casa e já estávamos desesperados, agente queria ir para a rua. Depois ao longo dos anos as mães iam deixando sair mais tarde, mais tarde... E depois as pessoas iam crescendo e pronto, faz-me impressão também olhar para aquele bairro e o que aquilo já foi. Ah! Durante o dia também... aquilo era por épocas e por zonas, o nosso bairro é grande e então havia a zona onde agente andava lá em cima nas escadas e depois havia os pilares, havia os apartamentos brancos e depois havia os vossos apartamentos que eram os cor-de-rosa

SARA  
Construídos por último.

JOANA  
Os brancos? Não é os lá em cima, lá em cima.. São os brancos, à esquerda que dá para o bairro Arcaño Lar, aqueles ali que dão para o bairro do...

SARA  
Sei sei. Do Lajedo.

JOANA  
Do Lajedo.

SARA  
Esses foram depois?

JOANA  
Depois do bairro? ou foram antes? não sei.

SARA  
Não, eu sei que foram depois das casas. Agora dos apartamentos onde vivo acho que foram construídos depois.

JOANA  
Não tenho a certeza. Pronto, nesses apartamentos o que fazíamos muito aí era eu mais os rapazes que eram mais aventureiros, aqueles saltos em patins! Faziam muito desses saltos em patins, partiam-se todos mas pronto. E depois fazíamos corridas, quem conseguia saltar mais alto, quem conseguia fazer aquilo no tempo mais rápido, quem conseguia fazer mais escadas. Por acaso era muito giro e passávamos horas e horas aí. E depois quando aparecia uma novidade, por exemplo os matutazos, os matutanos, aquilo ninguém ficava em casa a coisa, assim que aparecia uma novidade ia tudo para a rua mostrar as novidades uns aos outros "olha tenho aquilo! aquilo!", "qual é o que tu tens? o que tu não tens?", havia ali sempre uma troca de...

SARA  
Isso era o bairro como era antes.

JOANA  
Hm hm.

SARA  
Aqueles apartamentos que estávamos a falar é aqui. Isto foi o lançamento da primeira pedra das casas.

JOANA  
Exactamente! é!

SARA  
Também tenho as plantas mas não tenho aqui.

JOANA  
Ai tão giro! Espectacular.

SARA  
Vê essa aqui.

JOANA  
Onde foste arranjar essas coisas?

SARA  
Oh querida, pesquisei. Fui falar com o responsável disso. É engraçado ter fotografias.

JOANA  
Então não é.

SARA  
Ai podes ver que algumas casas ainda não estão construídas, nem os apartamentos.

JOANA  
Nem o hospital!

SARA  
Pois não.

JOANA  
A minha mãe conta-me que na altura só havia até à casa da minha vizinha do lado e que em baixo era pasto e depois para ali já não havia mais nada. A minha mãe conta-me que houve uma vez que estava estendendo a roupa e houve uma vaca que entrou pelo quintal a dentro e a minha mãe ficou tão assustada, tão assustada que, pronto, como é possível uma pessoa olhar agora para aquilo e antigamente havia vacas ali à volta.

SARA  
Pois é. Eu tenho fotografias que é...  
10:05 s

JOANA  
É mesmo vacas ali à volta! A minha mãe dizia que tinham vacas a pastar ali naqueles pastos. Aquilo era pastos antes, agora já está até lá cima.

SARA  
Uma quantidade de casas infernal para ali.

JOANA  
Agora cada um tem um carro.. Mas eu fico triste, o raciocínio das crianças, é tudo tão mecanizado agora por essas novas tecnologias e não há perícia, não há aquele desenvolvimento táctico das mãos, de tocar nas coisas, de conhecer a terra, de...

SARA  
Explorar.

JOANA  
Explorar as coisas. Não. Agora é tudo tão mecanizado. Agora vai tudo para engenharias e para matemáticas, etc.  
Mas, o que agente fazia era isso, eu comecei a sair nova, também é verdade. Comecei a sair aos 12/13 anos porque o meu irmão saía e eu ia com ele e isso. Mas agente até lá ia todos os dias para a rua, de segunda a sexta-feira e comecei a sair, como já te disse, com 12/13 anos. Não, aos 6/7 anos mas é claro que não é sair todos os dias. Saía um bocadinho com o meu irmãozinho para a rua e depois ia para casa. A partir dos 10...

SARA  
Pois, íamos com os irmãos..

JOANA  
Era. Também não havia tanto perigo como há agora, a verdade é essa, é que agora há mais perigo e as mães ficam com mais medo por causa disso. Aquele bairro era um sossego, de vez em quando passava um carro ali.

SARA  
Agora tens o centro comercial, a escola já tinha mas agora fizeram um portão em cima...

JOANA  
Exactamente, lá vem outros carros dali. A igreja...

SARA  
A via rápida também.

JOANA  
A via rápida... Aquilo era uma paz, aquilo não havia nada ali para cima. Aquilo era uma paz e quando passava um carro, agente ficava a ver quem era (risos) "quem é esse carro agora aqui??" e as pessoas a olharem...

SARA  
(risos) parece que agente vivia bem longe. Naqueles terriolas...

JOANA  
É mesmo! (risos) E pronto. E era bom. Toda a gente conhecia aquele bairro.

SARA  
Pessoas de fora também iam para lá.

JOANA

Amiguinhos dos amiguinhos dos amiguinhos, juntava-se tudo lá. E depois era um convívio bom, saudável. Depois, claro, que houve como todos os sítios, penso eu, com os... Olá!

LILIANA  
Olá.

JOANA  
...hábitos menos bons como as drogas e não sei quê. Aí começou a haver desvio...

SARA  
Pois, também tínhamos aquele bairro ao lado.

JOANA  
O bairro do Lajedo por acaso nunca se intrometeu muito com agente.

SARA  
Pois não. Era mais o medo.

JOANA  
Era o medo que agente tinha de ir para aquele lado. Às vezes umas brigas com umas gémeas que apareciam lá, faziam zaragata e começavam a falar mas não havia nada. E havia o Luciano também que tinha uma deficiência. Não sei se conheceste o Luciano?

SARA  
Então não. Estava sempre à porta da minha casa. O pessoal também arressacava muito com ele por isso é que ele ficava furioso.

JOANA  
Pois é, e depois havia a mãe.. Não sei se te lembras da igreja ali em cima? Tinha aquele monte que era só silvas. Lembraste? Agente tinha medo daquele monte! Então quando ficava de noite...

SARA  
Eu não passava!

JOANA  
Aquilo quando ficava de noite... e que medo de ir para aquele monte. Aquilo tinha montes de silvas e ratos e gatos e não sei quê. E com a bola ia para ali quase ninguém ia lá buscar as coisas! E então a mãe do Luciano metia-se lá em cima a chamar "Eh Luciano!!" e agente gozava "Eh Conceição!!"

SARA  
Ela chamava-se Conceição?

JOANA  
Agente gozava tanto "Eh Conceição!!". O que é que eu ia dizer mais? Ah mas houve uma altura, e depois aquilo era por sítios. Eram os prédios cor-de-rosa onde tu moravas, agente andava muito nas tuas escadas mesmo na tua porta. Andávamos muito aí. Depois chegamos a andar pelos bancos mesmo lá dentro nos apartamentos, andávamos ali no meio. Depois passamos para a parte de baixo porque acho

que havia alguém que chamava a polícia que agente estava no lado de cima...

SARA  
Eram todas as noites...

JOANA  
É.

LILIANA  
Quem era?

SARA  
A polícia, estava todas as noites ali.

LILIANA  
Agente tinha um vizinho que era polícia.

SARA  
Quem era?

LILIANA  
Morava no lado de baixo, no bloco abaixo do teu.

SARA  
Ah não me lembro!

LILIANA  
O Dinis chegava lá, com as campainhas era assim!

JOANA  
Ahh! O nosso entretém também era tocar às campainhas!

SARA  
Tocar às campainhas e fugir não é?

JOANA  
Era! E depois naquele dia do halloween agente também fazia, juntávamo-nos todos do bairro, íamos bater às portas e claro que fazíamos as maldades não é, só partidas, agente também fazia as nossas partidas. Atirávamos ovos pela... Houve uma vez! Foi tão giro. Agente atirou ovos para a casa do Herminio, não sei se vocês conhecem o Herminio.

SARA  
Não sei.

JOANA  
Um que andava com o cabelo muito espetado!

LILIANA  
Herminio?

JOANA  
Herminio Arruda! Pronto, agente atirou ovos para a janela. O pai soube! O pai saiu de casa a correr atrás de agente! (risos) Era um tal correr por lá fora! Houve uma vez que agente tocou à campainha de um enfermeiro. Ele era muito coiso, já não sei, acho que foi o Huguim, vocês sabem quem é o Huguim?

SARA  
Han han.

JOANA  
O Huguim é que foi... Ele é que viu o Huguim, eles andaram e não estou a exagerar, mais de meia hora a correr e o homem sempre atrás do Huguim. Sempre! Essas coisas era tão engraçado.

SARA  
Pois era.

JOANA  
Tantas saudades disso. Mais o que é que agente jogava. Olha, bonecas nunca fui muito de brincar às bonecas. Iamos para casa só quando estivesse a chover ou quanto tinha uma amiga minha, a Mariana, que ela esteve lá e tinha que tomar conta da irmã, ela com 10 anos já tomava conta da irmã e agente tinha que fazer companhia para ela não ficar sozinha em casa. Aí agente já brincava mais às bonecas, a Vitória já gostava mais das suas bonecas mas eu nunca gostei muito. Fazia outras coisas, jogava aos carrinhos, sei lá... Puzzles também.

SARA  
Diz-me uma coisa, tens fotografias, qualquer coisa?

JOANA  
Eu tenho fotografias mas é com pessoal do bairro mas eu posso ver o que posso ter mais.

SARA  
Sim, mas na rua.

JOANA  
Posso ver do S.João... Ah! Depois fazíamos todos os anos o S.João na rua.

SARA  
A fogueira!

JOANA  
A festa do S.João. Na Rua.

SARA  
Pois é! Vocês faziam ali naquela rua.

LILIANA  
Eu cheguei a ir.

SARA  
Pois é. Eu chegava a ir, ia de bicicleta e passava por lá.

LILIANA  
Mas a rua fechava, não passava carros e estava tudo cá fora...

SARA  
Pois é.

JOANA

Fazíamos o S.João todos os anos. O meu pai ultimamente não tem feito porque às vezes vai viajar e não tem feito. Os vizinhos, há um ou outro que continua a por cá fora as coisas. Mas pode ser que este ano agente pegue nessa coisa outra vez.

(...)

Muito engraçado. Tenho tantas saudades, tantas saudades. Cheguei a andar muito com uma amiga vossa dali da frente, a Ana, a Bruna também. Iamos para a casa da Bruna. Muitas das coisas que agente fazia era ir para a casa umas das outras dormir, e então agente ia dormir para a casa de avó da Bruna e ela tinha um terraço cá fora. E agente ia dormir montes de vez a ver as estrelas, não sei quê. Era a noite do pijama que agente chamava. E agente estava sempre inventando, sempre. Fazíamos muitos bolos de terra, sei lá mais o que é que agente fazia. Casotas... Iamos apanhar madeiras para aí para fazer casotas, a nossa ideia era querer fazer um casota e era uma cabana, era a cabana das cabanas, chegamos a fazer várias cabanas. E antigamente aquilo era tão deserto, tão deserto que agente fazia as cabanas e ninguém mexia nem nada. Só às vezes é que os do Lajedo iam fazer uma maldadezinha e iam mexer no que agente tinha feito. Mas fazíamos tantas, tantas.

SARA  
Falei com o Paulo Oliveira...

JOANA  
Sim.

SARA  
E ele disse, hoje em dia há menos segurança não é, os criminosos éramos nós na altura.

JOANA  
Era mesmo! Mas a nossa...

LILIANA  
A policia estava sempre lá para agente!

JOANA  
Era mesmo!

LILIANA  
Nós éramos um grupo de risco então que agente...

SARA  
...atirávamos pedras!

JOANA  
Pedras! Pois é, para cima dos carros!

SARA  
Vê só, isso é de gente?

JOANA  
E tocar às campainhas, por isso é que a policia passava mais lá. E depois houve a altura então

que se começou a introduzir a droga lá no bairro e aí é que a policia começou a passar mais vezes. Mas antes disso era mais porque agente tocava às campainhas, porque agente atirava pedras para aquelas garagens que faziam um barulhão!

LILIANA  
Hiii!

JOANA  
Que era de metal sabes?

SARA  
Sim sim.

JOANA  
Por isso é que a policia estava lá sempre a rondar. Basicamente o que acontecia era isso.

LILIANA  
Vidros partidos do trampolim.

SARA  
Hiiii...

LILIANA  
Com a bola.

JOANA  
Pois, é verdade, partiu-se os vidros.

SARA  
Éramos mesmo os criminosos. (risos)

JOANA  
Éramos mesmo os criminosos!

LILIANA  
Depois aquilo num instante, estava tudo num centro e zuuummm.. fugia tudo!

JOANA  
Rápido!

LILIANA  
Parecia ratos, agente fugia... o buraco onde fosse, agente enfiava-se!

JOANA  
Era mesmo!

(risos)

LILIANA  
A policia chegou a ir atrás de mim e do Huguim.

SARA  
Foi?

LILIANA  
Também não fugi para muito longe, foi para a minha casa.

JOANA  
Mas as nossas maldades eram tão inocentes. Comparando com o que há agora! Antigamente

as nossas maldades era atirar uma pedra, partir vidros com bolas!

LILIANA  
Agente não tinha mais nada para fazer!

SARA  
Eu lembro-me de meter pedras assim na rua, esconder e esperar que os carros passassem depois.

LILIANA  
Ya.

JOANA  
Mas isso é que tinha piada. Agente divertia-se com tão pouco. Não é preciso agora...

SARA  
Pois é.

JOANA  
Os nossos pais nem gastavam muito dinheiro com agente!

LILIANA  
Era mais a preocupação por causa da policia.

SARA  
E nem isso. A minha mãe acho que nunca ...

LILIANA  
Agente podia não ser a causa do mal mas agente estava lá no meio

JOANA  
Exacto!

LILIANA  
Vocês lembram-se do vizinho de baixo que estendia a roupa só de avental?

JOANA  
Ouh, ya! Eu lembro-me desse.

SARA  
Sim! Nú.

LILIANA  
Que ele pegou no Titanic pelo pescoço

JOANA  
Pois, porque foi? Titanic disse alguma coisa?

LILIANA  
Deve tê-lo chamado de "paneleiro".

SARA  
Hiii...

JOANA  
Pois foi, ai eu lembro-me tanto desse homem!

SARA  
Estávamos a fazer barulho e ele chegou lá.

JOANA

Pois porque isso era para os teus lados!

LILIANA  
Era mesmo abaixo da Sara!

SARA  
Era abaixo do meu. No 1º andar. Mas ele batia na mulher também, depois separaram-se...

LILIANA  
"Isso é muito barulho!" Ele, uma vez, deu uma festa numa segunda-feira, até à 1h, 2h, 3h e 4h da manhã, era chamar a polícia.

JOANA  
Claro.

LILIANA  
E a polícia foi lá duas vezes que mandou-lhe baixar... depois ele levantou outra vez o som.

SARA  
Aquilo era uma discoteca "pum pum pum".

JOANA  
Pois era.

SARA  
O meu chão é de cortiça, ou seja, abafa, não se ouve. E aquilo "pum pum".

LILIANA  
Estavas na festa! (risos)

SARA  
Estava na festa completamente. A minha mãe pegava de cabeça.

JOANA  
Agente também tinha um vizinho que chamava sempre a polícia, sempre. Não era por mais nada, era porque agente ficava, nem falávamos muito alto, ficávamos a conversar... Era um dos spots ao lado da minha casa, não sei se vocês se lembram. Tinha um pinheiro muito alto, muito alto, largo.

SARA  
Não...

JOANA  
Que agente escondia ali debaixo e tudo. E antes não tinha grades e agente então, tinha ali um buraquinho, que agente se metia ali a conversar. Todas as noites o homem chamava a polícia porque agente estava simplesmente a conversa, não estava a fazer mais nada.

SARA  
Era o barulhinho.

JOANA  
Mas depois quando a filha foi para fora, quando começou a sair a filha ele já não chamava a polícia. Mas aquele sempre foi apanhado do clima.

SARA  
(risos)

JOANA  
Olha, eles se calhar se soubessem o que sabem hoje, diziam assim "maldita a hora que eu chamava a polícia!" que agora não se vê é ninguém cá fora na rua! Ao menos meu rico tempo em que eles estavam lá e faziam barulho, agora estão enfiados em casa esses putos... Isso depois não cria espírito entre equipa, espírito entre ajuda, porque é tão individual as crianças, ficam tão individualistas que isso depois é tão mau

LILIANA  
E materialistas, têm tudo.

JOANA  
E materialistas!

SARA  
Isoladas.

LILIANA  
Têm tudo. Nem se queixam. Agente sabia lá o que era um computador, telemóvel.

JOANA  
O telemóvel não, o computador por acaso o meu pai sempre teve mas nunca...

LILIANA  
Agente assistiu a essa evolução de tecnologia... Isso não é assim tão importante.

SARA  
Quer dizer, acho que agente foi parte da evolução. Quando começou essas tecnologias todas, esse hábito começou-se a desaparecer.

JOANA  
Sim, esses hábitos foram crescendo devagarinho..

SARA  
Agente também começou a crescer, por isso...

JOANA  
Também é verdade. Mas se tu reparares havia pessoas na minha altura que tinham perto de 22, 23, 24 que saiam para o bairro e tipo eu era pequenina e então era com essa idade. E que jogavam às apanhadas e escondidas com agente! Passado dois anos depois, houve um que se casou, por exemplo. Para tu veres a diferença, hoje em dia põe uma pessoa de 23 ou 24 anos a brincar às escondidas e às apanhadas.

SARA  
Havia tanta diferença. Eu quando tinha 8 anos havia pessoal com 16, 17 anos.

JOANA  
Havia.



LILIANA

Era diferença sempre de 4 a 8 anos. Eram os irmãos mais velhos, depois amigos dos mais velhos.

SARA

Hoje em dia os pais também só têm um filho e não têm dois filhos.

LILIANA

E mesmo que tenham, não querem ir para o bairro, querem combinar as noitadas.

JOANA

Mas toda a sociedade foi mudando e a sociedade toda tem culpa. Pois, as crianças não têm culpa porque estão crescendo. Estão nascendo nessa realidade agora.

LILIANA

Agente teve necessidade de criar coisas para fazer. Para inventar.

JOANA

Pois foi. Epá, eu não troco nada por nada desse mundo: a minha infância.

SARA

Também é verdade.

JOANA

Meu rico bairro. Trouxe-nos muitas alegrias.

SARA

É mesmo. Ia a casa buscar a bicicleta, ia a casa buscar os patins, descia com os patins pelas escadas, pregar estacadas nas escadas de patins, ir embora. (risos)

JOANA

(risos)

SARA

Depois ir buscar a comida, trazer a comida, almoçar cá fora, não sei quê. Aquilo era...

JOANA

E agente... Fartávamos da bicicleta, íamos buscar os patins, fartávamos dos patins... "Ah, a minha mãe comprou-me esse pião! Bora jogar ao pião? Tens um pião? Bora jogar ao pião!" E depois eram aqueles matutazos então era uma febre.

LILIANA

O berlinde!

JOANA

Adorava jogar ao berlinde. Adorava. E havia também um jogo que era dos países. Não era esse de papel, era aquele em que agente fazia uma roda no chão e tínhamos países escritos nessa roda. Agente metia só um pé lá dentro. Eu já não me lembro como é que se jogava esse jogo. Depois agente dizia qualquer coisa, um país não sei quê luta contra um país não sei quê e então os dois fugiam. E o país que fosse

chamado tinha que apanhar o outro. Era qualquer coisa assim qualquer, fazia-se uma roda no chão que se fazia uma divisão...

SARA

Sim.

JOANA

Agente jogava também... Agente inventava tanto! Se agente não soubesse agente inventava as regras, não interessa.

LILIANA

O do lenço...

SARA

Era.

JOANA

A macaca era... Sabes como é que gritávamos a macaca quando não tínhamos giz? Era com as telhas cor-de-laranja.

LILIANA

Agente fazia com aqueles blocos que tem...

JOANA

Era com os blocos. E quando agente não tinha era com as telhas. Aquilo pintava!

SARA

Pois pintava!

JOANA

A telha cor-de-laranja quando agente não tinha.

SARA

Era engraçado.

LILIANA

Eu lembro-me de pular à corda.

JOANA

Ah pular à corda também era!

SARA

Eu acho que nunca pulei.

JOANA

Agente pulava. Eu tinha uma corda amarela e cor-de-rosa fluorescente.

SARA

Ah não! Eu por acaso tinha uma corda em casa...

LILIANA

Eu também tinha! Eu tinha uma cor-de-rosa e uma verde.

SARA

Mas eu não me lembro de...

LILIANA

Íamos para cima das garagens!

SARA

É mulher, pois era!

JOANA  
Pois era! (risos)

LILIANA  
Pela caixa!

SARA  
Agente ainda queria subir ao gás para entrar dentro ao gás.

JOANA  
Em cima das garagens era... Eu juro vocês... tão pequeninos, eu não sei como é que não nos partiamo-nos todos, éramos uns macacos autênticos!

LILIANA  
Eu só tenho uma cicatriz!

SARA  
(risos)

JOANA  
E aquelas árvores daquele parque lá em cima que agora tem uns baloiços lá e não sei quê, aquele que tinha o terreno onde se jogava futebol!

SARA  
Sim!

JOANA  
Tinha aquela árvore grande! Eu subia aquela árvore quase até lá cima. Eu agora sou incapaz de fazer isso. A sério. Credo. Agente não media o perigo. Agente atravessava...

SARA  
Agente passava o dia na rua.

JOANA  
Sim a questão é essa, é que agente acostumava-se às coisas e depois ia cada vez ultrapassando o medo, o medo...

SARA  
Era uma selvageria. Acordava às 7h30 da manhã para ver bonecos, comer e depois logo para sair de casa para ir andar de bicicleta, ver quem é que estava na rua.

JOANA  
É lá em cima no quartel, agente não media tanto o perigo que agente até atravessava aquilo tudo, aqueles pastos...

SARA  
A via rápida...

JOANA  
Mas também não havia tanto movimento.

LILIANA  
Não havia tantas ligações como há agora.

SARA  
Pois não.

JOANA  
A via rápida estava em construção nessa altura.

SARA  
Mas passava um ou dois carros.

JOANA  
E agente quando atravessava e ouvia o cão. Eu nunca vi cão nenhum!

SARA  
Eu pisei foi bosta de vaca por ali fora!

JOANA  
Havia um cão que protegia as vacas, que houve histórias que eles contavam que tinham visto o cão, o cão a correr atrás deles e não sei quê... Eram mentiras! (risos)

SARA  
Agente tinha que subir aqueles muros, aqueles arames.

JOANA  
Eles tinham ouvido uma voz em baixo... Aqueles túneis eram! Mas eu digo-te uma coisa, aquilo era um perigo. Imagina que havia uma derrocada e agente ficava lá fechados! E ninguém sabia de nada?

SARA  
Só sei que a vista da cidade de lá de cima era espectacular!

JOANA  
Era linda! Vocês nem me falem nisso que eu fico cheia de saudades!

SARA  
Eu depois faço a projecção do filme lá no quartel. (risos)

JOANA  
Acho muito bem. Epá mas agente era mais amigos uns dos outros, e não havia muito stress nem pressão psicológica entre as crianças. "Ai o meu filho está num psicólogo com 10 anos ou 13 anos. 'Cá nada! O meu filho está é brincando!"

SARA  
Hoje em dia é assim.

JOANA  
Hoje em dia, 10 ou 11 anos está tudo no psicólogo, porque não fala.. Não fala porque não tem instintos, é um apanhado porque passa a vida em casa!

Fim.

# ENTREVISTA DE PESQUISA PARA PROPOSTA

**Nome:** Paula Moniz

**Descrição:** Vizinha do prédio de cima do da Liliana. Mãe do Joãozinho e do Henrique. Já não mora no bairro. Tinha o costume de conversar com os vizinhos da varanda, inclusive com a mãe da Liliana e com a minha mãe quando estendiam a roupa.

**Data:** 27 de novembro de 2013

SARA

Como é que esse convívio... Começou?

PAULA

Começou à maneira que fomos todos mudando para o bairro. Ninguém vivia ali naqueles prédios, eu fui para lá e o João já tinha quatro anos. Tu és mais ou menos pela idade dele, és mais velha não é?

SARA

Tenho 23.

PAULA

Tens 23. É um ano de diferença. Vocês já estavam lá, a tua mãe foi das primeiras a mudar-se para lá. Eu mudei-me e ela já lá estava. No meu prédio, havia uma pessoa e eu fui a segunda a mudar-me. Vocês no prédio de baixo porque a minha varanda era o 3º direito e vocês o 2º esquerdo, dava uma para a outra. Eram vocês também que estavam naquele prédio. E começaram... A brincar. Não havia computadores (risos) não havia telemóveis. E era para a rua! Com quatro aninhos agente também ia, os pais também andavam na rua não é. No início nós também fomos, também era tudo novo. Depois é que à maneira que vocês foram crescendo não é, foram-se conhecendo. Quando é que vocês se conheceram? Não sei. Acabaram por crescer ali e conheciam-se ali naquele bairro, no interior dos apartamentos. Vocês fixavam-se muito era ali dentro e nós estávamos descansados, eram muito poucos os carros que passavam ali e agente chegava à varanda e via. Via, chamava...

SARA

Agora já é diferente.

PAULA

Agora... Eu também já saí de lá à quatro anos. Quatro para cinco anos que saí de lá. Mas tenho o Henrique que são seis anos de diferença do João e ele já não foi com vocês. O Henrique já não saía do sofá e não havia crianças na rua como havia na vossa geração. Porque apareciam! vai um, vai outro, depois

vai um, vai um do prédio da frente, era a... Como ela se chama? A Sofia. Não era Sofia que morava no outro prédio?

SARA

Ah... A Sara?

PAULA

A Sara... Que era do prédio da frente. Vocês juntavam-se todos ali.

SARA

A Inês também...

PAULA

Depois quando eram as festas de aniversário vai uns para cada de um... (risos) Era os meninos da escola e os meninos da rua.

SARA

Pois é.

PAULA

Ali da vizinhança.

SARA

Coisas que se lembra... Coisas engraçadas...

PAULA

De vocês?

SARA

Que se faziam lá em baixo.

PAULA

Eram bicicletas, principalmente bolas. Às vezes mas muito pouco, lembro-me mais era de vocês andarem com o Olavo, o João... Bicicletas, trotinetes, skates, passaram pela fase... O João também sempre foi muito de rodas, nunca foi muito de bolas e não me lembro do João jogar futebol ali. Às vezes vocês jogavam muito vôlei, vocês jogavam à frente das garagens. Agente via! Vocês é que não sabiam porque agente estava a vigiar! (risos)

SARA

Eu sei.

PAULA

Até vocês já serem grandes... 13 anos... Mas hoje em dia passas lá e não vês crianças. Porque eu brigo com o Henrique... Eu com o João tinha de gritar para ele vir para casa e com o Henrique eu gritava para ele ir para a rua! Para tu veres a diferença de um para o outro. Agora o Henrique já está com 15 anos e não tem nenhuns amigos ali à volta. Ele tem estado com o pai.

SARA

Pois. Eu vejo-o, está enorme.

PAULA

Está. Está maior que o João. E ele não sai de casa. É escola - casa, casa - escola. Já tem 15

anos mas nunca fez o que o João fazia, de brincar na rua... E o João ainda hoje, apesar de agente ter mudado para o outro lado da cidade, não digo que anda na rua porque ele já não anda muito na rua mas tem muito essa dos amigos que moram ao pé. Vai para casa do amigo, o amigo vai lá para casa. O Henrique já não... O Henrique, já as amizades é muito online. (risos)

SARA  
Pois é...

PAULA  
Amizades, mas isso é...

SARA  
Eu lembro-me que ias lá para fora com um novelo de lã fazer tricot...

PAULA  
Sim. Eu fui ensinar vocês a fazer tricot para o jardim!

SARA  
Pois foi.

PAULA  
Fogo...

SARA  
Com a Sara Borges.

PAULA  
Com a Sara... Veio a lã, veio as agulhas, veio tudo! (risos)

SARA  
E lá se fazia não era.

PAULA  
Os cachecóis... Eu só tinha rapazes, não queriam aprender a fazer daquelas coisas.

SARA  
Pois é.

PAULA  
O Olavo e o Igor mesmo no prédio de pijamas para casa da Ana Isabel, os da Ana Isabel para a minha. Havia uma... Epá era diferente. Belos tempos!

SARA  
É verdade! Gostava de falar também com os pais do Igor e do Olavo porque acho que eles estão para fora (Inglaterra).

PAULA  
Eu falei com a Sofia anteontem. Acho que ela ainda não foi. Ana Isabel acho que ia passar lá o Natal dois meses. Acho que ainda não foram. Porque a Sofia disse-me que acho que iam agora no Natal.

SARA

Pois, o Igor está lá e acho que o Olavo também foi para lá.

PAULA  
O Olavo também está. O Olavo, ela também disse que está naquela sem saber se vai voltar ou não.

SARA  
Os dois na música.

PAULA  
Porque isto é muito engraçado mas não é fácil irem para Londres não é. Outro país, outra gente, outra cultura. Longe do calor da mamã e do papá. Nem toda a gente se habitua. Porque cada vez mais vocês estão mais tempo com os pais. (risos)

SARA  
Não me habituava.

PAULA  
É? (risos)

SARA  
É.

PAULA  
O João diz que quer ir mas ele nunca foi. (risos) Eu também já lhe disse "vais mas não é para ir de férias! Vais é para ir trabalhar, tomar um rumo na vida." De férias não... De férias agente tem o ilhéu da Vila Franca (risos).

(...)

SARA  
Uma pergunta. Fotografias?

PAULA  
Fotografias de vocês no bairro? Eu penso que não...

SARA  
É raro alguém ter.

PAULA  
Se calhar, não sei. É perguntar ao João para ver porque tenho isso tudo lá em casa do Jorge.

SARA  
Mas mesmo na rua?

PAULA  
Na rua... deve haver para lá, das bicicletas ou dos skates. Alguma coisa. Agora não estou a ver nenhuma que me tenha marcado mas deve haver.

SARA  
Pronto.

PAULA  
Agente não tirava muitas fotografias!

SARA  
Pois não.

PAULA  
Agora é que toda a gente tira uma foto para publicar no facebook. (risos)

SARA  
É verdade.

PAULA  
Nem que seja para isso. Mas agora regista-se mais no momento. Antigamente ficava tudo no nosso registo fotográfico.

SARA  
Os pais não deixavam levar.

PAULA  
Nem havia! Havia, havia.

SARA  
Tínhamos uma de rolo mas só para coisas especiais.

PAULA  
É... era preciso ter muito cuidado. Eles eram maiorzinhos quando compramos a câmara. Eu já tinha os dois. Às vezes eram daquelas descartáveis. Agente não andava muito na rua a tirar fotografias, só mesmo em ocasiões especiais é que a máquina saía. Até aos 10, 12 anos é capaz de ter algum registo. Não sei se ele guardou, tinha numa pen e perdi as fotografias todas.

(...)

SARA  
Porque é que achas que esse convívio acabou? Será por causa das novas tecnologias?

PAULA  
É as novas tecnologias. A sociedade foi mudando, as pessoas a meu ver tornaram-se muito mais individualistas, vivem muito mais para si e esquecem-se do que está à volta. Agente às vezes quando dá por isso ainda tenta recuperar e tomar um café com os amigos mas as pessoas fecharam-se muito, digo eu, não digo toda a gente que ainda há pessoas que não tem *facebook*. (risos) mas a maior parte tem. Passam muito tempo online, ligam-se ao resto do mundo através da net e é isso que cortou muita coisa. O contacto físico, mesmo dentro de uma casa nota-se isso na própria família. Estou sozinha com o João, nota-se isso. Estamos os dois na sala, alguém está com o computador. Ou eu ou ele está com o computador. A televisão está ligada mas o outro está no computador ou está a jogar ou... Eu falo por mim porque passo muitas horas no *facebook* a jogar. À *farmville*. Mas eu assim também não tenho muito que fazer (risos) vou-me entretendo com aquilo. Está mal. Está. Eu às vezes, eu estou na fase de sair. Sair de

casa. Ainda à pouco tive com uma amiga minha que já não a via há muito tempo e encontrei-a por acaso no solmar. E eu disse "vamos tomar café? Vamos". Começamos na conversa, o eu, o eu. O quem és, o que estás aqui a fazer. Sabes? O que é que tu queres? Qual o teu objectivo? Andamos aqui... é sempre a filosofia que agente tem e somos as duas carneiras, temos assim uma visão idêntica. E ela é uma daquelas amigas que me captou desde que a conheci. Eu não preciso dizer nada que ela já sabe. Não é fácil encontrar pessoas assim na vida mas ainda encontramos, ela agora tem o lançamento do livro. E estamos a falar sobre e por causa da conversa do outro dia no supermercado, ela disse "tenho um livro para ti." Porque ela tem uma biblioteca assim com umas centenas de livros. Por isso é raro eu comprar um livro, ela geralmente é que me empresta. Epá e em vez de estarmos na conversa online, não é? Vamos ao cafézinho.

SARA  
Convivem um pouco.

PAULA  
E acaba por aparecer mais uns amigos, acabamos por encher duas mesas. Foi um bocadinho, uma meia hora, agora também não há muito tempo não é. As pessoas também têm os trabalhos, têm isso... Andamos todos com a agente preenchida. Hoje foi pouca gente... Porque é preciso ver gente! Faz falta ver gente. Casa, trabalho e trabalho, casa.  
17h10

(...)

Mas oxalá se volte a brincar nas ruas.

SARA  
Pois é.

PAULA  
Ainda se vê em alguns bairros.

SARA  
Os pais também não deixam muito por causa do trânsito.

PAULA  
É. Têm mais receios, os pais também têm mais receios. Agente não pensava nisso. Sabíamos que passava carros, aquela zona sempre foi muito movimentada.

SARA  
Agora é mais.

PAULA  
Mas agora é mais.

SARA  
As pessoas dos carros também não respeitam muito quem possa estar ali a brincar porque já não é uma coisa comum.

PAULA

Aquela rua sempre foi mais protegida que o outro lado porque tinha aquele centro ali no meio na altura do ginásio. Epá, não gostava muito de quando vocês fugiam lá de bicicleta para o outro lado...

SARA

Lá para cima. Para o outro pátio.

PAULA

É. Aí ficava com receio por causa dos carros, por causa... Mas pronto, graças a Deus nunca aconteceu... Aconteceu, aconteceu uma vez com o Olavo. O Olavo caiu de bicicleta ao pé do jardim e esfolou-se todo. E então. Nos apartamentos da Marques, na rua B. Não era rua B? rua A? Atravessava do nosso parque de estacionamento, aquela rua que dava para o outro jardim.

SARA

Ah sim. Que tinha um campo de futebol.

PAULA

Exactamente. Vocês também iam muito para ali. Ali também era um sítio onde se encontravam muitos miúdos. Eu não digo que ainda não se faça isso, eu não vejo!

SARA

É raro ver lá no bairro.

PAULA

Vocês já estão todos grandes (risos) Mas miúdos.. Eu mudei-me para ali em 2010, para a rua das Laranjeiras. Eu só tenho uma vizinha já velhinha que quando ela vem à porta é que ela dá-me bom dia. Eu não conheço ninguém dali. Mesmo as pessoas fecham-se tanto. Cada um nas suas casas. Eu também quando chego a casa, fecho a porta e não vejo ninguém. E mesmo naquela zona é bom agente não reparar no que é que se passa à volta.

SARA

Nas Laranjeiras?

PAULA

É. Aquela zona ali é mais complicada. Mas no bairro das Laranjeiras vê miúdos na rua. Nas Laranjeiras vê-se.

SARA

Eles têm lá um campo de basket.

PAULA

Têm. A Junta também preparou aquilo para eles conviverem, para disfarçar do que há ali à volta. Mas o mal existe em todo o lado.

SARA

Pois é. Lá no bairro...

PAULA

Também havia.

SARA

A minha mãe ia sempre lá buscar...

PAULA

As seringas no chão. Eu cheguei a apanhar.

SARA

Havia lá sempre pessoal do Lajedo.

PAULA

Mas vocês estavam avisados para nunca mexerem. Para nunca mexerem e chamarem pela agente. E chamavam! Quando viam vocês chamavam, tocavam à campainha "Ah encontramos não sei o quê!".

SARA

Até era pior na altura.

PAULA

Porque não havia tanto conhecimento, não se sabia tanto o que era, como era. Hoje em dia já se sabe.

SARA

Antes as crianças brincavam e havia mais perigos ali. Havia pessoal do Lajedo que ameaçavam com as navalhas. A mim nunca me ameaçaram mas...

PAULA

Chegaram a bater-me à porta. Chegaram a roubar lá do meu prédio a bicicleta nova do João. A rapariga veio pedir água cá em cima e o irmão cá em baixo pegou na bicicleta.

SARA

Que cena.

PAULA

E agente sabia e sabíamos onde é que eles moravam e tínhamos visto a bicicleta entrar e tínhamos feito a queixa na polícia. A polícia judiciária é que nos disse "Não batam às portas, não falem com ninguém". Eles tiveram lá e negaram sempre. Agente sabia porque a bicicleta tinha uma peça de não sei quê de conta quilómetros que tínhamos mandado buscar fora. Que não era comum naquela altura haver cá. Agora já há. E conseguia-se identificar bem a bicicleta e até hoje... Quero lá saber.

SARA

Era terrível mas agora construíram ali uma igreja e ficou melhor.

PAULA

Tiraram muita gente desse bairro e distribuíram. Separaram! Pelo que já percebi, existe para aí uns gangues.

SARA

Na Calheta acho que tem.

PAULA

Na Calheta também há. Já ouvi histórias do gangue de baixo com o gangue de cima, eles só tão bem quando a polícia aparece. Dizem que até avisam uns aos outros. Caso contrário não se metam com eles. Mas tens de ser amiga deles.

SARA

Claro.

PAULA

Tens de ser amiga deles senão está tudo. Tenho uma amiga minha que tem lá um apartamento e estava contar histórias que estava na sua varanda a fumar e viu mexerem no caixote de lixo mas nunca se apercebeu que era... Pronto, um deixou e o outro foi buscar a seguir. Ela diz que no outro dia tinha os quatro pneus em baixo porque eles viram-na na varanda e viram que ela estava a olhar. Mas ela disse "eu não dei por nada, sabia lá..." Nem se apercebeu, nem associou. Está a mexer no caixote de lixo, está pondo lixo.

SARA

Que cena.

PAULA

Às vezes acontece.

SARA

Na altura à minha mãe roubaram-lhe o rádio do carro. Partiram o vidro e roubaram o rádio.

PAULA

Mas não tem acontecido lá agora...

SARA

Nunca mais aconteceu nada disso.

PAULA

Eu lembro-me de uma vez me telefonarem lá polícia, de Vila Franca. Telefonaram lá para casa, eram duas ou três da manhã a dizer que tinham localizado o nosso carro. Eu disse "opá, deixe de brincar porque isto não são horas de se telefonar para casa de ninguém para brincadeiras dessas. E era o polícia "vá à janela ver se tem o carro!". O carro não estava, o carro tinha sido roubado. Um *fiat* preto, tu lembras-te? Não sei se tu te lembras. Foi o primeiro que tivemos quando fomos para lá. Os gajos que roubaram o carro, o nosso carro, foram roubar uma mota na rua à frente e foram apanhados logo a seguir em Vila Franca.

SARA

Que cena. Como conseguiram que o carro andasse?

PAULA

Ligação directa. Os carros antigos... Deve ter sido ligação directa. Não roubaram nada do carro. Agente tinha documentos, tinha dinheiro, tinha cheque, tinha óculos. Mas não roubaram nada. Não tiveram tempo! O carro era para

desmanchar. A mota também. Por isso é que a polícia disse que já havia um vizinho que já andava à alerta, desconfiado e que telefonou para a polícia e foram apanhar na altura. Fomos roubados e sem saber (risos) Sem saber que tínhamos sido roubados a polícia tinha apanhado o carro.

SARA

Que cena. Receber um telefonema a dizer isso.

PAULA

Eu estava convencida que era brincadeira. Quando eu chego à janela e vejo o lugar do carro! la-me caindo tudo. Foi em 90, 2000, 98, talvez não... 96, 97 ou 98.

SARA

Agente não tem problemas. É só o meu vizinho de baixo que vai à rua, passa a carrinha, passa o coiso, dão-lhe para trás qualquer coisa e vem-se embora. Mesmo ali na rua.

PAULA

Masmo à frente de toda a gente. Mas no entanto sempre me senti segura ali, vocês brincavam na rua.

SARA

Há essas coisinhas às vezes mas nada demais. E agora há lá, antes as crianças brincavam na rua, agora já ninguém brinca na rua e tem lá um ATL.

PAULA

Tem um ATL de onde era o ginásio. Que é da Paula Rodrigues. Brincam lá dentro (risos) Mas também não vêm brincar para a rua.

SARA

Às vezes no verão vêm brincar para o jardim. E uma vez que acordei, uma barulheira! Músicas aos altos berros. Vou lá fora e no pátio um pula pula gigante!

PAULA

Uma festa (risos).

SARA

Às 9h da manhã já estavam ali aos pulos.

PAULA

Mas dá-me muitas saudades daquele bairro.

SARA

Tenho pena que não existam fotografias disso.

PAULA

Eu não te posso garantir sinceramente, não posso. Mas acho que deve haver alguma nem que seja já mais tarde e o João ter tirado. Também não sei a que é que o João tirava fotografias (risos) ainda tem esse pormenor. Hoje em dia tira às manobras das *bmw*, àqueles saltos, aquelas doideiras. Porque ele continua a andar na rua.

SARA  
Por acaso não consigo passar muito tempo em casa.

PAULA  
Ele todos os dias sai com a sua *bm*x para ir dar um *ride* como costuma dizer, vai com os seus amigos ao relvão. O teatro micaelense ou ali na parte de trás do Lince (o hotel). Ainda continua a fazer isso. Já faz 22 anos. Ainda faz isso. Mas é diferente. O Henrique não. O Henrique só se ele combinar com o primo ou com o amigo "vamos de bicicleta à praia" e já foram. Mas é diferente.

SARA  
É, é diferente. Já nasceu uma geração diferente. Nota-se a diferença.

PAULA  
A minha já foi muito diferente da de vocês porque eu também nasci a brincar na rua, com seis anos andava na rua já.

SARA  
Agente tinha todo o tempo do mundo.

PAULA  
Ninguém telefonava, ninguém me chamava. Agente ja sabia mais ou menos. Então naquela altura, vocês já eram uns quantos mas na minha geração até aos meus 10 anos éramos muitos na rua! Bicicletas, jogar ao mato no átrio da igreja. Eles também já sabiam, quando nos queriam encontrar já sabiam onde é que agente estava.

SARA  
Pois é. Fui fazer uma viagem com a minha mãe às Flores, não sei se foi o ano passado. Foi o ano passado? E a minha mãe, essa ideia para isto começou nessa viagem. E lá nas Flores, tudo tão deserto... Em pleno verão, em pleno agosto tudo tão deserto.

PAULA  
A Graciosa também já tem pouca população.

SARA  
A minha mãe vira-se e diz para a senhora da recepção "Nem crianças se vê a brincar na rua!" e a mulher vira-se e diz "isso agora é tudo em casa no sofá a ver televisão".

PAULA  
Faz parte das crianças socializarem e crescerem. É muito diferente estar a trocar mensagens no computador. O vizinho que vive à frente, na casa à frente estares com ele na rua a conversa, a jogar.

(...)

SARA  
Agente berrava de janela à janela.

PAULA  
Eu também falei muito com a tua mãe à varanda (risos). O convívio entre vizinhos também se perdeu.

SARA  
Pois perdeu-se.

PAULA  
Não é só as crianças brincarem na rua. O próprio convívio dos vizinhos de vizinhança também não se vê. Vamos tomar café? Café na tua casa ou na minha? (risos)

Fim.



**Transcrições**  
**RODAGEM**

## ENTREVISTA LILIANA



21 de Janeiro de 2014  
Duração: 34 min 28 segundos

---

SARA  
Vais imaginar-te...

LILIANA  
Vou-me imaginar!

SARA  
...quando tinhas 11 anos. Descreve-me o teu dia desde o acordar até já estares lá em baixo a brincar.

LILIANA  
Depende do dia da semana. Se fosse de segunda a sexta eu ia para a escola e depois então... se bem que pronto, havia dias na semana que eu ia sempre almoçar ou jantar a casa da minha avó e eu chegava sempre tarde ao bairro, eu era sempre a última a chegar ao bairro. Fora isso, ao fim de semana eu já tinha que ajudar, com 11 anos já ajudava nas limpezas e via a Sara Borges e a Sara Azad a brincar às câmaras municipais lá em baixo (risos) e eu depois é que ia para lá. Mas ia só à noite. Era isso que tu querias que eu dissesse?

SARA  
Sim. E ao fim de semana?

LILIANA  
Ao fim de semana era isso também. O que agente fazia? Era isso.

SARA  
O que é que fazias quando tu ias... Como sabias que havia gente lá em baixo? E como é que tu decidias ir? Pensavas "Ah vou lá para baixo brincar".

LILIANA

Como é que eu tinha a iniciativa de ir lá para baixo?

SARA  
Sim.

LILIANA  
Iniciativa... O pessoal estava lá em baixo, era mesmo aqui ao pé. Agente via daqui da janela, era muito óbvio o barulho que faziam era óbvio demais. Era uma rotina já por isso já nem se precisava de dizer ou combinar. Era para ir para o bairro e ponto final. Aquela coisa que... chega a 9 horas depois do jantar, lavar os dentes, fruta, vai-se mas é para baixo e está feito.

SARA  
Descreve esses dias.

LILIANA  
Olha, dias com muita trovoada, dias com muito mau tempo, dias de sol. Havia noites assim muito calmas mas para compensar essas noites muito calmas, havia noites que a gente tinha muita polícia, tínhamos bombeiros (risos)

SARA  
Bombeiros?

LILIANA  
Sim! O Luciano era bombeiro.

SARA  
Ah! O Luciano. Está bem. O que faziam aqui no pátio?

LILIANA  
Olha inicialmente começamos por jogar futebol com os vizinhos. Era uma coisa mais familiar, não era tão... não vinha muita gente como que acabou por ser no fim. Vinha mais gente de todo o bairro. Era mais familiar, era só daqui desta zona. Depois então começaram a surgir outras pessoas em que dessas pessoas eram amigos de amigos, de amigos e de amigos. E depois foi-se juntando muito mais gente e acabou já por deixar de ser um espaço familiar. Também tinha mas era mais durante o dia. De dia havia também crianças e agente brincava todos juntos e os pais também andavam a brincar com as crianças mas depois foi mais.... Os pais deixavam de vir, já não havia tanto aquela... Porque, quando a gente... Quando eu digo que agente começava num ambiente mais familiar era mesmo à noite, também havia o convívio familiar no bairro e depois deixou de haver e era só mesmo... Era a gente e os putos. Sei lá se se pode dizer que são putos, a gente na altura não acha que

somos putos. Nós achamo-nos os maiores do mundo! Os melhores da nossa rua, mas era isso. Era assim.

SARA

E como começaste a dar-te com o resto bairro?

LILIANA

Eu acho que isso também foi por outras pessoas que vinham da parte mais de cima do bairro, tipo o Paulo, o Cris... O Cris é mais para aqui para aquele lado mas havia pessoal que tinha mais da parte de cima do bairro e também por serem amigos do meu irmão que é mais velho, depois dessas pessoas chamam os irmãos, os outros amigos e depois isso foi só fazendo ligação. Isso foi rápido, juntou-se aqui uma escumalha que nunca mais acabou (risos)

SARA

Pronto. Vais pensar nas aventuras que tinhas por aí fora e vais pensar nas histórias. Uma história que te lembres mais, que te marcou? Não sei, ou que te fez rir ou chorar. Ou que te deu mais adrenalina.

LILIANA

Epá, eu não cheguei a ir ao quartel com muita pena minha (risos) não cheguei a ir e chibei-me aos meus pais e eles brincaram comigo por causa disso. Tu não te lembras?

SARA

Lembro-me!

LILIANA

E então... Sei lá, a gente fazia tanta coisa, a gente tinha uma imaginação tão fértil, agente jogava à macacada, a gente pegava nos cintos de judo, a gente fazia redes para o volley, postes com garagens, a gente jogava, a gente andava de bicicleta, a gente andava de skate, a gente andava de patins, a gente partia cabeças, a gente rasgava joelhos, a gente estava sempre prontos a andar outra vez de patins. Jogávamos ao caça ao tesouro, à apanhada, sei lá... A gente vigiava pessoas que estavam fazendo coisas que a gente ainda não percebia muito bem o que era mas que a gente vigiava. E, ah! Uma cena que tenho marcante é: quando eles pintavam os apartamentos eles pintavam os andaimes e então eu mais uma pessoa fomos subir os andaimes e estávamos a vigiar uns carros que estavam no parque de estacionamento. A gente devia ter para aí uns 11 ou 12 anos para aí. Mas estávamos bem alto, aquilo para a gente era um luxo, a gente sentia-se nas

alturas e então quando a gente estava lá em cima, estávamos a vigiar um casal, aquilo a gente sabia o que era mas não tínhamos muito a percepção daquilo que a gente estava a fazer. De repente, a gente "Ah vai lá ver" e chegámos, descemos os andaimes, fomos lá para baixo. A gente chega lá baixo ao pé do carro e metemo-nos mesmo atrás do carro. Acontece que aparece uma pessoa amiga desse casal "o que é que vocês estão fazendo aí?", "ah senhor, estamos à procura do nosso gatinho que ele desapareceu" e a gente começa "pssshhh... pssshhh..." e o gato nada de aparecer, nada de aparecer. E pronto e fomos embora, e acabou. É essa a história, a gente riu-se bastante, não tem piada nenhuma mas para a gente um caso muito sério. Mais? Temos mais coisas! Temos o muro dos desejos...

SARA

Conta como é que isso funcionava!

LILIANA

Isso funcionava era assim. Era um... O muro fica num parque de estacionamento aqui em frente e era quase no fim do muro, não era no muro todo. Era só numa zona em que estava lá escrito "muro dos desejos" e tinha assinaturas do pessoal, que o pessoal fazia isso. E era ali naquele sítio. A gente pedia um desejo, se não me engano acho que a gente olhava para as estrelas ou era numa noite de céu estrelado, pedíamos o desejo e ele concretizava-se. Opá, acho eu. Concretizava-se... também, que desejos é que a gente ia pedir que não se pudesse concretizar? Quero uma barbie, pronto a gente tinha a barbie. Nem eu pensava em ganhar o euromilhões. (risos)

SARA

Isso já era mais difícil.

LILIANA

Ya.

SARA

Mas olha que lembro-me que pedi o telemóvel e apareceu.

LILIANA

Pois, isso também foi na altura dos telemóveis. Eu também depois pedi um telemóvel e tive.

SARA

Mas aquilo foi logo, plim! resulta.

LILIANA

Vamos passar o dia no muro dos desejos a pedir desejos (risos)

SARA

Ya. Não te lembras das condições? Para pedir o desejo?

LILIANA

Não, por acaso não me lembro.

SARA

Está bem. Eu depois digo-te.

LILIANA

Não me lembro. Já tem muito tempo. Já tem mais de 10 anos isso.

SARA

Para aqueles lados do bairro...

LILIANA

Avenida E? Para ali?

SARA

Sim. Ou para cima, o resto do bairro. Aqui era o nosso "berço" não é?

LILIANA

Sim.

SARA

E depois a gente alastrou-se.

LILIANA

A concentração era aqui.

SARA

Em períodos de festa, tradições...

LILIANA

Tínhamos. Por exemplo no São João a gente tinha a tradição de fazer a fogueira como há essa tradição em todo o lado mas em particular, na rua da avenida E. Avenida E? Não, é rua E. Estava a confundir. Na rua E, havia sempre festas em que eles faziam a fogueira de São João no dia da fogueira em que houve muita gente que se queimou também e depois faziam tipo uma festa na rua, enfeitavam a rua com aquelas bandeirinhas, aquelas fitinhas e eu cheguei a ir para lá. Cheguei a ir lá, foi só um ano também, eu não sei se eles ainda fazem isso, mas eles enchem a rua toda e faziam. Outras festas.. não me recordo. Assim de rua mesmo. Agora, tinham aniversários, era normal. Mas de rua acho que não.

SARA

E o halloween?

LILIANA

Ai o halloween! O halloween... é verdade. O halloween opá era giro, ganhei 5 euros numa noite e perdi na mesma noite, foi engraçado. E fazia-se praí, o halloween, a batalha das limas no carnaval, fazia-se. E a batalha das limas no carnaval até não era só pessoal aqui do bairro, também chegou a vir pessoas, famílias de outra zona, fora daqui. Amigos de pessoal que vivia aqui e que vieram.

SARA

Descreve o teu percurso no halloween!

LILIANA

O meu percurso no halloween? Olha!

SARA

Com os teus vizinhos claro, vocês iam todos juntos não era?

LILIANA

Sim, a gente, houve... Não sei se esse foi o único halloween que a gente fez um fato, não estou recordada disso mas eu acho que a gente fez o nosso fato, fizemos a nossa saca e a gente pegava nos vizinhos e ia para o halloween. Agora houve um ano em especial, que marca mais, foi que estava muito nevoeiro. Estava muito nevoeiro e a gente não via um palmo quase à frente e então aquilo foi uma adrenalina enorme. No dia das bruxas, esses putos todos na rua, isso foi um espectáculo. Mas não tenho nada assim que... não me recordo de nada que tenha acontecido que tenha marcado assim grande diferença.

SARA

Sim... Pronto! Uma coisa. O que é que esses dias tinham de especial?

LILIANA

Quais?

SARA

Esses dias....

LILIANA

Do halloween e...?

SARA

Não, de brincares lá fora, esse convívio. Assim... a liberdade de ires lá para fora e fazeres tudo o que quisesses.

LILIANA

Acho que era mais isso. Era uma sensação de liberdade que a gente tinha naquele tempo enquanto estávamos cá fora e que a gente

podia, se calhar em certa parte a gente podia achar que estávamos a fazer alguma coisa que não devia. E fizemos algumas coisas que não devia como é óbvio. Mas então era essa adrenalina, essa coisa tipo... Não é faço o que quero, o que me apetece, que nem era bem assim. A gente brincava, a gente não se preocupava com nada, a gente só estava preocupadas era em... É assim, isso é assim. Depende! Porque havia pessoa mais novas e a margem entre idades, entre irmãos e com os mesmos, eu por exemplo falo por mim, o meu irmão sempre frequentou o bairro, tenho uma diferença de idades de 4 anos e os outros que vinham para cá também tinham essa diferença de idade de 4 anos. Ou seja, essas pessoas que eram mais velhas, tinham mais 4, mais 5 ou mais 6, não interessa, já estavam a pensar de outras maneiras, enquanto que eu falo por mim. O meu irmão com 18 anos não pensava como eu pensava com 14 anos mas ainda assim ele frequentava o bairro e hoje em dia uma pessoa com 14 anos, já nem falo de 18, já nem quer saber do bairro. Quer é para o bar do pi, quer ir para as festas do MTV isomnia, quer ir para o projecto X, quer fazer essas merdas e... Ah! Peço desculpa! (risos)

SARA  
Continua!

LILIANA  
E isso nota-se. Eu noto diferença mais por causa disso. As idades antigamente a gente dava mais valor a coisas que hoje em dia as crianças, sei lá. A gente também não tinha assim tanta facilidade, não havia tanta evolução da tecnologia, por exemplo *playstations*, essas cenas assim também às vezes prendes pessoas em casa. Na altura também havia só que a gente sabia, acho que dava mais valor ao convívio, ao estar com os amigos, partilhar experiências, fazer... Ter experiências novas! Acho que era mais interessante.

SARA  
Era.

LILIANA  
Queres desabafar qualquer coisa? (risos)

SARA  
Não (risos). O que é a infância para ti?

LILIANA  
Ora bem, vamos ver se eu consigo resumir. Infância... Infância é um momento da vida em que é destinado para não ter preocupações e só nos dedicarmos àquilo que é mesmo a

infância. Que é não fazer nada, não ter preocupações de nada. Aquilo que a gente quer fazer, a gente faz. Mesmo que seja uma coisa má, quem é que nos pode julgar não é? estamos na idade de fazer isso não é. E aliás, acho que isso é mais ou menos na idade até à parte em que a gente atinge aquela fase *teenager*. É um bocadinho mais agressivo mas não interessa. Mas a infância acho que é isso, quer fazer isso, a gente faz. A gente não pensa se dá para fazer, se não dá para fazer, se vai ficar mal, se não vai ficar mal, a gente quer brincar, a gente brinca. A gente não está preocupados se o vizinho vai achar bem, se a amiga vai dizer que "tu não és assim porque não tens que ser assim". Sei lá, acho que é mais liberdade. Não temos preocupações, acho que é mais isso.

(a gata mia)

LILIANA  
Pronto, entretanto na minha vida surgiu um bicho (risos)

SARA  
E essa relação entre vizinhos hoje em dia, como é que a descreves?

LILIANA  
A relação entre os vizinhos eu acho que dissipou-se um bocadinho também. Os que estão assim mais pertos ou o que estavam, também já estão a fazer as suas vidas não é? e vão para fora. Já não há aquele contacto tão diário como havia e a gente agora, se a gente quiser falar com algum vizinho, agora também temos o facebook e redes sociais e isso, é muito mais fácil. Mas antes a gente não precisava disso, antes a gente só precisava de sair de casa e estava tudo ali. E agora é diferente. A relação... Eu não tenho uma relação próxima com quase nenhum porque entretanto alguns já saíram daqui da zona, outros estão a estudar e depois emigraram, a relação não é assim muito... Com a maior parte não. E também há pessoal que já se desligou disso. Mas estás a falar do quê, relação só em contacto ou mesmo ir para o bairro?

SARA  
As duas coisas. Comparar o antigamente.

LILIANA  
Não... Agora também acho que não há... Nós soubemos aproveitar o bairro que nós tínhamos, hoje em dia já não se vê muito isso também que é o bairro ser usado para convívio e tudo. Hoje em dia já não há muito

isso. O bairro está calmo agora, está calmissimo, não se passa nada. E temos uma família de chineses aqui em baixo (risos)

SARA  
Porque achas que o bairro já não é a mesma coisa?

LILIANA  
As crianças agora, a sua infância... Olha há crianças que nem têm infância, que eles roubaram a infância. Há outras que têm muitas coisas em casa, coisas supérfluas que a gente nem sequer ligava e que dão mais valor àquilo do que por exemplo combinar "vamos andar de bicicleta" ou "vamos andar de skate", qualquer coisa assim. O que a gente fazia, a gente queria era estar lá em baixo. Mesmo se não estivessemos a fazer nada a gente queria era estar lá em baixo. Hoje em dia, as crianças, sei lá acho que se pode considerar uma criança mais ou menos até aos 14 anos, já não... Os tempos mudaram, eles começam muito mais cedo, a quererem fazer coisas que nós fazíamos só... quando já estávamos pelos 18, 17 anos ou mais. E hoje em dia não, o que eles querem é começar muito mais cedo a vida e a gente não, a gente dedicava-se à infância mesmo. Eu acho que isso é mau porque... quem me dera a mim ser sempre criança!

SARA  
E em relação aqui ao redor do bairro? Disseste as crianças e agora ao próprio bairro.

LILIANA  
O que é que mudou? O que é que mudou. Se calhar.. Eu não sei se isso tem muita influência. Temos o parque atlântico que está aberto desde 2003, se veio mudar alguma coisa, eu acho que não. Acho que foi mesmo, chegou à idade em que cada um começou a fazer outras coisas, não acho que isso não influenciou assim tanto. Pode ter influenciado mas acho que não, pelos menos da minha parte acho que não.

SARA  
Sim. Comparação das ruas do bairro como de quando vieste para aqui viver.

LILIANA  
Ah! Eu sinto uma falta enorme é quando vou à minha janela e não consigo ver o... vejo o mar como é óbvio mas antes do parque atlântico eu via lá em baixo quase a baixa, quase a doca. E hoje em dia já não consigo ver. Em relação mesmo às ruas, o quê? Construções ou mudanças de...?

SARA  
Ah.. Quem é que frequenta. Por exemplo, vais agora à janela da frente, davas um toque para casa dos vizinhos não era? E ias à janela da frente combinar o que iam fazer no resto do dia.

LILIANA  
Ah pois. Eu posso dizer que agora já nem vou à janela da frente, por exemplo. Não tenho nada lá que me faça ir à janela da frente.

SARA  
Pronto. Já esgotei o que tinha para perguntar. Queres dizer alguma coisa?

LILIANA  
Não sei. O que posso dizer? Brincadeiras...

SARA  
Hábitos que a gente tinha.

LILIANA  
Tínhamos... hábitos.

SARA  
Por exemplo, falei com a Ana e ela lembrou-se dos telefones, dos copos de plástico. Telefone estragado.

LILIANA  
Ah sim, brincadeiras que a gente costumava fazer? É isso?

SARA  
Olha descreve o...

LILIANA  
Era a caça ao tesouro também. Íamos...

SARA  
E aventuras para fora do baixo? Bairro era o nosso mundo não é?

LILIANA  
Fora do bairro havia gente que ia ao quartel, era mais isso. Íamos também à bomba, padaria talvez era o sítio mais longe, sentia-me no auge quando íamos à padaria. Mas aventuras, aventuras eu não fiz.

SARA  
Ah! Explica-me esse episódio do quartel.

LILIANA  
Do quartel? Queres mesmo que te explique? (risos)

SARA

Não, eles iam e tu vinhas para casa?

LILIANA

Foram poucas as vezes que foram.

SARA

Como era a ideia que o pessoal decidia. Por exemplo estavam no pátio e decidiam...

LILIANA

É assim. Não ia muita gente. Eu acho que não iam muita gente. A ideia que eu tenho é que iam poucos para não ser. Sei lá, poucos estou a falar de 10 ou 12 pessoas porque nós éramos bastante. Nós éramos uns 30 para aí. Juntando com a polícia de repente chegava aos 50, não, estou a brincar! (risos) Eu acho que essa coisa quando surgiu para irem para o quartel era do tipo falavam entre si "ah se a gente fosse até ao quartel!". Mas acho que combinavam antes tipo lanternas, acho que as pessoas vinham preparadas porque ninguém saía para o bairro com lanternas. Eu acho que combinavam e depois então quem alinhasse ia. E depois era combinado que não se dizia a ninguém acho eu. Não se comentava sobre isso. Comentavam mas era só com as pessoas que tinham estado lá. Não se falava assim com muita gente.

SARA

E tu?

LILIANA

Eu nunca fui. Eu tive uma vez uma tentativa para ir mas depois não fui, vim para casa. Não cheguei a conhecer.

SARA

E o que diziam do quartel?

LILIANA

Diziam que aquilo era um bocado assombrado, não sei se isso era paranóia. Atravessavam a auto-estrada, auto-estrada não... A...

SARA

Via-rápida.

LILIANA

Via-rápida e iam pelos pastos acima, não sei quê. Depois aquilo era escuro e estava tudo partido ou acho que ainda haviam camas pelo que me lembro que me contavam, havia camas lá. Mas que, basicamente, iam para lá fazer o quê. Pregar partidas uns aos outros, assustar uns aos outros, acho eu. Diziam que estava assombrado mas não me parece. (risos)

SARA

E o que sabes desse quartel? Assim, histórico?

LILIANA

Isso era o antigo quartel que a gente tinha cá. O resto eu não sei mais nada. Não sei se alguém morreu lá, não morreu. Se ainda está lá morto.

SARA

(risos)

LILIANA

(risos)

SARA

Vou lá fazer uma visita daqui uns tempos.

LILIANA

Isso é na Grotinha não é?

SARA

É. Vou daqui uns dias...

LILIANA

Mas vais de dia?

SARA

Vou vou.

LILIANA

Pode ser que encontres lá uns ossinhos! Como uma câmara daquelas nocturnas..

(...)

LILIANA

Eu tenho amigas minhas que também faziam essas coisas de bairro. E era mesmo aqui, era nos bairros novos. Faziam mesmo essas brincadeiras e agora elas mesmo dizem que não há ninguém, que não é a mesma coisa. Também não há continuidade dos que já chegaram depois e acho que é a partir daí que depois começam a não ter essa rotina e a gente tinha essa rotina.

SARA

E a Sara dos bairros novos.

LILIANA

Por exemplo, a Sara Sousa ela era dos bairros novos mas ela vinha para o nosso bairro porque também a escola acho que também influenciou porque acho que o pessoal estava aqui na escola, na Domingos, era tudo daqui deste bairro. E nós também fomos para lá

para uma festa na casa dela. Festas de garagem!

SARA  
E os vizinhos, as crianças do bairro, até tinham companhia para ir para a escola...

LILIANA  
Ah sim! Isso sim. Agente combinava. Para irem juntos para a escola e era mesmo aqui a escola! Até parece que a gente andava uma hora a pé! Mas era aquele convívio de manhã.

LUÍS  
Também acho que não se vêem muitos miúdos agora neste bairro.

LILIANA  
Nesse bairro... não sei se... É raro! O que pode haver agora é também o facto de a gente ter aqui um ATL e há movimento. Mas é raro, eu já não vejo, olha por exemplo, eu já não vejo pessoal aqui a brincar na rua há bastante tempo. Antes nem que fossem os chineses eles estavam lá. E já não vejo ninguém. Se calhar já deixaram o bairro, não é, se calhar já não querem vir. Mas nunca mais vi ninguém para aqui no bairro.

SARA  
Estávamos nós. Até aos 14, 15 anos.

LILIANA  
Até aos 14, 15 anos.

LUÍS  
Os novos pais também. Como ainda hoje em dia sentem-se mais seguros com os filhos a jogar playstation mas que estão em casa retidos...

LILIANA  
Pois, isso tem muitos factores não é! Mas eu acho que as pessoas também mudam. O meio onde vivem, não é. E acho que isso... A criminalidade sempre existiu. Agora se são mais agressivos ou não, eu não sei. Sei lá, acho que nunca mais vai voltar a haver coisas de bairro. Oh! Isso daqui para a frente nem pensar. Coisas de bairro, nem pensar! Com internet em casa? Ninguém vai querer sair de casa! Acho que não.

LUÍS  
Trocavas? A tua infância pela tua actual passada?

LILIANA  
Se eu trocava? Não, não trocava. Epá, não. Nem pensar. Foi muita coisa, percebes? Foi

muita coisa que a gente fez, muitas pessoas que a gente conheceu e se for preciso hoje a gente nem sequer fala mas que se a gente se sentar e se a gente falar todos, nós vamos recordar de todos esses momentos e acho que isso pronto fica. E acho que é o mais importante, é isso.

(...)

Não, não trocava de maneira nenhuma. Eu acho que qualquer criança de antes não se arrependia daquilo que fazia.

LUÍS  
Até as coisas mais insignificantes se calhar deixaram marca da mesma maneira...

LILIANA  
Exactamente!

LUÍS  
E isso é que tem valor, não é?

LILIANA  
Eu acho que sim. A gente fazia coisas que hoje em dia não vês em criança nenhuma. Tu se por exemplo, uma criança de 6 anos está agarrada a um *tablet*! Eu com 6 anos, o que é que eu estava a fazer? Que brincadeiras...? Tinha o jogo da macaca, pulava à corda, andava de bicicleta, jogava futebol sem saber jogar futebol mas jogava! Sei lá, dava cambalhotas, fazia ginástica, estás a ver? Hoje em dia não. Uma criança de 6 anos se for preciso está sentada nos sofá de casa com a televisão, com o computador ao lado e com um tablet na mão! Isso era impensável na minha altura, sabia lá isso para que era, isso para mim era um tijolo. Era mais nada. O meu primeiro telemóvel foi desse tamanho. Fora a antena.

(sara exemplifica)

LILIANA  
(risos) Era uma coisa mais ou menos assim. A tendência é não haver mais esse convívio em bairro.

SARA  
E diz uma coisa, uma última pergunta para a gente acabar. O que é que achas que as crianças de hoje em dia estão a perder? Estão a perder por não irem lá para fora? "Explorar o mundo" como a gente fazia?

LILIANA  
Elas exploram mas exploram de outra maneira. Mas também depois é a tal coisa.



Elas são exploradas também e nós não éramos. As crianças hoje em dia com redes sociais, internet e isso tudo, depois é a tal coisa. Ouve-se falar de *bullying*, ouve-se falar de maus tratos a crianças e acho que isso também foi influencia das redes sociais que fizeram com que as crianças começassem a abdicar da sua infância para dar importância a outras coisas que não têm assim tanta importância. Quer dizer, têm. Não é não ter importância mas que não... Sei lá, uma criança tem que aproveitar a sua infância, não tem que... Uma pessoa de 10 anos não tem que querer ter 20 à força e acho que é isso que elas perdem, é nisso. É não aproveitarem a idade que têm para fazerem aquilo que têm de fazer na idade certa. Eu acho que é mais isso. Têm 10 anos e querem já ter filhos se for preciso.

SARA  
(risos) Ai! Pronto. É isso. Últimas palavras?  
Queres dizer alguma coisa?

LILIANA  
Viva o sporting! (risos)

SARA  
(risos) Ah! Espera aí! Falta uma coisa!

LILIANA  
O que é?

SARA  
Dias de futebol como é que era?

LILIANA  
Os dias de futebol? Era gritos! Mas que futebol...?

SARA  
Não ias para a janela...?

LILIANA  
Sim ia a correr para a... Ah! Pois era. Isso foi no euro 2004 que foi o mais intenso também para Portugal, ainda por cima foi cá em Portugal. A gente corria para a janela, ia tudo gritar para a rua! O pessoal saía com as bandeiras de Portugal, a gente ouvia que era na altura das vuvuzelas, a gente ouvia era pouco a pouco vuvuzelas na rua e toda a gente... Mas era tudo aos berros! E música! Era uma alegria, sei lá! Parecia que o papa estava chegando. A gente fazia coisas que eram demais, era de rir. Que gente de "atoleimada" mesmo (risos) *We are the champions...*

Fim.

## ENTREVISTA LILIANA



27 de Janeiro de 2014  
Duração: 29 min 08 segundos

---

SARA  
Segunda entrevista. Vamos começar.

LILIANA  
Sim senhora.

SARA  
Vou meter os papelinhos aqui e depois tu dizes o que tu quiseres sobre isso.

LILIANA  
Está bem. Vou-me rir.

SARA  
Eu disse-te os tópicos.

LILIANA  
Eu não vi os tópicos! (risos)

SARA  
(risos)

(stick: "Carrinha de gelados")

LILIANA  
Tiriritiri... Carrinha dos gelados! Deixa-me ver... Por norma ela vinha mais era ao sábado, não é? Eu lembro-me quando a gente estava lá em baixo, a gente ia a correr para a carrinha dos gelados "mãe, quero um gelado!! mãe, quero um gelado!!" (risos) Estou a lembrar-me das nossas figuras... (risos) Aquela música tradicional mesmo, eu nem sequer sei de onde é que aquilo vem, de onde é que aquilo existe, aquilo parece música de embalar os bebés. Mas eu lembro... Recordo-me de uma vez que acho que a gente estava, se não me engano, onde tem o parque atlântico, aquilo antes tinha

ali aquele coiso, aquela pista de terra que era dos kartings, não é? das provas e não sei quê. E acho que a gente ouvia isso ao longe, eu acho que me lembro de uma vez que a gente estava andando de bicicleta, não estava havendo prova disso. E a gente vinha de bicicleta a fugir! Eu lembro-me de ver a carrinha a passar e a gente ia atrás da carrinha para comer o gelado e depois juntava-se montes de gente aqui nesta rua, isso era só comprar gelados. Mas deixa-me ver...

SARA  
Eu não consegui encontrar a música.

LILIANA  
Eu também por acaso quando disseste isso eu estive a ver se conseguia encontrar mas eu não consegui. Epá, a música é característica e a gente vai a outra freguesia qualquer e tem uma carrinha dos gelados, é a mesma carrinha e é a mesma música, inclusive no Pico da Pedra, que eu ia muitas vezes para lá também. E eu via a mesma carrinha, a mesma música. E aquele pessoal delirava com essa carrinha dos gelados.

SARA  
É mesmo!

LILIANA  
Mas eram bons! Consolava a comer aquilo.

SARA  
Acho que nunca comi!

LILIANA  
Nunca chegaste a comer?

SARA  
Acho que só uma vez.

LILIANA  
Ah, eu já comi. Tanta vez. Na casa da minha avó também passava, na fajã. Nunca mais passou. O que te foste lembrar! Nunca mais me lembrei disso (risos)

SARA  
Pois não.

(stick: funeral)

LILIANA  
O que vem a seguir? Ah! O funeral. Ora bem, fizemos dois funerais, primeiro foi da

barata, se não me engano, foi de uma barata. Eu não sei como é que foi fazer um funeral de uma barata se a gente tinha pavor a baratas. Enterramos uma barata, fizemos o funeral e depois mais tarde é que foi o ratinho da... o teu ratinho. O lingrinhas. Chego a casa não é, da Sara, "Lingrinhas! Lingrinhas! Sara, o teu rato não mexe. Lingrinhas! Lingrinhas! Sara, o teu rato está morto", "O meu rato!". Pego num saco, tu lembras-te? Pego num saco, ele estava teso, teso no fundo da gaiola! "O meu rato! O meu Lingrinhas!". Lá fomos fazer o funeral do rato. "Viola! Sara, pega na viola!", a cantar a musica para o ratinho, enterramos. Fizemos lá um funeral à maneira. Ah! Tu lembras-te da ratazana? Não te lembras da ratazana que estava morta aqui, desse tamanho, a gente foi sempre vendo aquilo em decomposição, cheio de larvas, eu fiquei sem conseguir comer como deve ser durante dias porque sempre que a gente ia para o bairro a gente via a ratazana. Estava aqui nessa zona. Cheio de larvas! Que nojo! Foi horrível!

SARA  
Ficou presa assim ao chão ja.

LILIANA  
Foi! Estava horrível! Uma ratazana desse tamanho.

SARA  
Diz-me uma coisa, quem é que estava nesse funeral, lembras-te?

LILIANA  
Ah. No da barata, acho que foi só eu e tu, e do lingrinhas acho que também foi a não ser que a Sara Borges também tenha estado lá. E era o lingrinhas. Não sei, tinha mais alguém?

SARA  
Pois eu não me lembro se o Igor e o Olavo também estavam lá ou se não estavam.

LILIANA  
Não, não.

SARA  
Não estavam?

LILIANA  
Igor e o Olavo não estavam. Se estivesse alguém, era a Sara Borges. Mas o Igor e o Olavo não estavam.

(stick: o que gostavas mais de fazer no bairro)

LILIANA  
O que gostava mais de fazer no bairro... Eu sei mas é tanta coisa! A gente gostava de fazer tanta coisa, a gente animava-se com qualquer coisa! Gostava de... jogar vôlei, que a gente jogava vôlei, andar de bicicleta... Mas acho que andar de bicicleta era mais aquela cena e andar de skate na rampa para baixo e para cima, para baixo e para cima. Ah! Houve uma vez de bicicleta que eu estive quase morrendo ali em cima, que a gente veio descendo as escadas desde lá de cima e aquilo não tinha aquela proteção que costuma ter à frente das escolas, aqueles ferros. Os travões sempre foram muito bons da minha bicicleta, estive quase ficando lá. Mas era aquelas asneiras que a gente fazia, também fui atropelada pela bicicleta da Ana, ficou com o joelho todo em carne viva para casa. Era andar de bicicleta, jogar vôlei, o jogo da caça ao tesouro. A caça ao tesouro a gente passava noites e noites a jogar isso.

SARA  
E eu perdi aquela cena.

LILIANA  
Pois é. E tu uma vez levaste lá para baixo e a gente esteve a ver.

SARA  
Pois é. Que cena.

LILIANA  
Mas era isso. Às câmaras municipais eu não cheguei a brincar isso muito com vocês porque eu estava de faxina ao sábado e era ao sábado que vocês. Ah! Mas a gente também brincava às barbies. Quarto do teu irmão foi um alvo.

SARA  
(risos)

LILIANA  
Aquilo estava um castelo encantado, estava montado todo o dia. A gente acordava às 8h da manhã, 9h da manhã, comer rápido e brincar às barbies, o dia todo. Até *big brothers* a gente fez ali dentro! (risos)

SARA

A gente levou para a praia várias vezes.

LILIANA

Tu lembras-te que a gente levou para a praia, as barbies por cima da prancha? (risos)

SARA

E o jogo dos sustos? Que a Ana inventou?

LILIANA

Só podia.

SARA

Era uma *mix* de apanhadas e escondidas.

LILIANA

Ah! A gente escondia-se. Aquilo era assim, a gente escondia-se, mas aquilo não era por grupos? Ou era cada um sozinho? Acho que era sozinho ou era a pares. A gente escondia-se e depois outra pessoa quando nos fosse apanhar, quem estava escondido pregava um susto não era? Acho que era assim. É mesmo. Isso gerava barulho nesse bairro que era um caso muito sério, era só berros. Mas a Ana então fazia de "nada me assusta"! (risos)

SARA

Era aqui à volta.

LILIANA

Ya. Não sei se tem mais alguma coisa que a gente...

SARA

Vais-te lembrando.

LILIANA

Patins! Acho que a gente nunca... a Sara Borges tinha patins, eu não tinha patins. Eu não me lembro de andar de patins, também nunca gostei muito.

SARA

Eu andava mas era sozinha porque era raro alguém ter patins, era mais bicicleta que o pessoal tinha e então ia sozinha, senão, um de bicicleta e outro de patins, não conseguia sair daqui. Mas tinha uns que aumentavam e tudo.

LILIANA

E o jogo do elástico! O elástico nas pernas, a gente pulava, a gente também jogava isso na escola, tu não te lembras?

SARA

Sei.

LILIANA

Era isso e os diablos, tu não te lembras? Aquele com os pauzinhos? Era uma coisinha que a gente atirava para o ar, não te lembras disso?

SARA

Ah, eu sei mas nunca joguei a isso.

LILIANA

O meu irmão tinha uma coisa dessas, eu brincava com isso. Eu gostava. Isso vende nos chineses, claro. Ah! Lembro-me também de tantas noites que a Sara Borges ia para casa a chorar coitada, era a Ana. (risos)

SARA

Ela raramente vinha e quando vinha...

LILIANA

Coitadinha.

SARA

Coisas da altura.

(stick: tocar às campainhas e fugir)

LILIANA

Ih! Não me digas isso, eu lembro-me da última... Ai que horror, tanto que eu chorei. Tu não te lembras? A gente estava todos, qual era o bloco? É que nós éramos mesmo estúpidos! Porque a gente sabia que a gente não devia de fazer aquilo. A gente chegava lá e tocava era mesmo assim. Mas não era a gente, o Dinis é que fazia mais isso. Houve uma vez que o Dinis fez no bloco abaixo do teu, não mentira, foi! No bloco abaixo do teu. E estávamos todos ali à frente mas éramos para aí uns 15 ou 18 pessoas. Estávamos lá todos, estávamos a conversar e de repente o Dinis chega lá e bomba! Toca naquelas campainhas todas! Isso já depois das 23h, meia noite. Começa tudo a fugir, tu e a Ana, acho que ficaram lá. E eu como fugi, um homem, o dono, o que era polícia e já não vive aqui, veio atrás de mim até aqui à porta. Eu estava mais o Huguim, e ele começou a brigar "porque vocês são sempre a mesma coisa! vocês só sabem fazer barulho! vou chamar a...", aliás ele não dizia que ia chamar a polícia porque ele próprio já era da polícia. "Isso vai acabar, essa brincadeira! Estou farto de vocês!" e depois era esse como era os outros todos. O teu vizinho de baixo,

coitado, deu uma afogadela no *titanic* que ele levantou os pés do chão! (risos) Mas essa das campainhas, foi... Era a adrenalina de a gente saber que estava a fazer uma coisa que não devia e que a gente... Que estupidez! A gente corria. Acho que isso toda a gente fazia. Mas era só aqui nos apartamentos. Acho que a gente só também não fazia para aí porque estávamos sempre aqui.

SARA  
A gente não resistia à quantidade de campainhas.

LILIANA  
Ya! Era demais. Que estupidez. Sabiam que era a gente. Mas era várias vezes nas mesmas campainhas. "Enfant".

(stick: ligação varanda a varanda)

LILIANA  
Ai! (risos) é verdade. Era do... A gente chegou a fazer isso na parte daqui, na parte de trás mas, como é que é possível aquela corda ter ficado... aquilo ficou amarrado varanda à varanda durante dias! E a gente passava ou então era com as vassouras e com os baldes, não era com os...? Não, com um saco. Um saco e uma vassoura, o que é que a gente passava?

SARA  
Brinquedos.

LILIANA  
(risos) E depois interessante o código (Liliana bate 3 vezes na parede). Três. Depois de dar três, dá mais um, janela! Não era? Ou então do telefone, um toque para o telefone, bimba, janela. Mas acho que era brinquedos, não me recordo de ser... Também o que é que a gente havia de ter para trocar? Não tinha mais nada. Acho que era. Mas aquele cordão ficou amarrado durante... Aquele cordão foi para o vólei, para a rede de vólei, para passar brinquedos, foi para estar amarrado durante dias, eram os teus cintos de judo. Quem passasse na rua, olhava para aquilo e dizia "aquela gente bate mal", como é possível? Mas olha foi o que nos deu para fazer. E a gente nunca fez o jogo do telefone? A gente não falava assim?

SARA  
Eu não me lembro. A Ana diz que se lembra.

LILIANA  
Eu acho que me recordo qualquer coisa assim. Acho que a gente fazia. A gente estava a ouvir-se, a gente estava na varanda mas pronto é aquela coisa para ser interessante, para ser diferente (risos)

SARA  
A gente não atirava bolas de um lado ao outro só para ver se não caía lá para baixo?

LILIANA  
Ya! (risos) E lembras-te do Luciano aqui em baixo, a gente a atirar copos de água? (risos) para lhe molhar. Ei!

SARA  
É mesmo! (risos) Houve uma vez que atirei do balde!

LILIANA  
Um balde! (risos) Uma pana que tu encheste!

SARA  
Eu lembro-me. De rir. A gente consolava-se com os andaimes, só que eles depois deixaram de pintar.

LILIANA  
Eles pintam mas já não...

SARA  
É rápido.

LILIANA  
É muito rápido, agora já é... para despachar! O patrão não vai estar pagando horas.

SARA  
Uma coisa outra vez.

(stick: como e quando vieste viver para o bairro)

LILIANA  
Como e quando vieste viver para o bairro. Se não me engano, eu vim viver para aqui, eu estava a entrar para o 5º ano, ou seja, devia ter 9 ou 10 anos. Eu acho que tinha menos!

SARA  
Eu vim com 5 anos, se calhar vieste com 7...

LILIANA

Eu acho que foi isso porque eu acho que quando vim para cá não estava já na Canto da Maia, acho que ainda estava no colégio, na 4ª classe ou 3ª classe e depois é que vim para cá. Mas foi ali na transição e vim para cá e isso foi... Ora bem, sou de 88, tenho 25. Isso já deve ter para aí uns 20 anos. Tenho 25... Não com 20 anos não senão eu vinha para aqui com 5 anos. Deve ter uns 18 anos de repente. 17 anos de repente que eu vim para aqui. Eu ainda me lembro! Não estava tudo construído antes de começar a viver para aqui ainda tinha apartamentos mas eram os últimos, eu não apanhei esses. Não sei se era de baixo para cima ou de cima para baixo mas acho que eram os últimos que ainda não estavam todos prontos, e o pessoal já vinha para cá ver os apartamentos não sei quê. E a gente vinha para aqui e depois então quando a gente se mudou, epá agora não me recordo como é que foi aquela coisa de ir lá para baixo para o bairro, aqui para o jardim, não me recordo. Eu acho que isso foi tipo "opá, está sol, o que é que se vai fazer hoje? vamos lá para baixo!" e acho que foi mais ou menos isso, e começou foi assim. Acho que também já via pessoal lá em baixo, acho que já via pessoal lá em baixo a brincar, depois acho que foi assim, fui para baixo. Acho que foi assim que começou a ir lá para baixo, depois comecei a gostar e ficou.

SARA  
E ficou.

(stick: definição da tua infância no bairro)

LILIANA  
Podes tirar o papel! (risos) Definição da tua infância no bairro... Não sei. Mas...

SARA  
Em geral.

LILIANA  
Em geral?

SARA  
Como é que foi a tua infância?

LILIANA  
Pois.

SARA  
Eu perguntei-te o que era a infância para ti da outra vez, não foi?

LILIANA  
Sim, sim. No bairro.

SARA  
É, agora é a tua infância aqui. De uma criança que por exemplo pode ter nascido num sítio diferente.

LILIANA  
Pois. Por exemplo, eu vim da fajã e lá, o meu primo ia para o bairro lá da fajã e o meu irmão também ia, mas eu não ia, ou se calhar era pelo facto de eu não ter uma irmã ou uma prima e então a gente não ia, mas eles... O meu primo ainda hoje vai para o bairro da fajã e ele já nem mora na fajã, mas pronto são os amigos que ficam ali e eles hoje em dia já têm quase 30 anos mas vão para o bairro. Ainda no outro dia, o meu primo disse-me por exemplo, o meu primo tem quase 30 anos, eles no dia 24 de dezembro eles reúnem-se ali um grupo de 6 ou 7 e estão para lá a conviver no dia 24. E se for preciso, aliás nem todos moram lá. Eu tinha lá o bairro e eu nem ia para lá, agora quando eu vim para cá... Mas também é diferente, eu era mais novinha e então não estava mesmo ali à porta de casa, tinha que descer e não sei quê, então ali era diferente. Eu aqui estava mais sob controlo, qualquer coisa a minha mãe chegava à varanda "Liliana!!" e então eu vinha para casa e pronto estava resolvido. Mas deixa-me ver... Definição de infância aqui no bairro! Epá, eu acho que...

SARA  
A tua infância.

LILIANA  
Sim, a minha infância. O que é que eu posso dizer? Dadas as lebranças que eu tenho e as recordações e isso tudo, epá. Eu gostei, eu gostei. Agora acho que foi produtivo, muito produtivo! Muita energia a gente gastou nesse bairro! Mas assim deixa-me ver... Também tinha coisas tristes, tinha a polícia lá de vez em quando. Deu, por exemplo, para a gente ver aquilo que é bom, não é aquilo que é bom. Aquilo que é correcto e aquilo que não é correcto para a gente... Quer dizer, a gente na altura fazia porque não havia maldade. Não é não havia maldade, a gente sabia que aquilo que a gente andava a fazer não era correcto mas a gente fazia na mesma, não interessa. Dava na cabeça, a gente fazia. Acho que era mais isso, por exemplo, acho que o

facto de a gente ter começado mais novos, não é mais novos, mesmo crianças e depois chegar àquela fase da transição em que a gente já quer ser mulheres e os rapazes já querem ser homens e não sei quê, e depois aí acho que a gente começou a ver as coisas de outra maneira. E acho que isso que sei lá, acho que o facto de a gente ter tado no bairro se mudou alguma coisa em nós, se calhar até mudou porque é com a experiência não é? Independentemente de a gente ter, ser crianças ou não, aquilo que a gente vive na infância reflecte-se sempre nos próximos anos, acho eu, e acho que é sempre assim. Não precisa de ser no bairro, pode ser noutra coisa qualquer. E acho que é mais isso, é aquela coisa de a gente saber que, por exemplo, agora. Se a gente fosse para o bairro, vamos supor. A gente não ia fazer metade das coisas que a gente fazia, não é? Umas a gente podia fazer porque não havia maldade nenhuma mas outras a gente sabia que não podia fazer, acho que é mais essa distinção do bem e do mal que a gente na altura não sabia. E a gente fazia e agora acho que é... Também as mentalidades são outras e não havia muito, se fosse hoje em dia, não ia haver tanta rebolice, é porque até não era só pessoal desse bairro que vinha para aqui, vinha pessoal mais velho de outras freguesias, que eram amigos dos amigos e amigos dos amigos. Mas pronto, definição da minha infância no bairro, opá foi alegre, chorei muito, ri-me muito. Caí muita vez, parti joelhos, ainda hoje tenho cicatriz por causa da Ana, levei com uma garagem na cabeça (risos) é folia! É isso. É folia! É o que a gente quer.

SARA  
Pronto! Acabaram-se os sticks! Estás a ver esse sitio?

(Sara mostra uma fotografia)

LILIANA  
Estou, do lado das garagens não é? Ah! A gente subia lá para cima, a gente subia para cima das garagens porquê? Eu acho que a primeira vez foi a bola que foi lá parar e a gente não conseguia tirar, depois acho que a gente achou piada e íamos para lá (risos)

(...)

LILIANA

Os bancos. Já nem tem, ou tem? Está lá os ferros mas não tem as bases, não é? Há um ou dois que não tem as bases.

SARA  
As costas.

LILIANA  
Sim, as costas. A gente... ih. Depois eles tiraram logo aquele que a gente tinha escrito, estava lá mesmo bem forte o meu nome, com as chaves. Eu acho que era com as chaves que a gente fazia aquilo! Eles arrancaram. Paciência...

(...)

LILIANA  
Ei! Tu lembras-te quando a gente apagava as luzes dos postes? (risos) Agora é que eu me lembrei que a gente dava um pontapé, que isso era a Rua E!

SARA  
Rua 4!

LILIANA  
Isso era a Rua 4 aqui a nossa, é verdade. Há quanto tempo é que a gente tem aqui a Rua Sidónio Serpa?

SARA  
Não sei, acho que foi logo a seguir.

LILIANA  
Não, acho que levou uns aninhos...

SARA  
Só que a gente continuou a chamar...

LILIANA  
Rua 4? Não sei.

(...)

Fim.

## ENTREVISTA JOANA



1 de Março de 2014  
Duração: 50 min 45 segundos

---

SARA

Quando te recordas e falas sobre esses tempos, o que é que tu mais te lembras?

JOANA

O que eu me lembro mais é que na altura a gente andava na rua e brincávamos muito à bola principalmente. Volleyball, futebol e antigamente o futebol nem era para rapaz nem era para rapariga, aquilo toda a gente ia para a rua e jogava futebol! E antigamente o que eu me lembro mais era disso, eram pequeninas coisas que a gente recebia no natal, os patins e as bicicletas, a gente o que queria era ir bater à porta uns dos outros e dar as novidades a toda a gente, porque... Olha eu recebi isso! E tu o que é que recebeste? E toda a gente queria era sair da rua para ir brincar e pronto para mostrar aquilo a uns e aos outros o que é que tinham. Lembro-me muito também quando a gente estava na rua, jogávamos muito às escondidas, aquilo a gente ficava... Ah, a gente saía de casa depois do jantar. Quer dizer, não, durante o fim de semana a gente estava todo o dia fora de casa e depois a gente só ouvia era a voz das mães a chamar "Oh Pedro! Oh Joana! Oh não sei quê!". Tudo para ir jantar e o que a gente queria... Eu lembro-me perfeitamente de chegar, porque a gente na nossa cozinha tinha umas vitrines logo na entrada e a vitrine nem sequer era fechada, a porta nem sequer era fechada, a gente entrava e ia comer e muitas vezes era sopa à noite e pronto às vezes... Eu comia tão rápido, tão rápido que era para ir para a rua outra vez porque eu sabia que havia pessoal que

ainda estava a jogar às escondidas ou às apanhadas, ou eu tinha deixado um jogo a meio, que a gente jogava também muito às cartas. Ao caps e à sueca e ia a casa a correr, comia, comia tão rápido para depois voltar e brincar. Epá, era... E não tínhamos medo de nada, a gente subia as escadas, as árvores, epá eu não sei, a gente não media o perigo! Pronto. Mas a gente subia e não havia nada dessas coisas de gorduras nem de rapazes nos psicólogos nem nada dessas coisas porque antigamente... A gente nem sequer tinha tempo de pensar nisso! E essa coisa de chegar os filhos e não querer ir para a cama, esquece. A gente chegava a casa era completamente de rastos, a gente queria era deitar-se e dormir. Nos dias de chuva o que acontecia, batíamos muito à porta uns dos outros também ou então depois ligávamos, que depois começou a haver as chamadas que não se pagavam. Ligávamos muito para a casa uns dos outros e víamos filmes, jogávamos à sega com o sonic que havia muito, e eram aqueles filmes, coisas que também... Ai, aquela coisa que era fazer três peças... O Tetris! Pronto, jogávamos muito também ao Tetris. Inicialmente depois o que a gente fazia, começávamos a cozinhar! Aos 11, 12 anos, começávamos a querer inventar bolos! O meu primeiro bolo de chocolate foi uma maravilha. (risos) Ficou cru e depois aquilo era papa basicamente, chamei um amigo meu, o Farias. Anda provar! Era eu, a Vitória e o Farias, anda provar o bolo! Depois ia provar o bolo... Hmm, estava espectacular! (risos) O que é que eu decidi, isso não vai quente, vai frio! E para o congelador (risos) epá espectacular, belos tempos! O que é que a gente jogava? Ah, depois havia as coisas malucas que a gente fazia. Depois construíram uns prédios mais ali em cima, uns brancos e cinzentos, a gente ia muito para aquelas escadas e era na altura das bicicletas, dos skates, dos patins em linha e pronto a gente fazia algumas coisas perigosas que era tentar ver quem é que conseguia saltar o mais alto possível das escadas. E por acaso era espectacular! Epá e era interessante porque não havia recintos nem coisas de futebol feitas, não havia nada. E a gente de pequenos quadrados ou construção dos prédios imaginávamos que aquilo era um campo de futebol. Fazíamos linhas, íamos buscar telhas para fazer riscos, nas paredes. A macaca, a gente não tinha giz, não tinha



essas coisas, era as telhas que às vezes estavam em construção e apanhava e riscava o chão para fazer a macaca e era muito interessante. Jogámos muito ao jogo do lencinho, aquele do fogo, água, não sei quê. Jogávamos também ao dos países, que era uma bola no chão e depois fazíamos lá o nome dos países. Também já não me lembro como se jogava muito mas era um país contra o outro e depois tinham que apanhar. Fazíamos bolos de terra também, mas isso era... Ah! Depois havia a parte dos mais velhos e a parte dos mais novinhos, era tudo junto, quando às vezes os mais velhos já iam lariat pevide ou iam para a praia e a gente não tinha boleia, o que a gente fazia era eu e uma amiga minha, que é minha prima por acaso, a Vitória, que mora ao meu lado, a gente ia para a casa dela e eu ia buscar tudo o que era material de praia, guarda-sóis, lancheiras, colchões daqueles mais altos que os meus pais levavam para os acampamentos e então a gente fazia uma cabana, fazíamos cabanas e depois íamos para a cozinha fazer sumos naturais e coisas do género, por acaso era interessante e para refrescar o que a gente utilizava era banhos de mangueira, acabou! E era muito fixe.

SARA

Respondes-te aqui a uma pergunta, que era o que faziam quando choviam.

JOANA

Quando chovia, foi o que te disse, a gente ia muito para a casa um dos outros, víamos filmes. Ah, o meu pai tinha um sistema de som e um microfone também, e às vezes o que a gente fazia era cantar lá para casa, metíamos músicas de karaoke e não sei quê, cantávamos karaoke. Basicamente o que a gente fazia era ouvir música, ver filmes e jogar. E em casa... e pronto, quando não nos apetecia fazer essas coisas o que a gente fazia era brincar às bonecas que eu nunca fui muito disso, pegava mais nos carrinhos do meu irmão (risos) e era fazer brincadeiras na cozinha, tentar fazer bolos e gelatinas e coisas desse género.

SARA

Sim. Valorizas esses tempos? E porquê?

JOANA

Olha. **Eu valorizo porque quando penso nisso eu penso em mil e uma coisas que**

**eu aproveitei e dá-me um gozo tão grande falar sobre isso porque quando eu penso nisso eu revivo.** Epá, a interacção que nós tínhamos uns com os outros, as alegrias que a gente teve e epá.. é uma alegria tão grande porque nós éramos crianças saudáveis, éramos crianças que não nos preocupávamos com coisas que se calhar... fazíamos coisas típicas de criança. E que se calhar fazíamos com que, a nível de criatividade e a nível da escola e a nível de tudo era um conjunto que sabíamos dividir o que era a parte da escola, responsabilidade e a parte da brincadeira e que se calhar conseguíamos ter muito melhor sucesso na escola porque a nível... da parte saudável, a nível da nossa criatividade, de desenvolvimento, etc, facilitava a parte da escola, essas nossas interações uns com os outros porque a nossa capacidade de criatividade de inventar coisas era tanta que acho que a gente ia para a escola, sei lá, parece que era tudo muito mais fácil. Eu sinto isso, sinto que era muito importante. Epá, eu tive uma infância muito feliz e penso que essas coisas ajudaram a que a minha infância fosse muito feliz. Nós conhecemos muita gente, eu olho para trás eu vou para a rua e ando aí... pronto, nós vivemos numa ilha e a ilha é pequena mas nós temos uma ligação tão forte com as pessoas do antigamente porque foram momentos muito bons e foram pessoas que vão ficar para o resto da vida e depois era assim nós conhecíamos muita gente e hoje em dia se calhar o conhecer essa gente toda facilita-nos também a nossa vida, porque eventualmente se tu precisares de alguma coisa, epá eu conheço aquele, aquele tinha aquilo. Tu conheces a mãe daquele, epá e não são coisas por interesse, são coisas para a nossa utilidade da vida e acho que isso é muito de valorizar.

SARA

Como eram os dias passados a brincar com as outras crianças? Não é o que faziam mas... como é que eram, vocês divertiam-se muito ou não, havia zangas, não havia?

JOANA

Aquilo havia sempre como todos os grupos, porque é assim. Nós, como sociedade temos que saber viver em grupo e temos que saber lidar uns com os outros, temos de saber lidar com as pessoas e claro que havia, havia os

preferidos, havia os amiguinhos mais chegados, havia... a competitividade, havia muita competitividade "porque eu consigo fazer...", mas isso é bom! Isso é bom para a nossa vida, nós temos que saber lidar com as frustrações e com os sucessos e isso ajudava-nos muito. Para já sabíamos que ao brincar na rua num jogo de grupo que nós tínhamos muito, o futebol, o voleibol, tínhamos jogos de estratégias, eu lembro-me de chegar a fazer o rallypaper, que a gente... Eu ia buscar papéis a casa, pessoal ia buscar, cada um ia buscar um bloco, canetas e não sei quê e nós inventávamos um jogo espectacular, aquilo foi uma coisa de manhã e à tarde já estávamos a jogar, percorremos esse bairro todo, epá aquilo foi uma coisa espectacular. E isso são tudo coisas que são de aprendizagem para a nossa vida porque conseguimos saber lidar com os grupos, conseguimos saber o que são as frustrações, os sucessos, conseguimos.... A comunicação uns com os outros que é fundamental, e claro que havia sempre as nossas brigas e as nossas zangas mas aquilo antigamente não havia remorsos, aquilo um dia a gente estava chateados, aquilo passava dois ou três dias, às vezes nem tanto, no dia a seguir a gente já estava batendo à porta porque a gente sabia que queria era brincar e acabou. E não havia essa coisa dos remorsos e pronto, depois havia as pessoas que já tinham o seu feito mais difícil mas depois acabava por toda a gente ficar bem disposta.

SARA  
A infância para ti o que é que é?

JOANA  
(risos) essa pergunta. A infância... basicamente é aquilo que eu estive a dizer até agora, é o olhar para trás e saber que tive uma evolução e uma aprendizagem e um desenvolvimento. Ao tempo certo, o que é que eu quero dizer? Epá, as brincadeiras eram típicas para a nossa altura e que se calhar intuitivamente as nossas brincadeiras eram brincadeiras adequadas para a nossa idade e isso faz com que intuitivamente ao contacto com a sociedade, com a natureza, com as coisas que nos iam aparecendo, ao longo da nossa infância, faziam com que o nosso desenvolvimento como ser humano era uma coisa natural e intuitiva. Porque é isso, eu olho para a minha infância assim, eu olho para uma infância em que nós

temos que nos preparar para adultos de uma forma correcta e acho que a interação entre nós todos e o contacto com a natureza, com os materiais, com as coisas que nos vai aparecendo, que nós vamos tentando descobrir, e que não havia essa coisa de sub-protocção, porque nós íamos para a escola a pé, e íamos medindo o risco lentamente e isso acho que é a infância... É o brincar, é desenvolver as nossas capacidades da brincadeiras... Como infância é isso mesmo, uma evolução ao seu tempo, com as brincadeiras adequadas à sua idade e o descobrir a sociedade e como seres humanos também. O que é que gostamos e o que é que não gostamos.

SARA  
E como é que caracterizas a tua infância mas aqui no bairro?

JOANA  
Aqui no bairro... Epá eu caracterizo-me... epá, felicidade! É a palavra que eu tenho, é felicidade. Às vezes quando... há muitas coisas no meu dia-a-dia que realmente, e por exemplo, eu por acaso sempre fui uma pessoa que gostei muito de querer saber, e como é que se faz e eu lembro-me perfeitamente de coisas de hoje em dia que eu faço, coisas de bricolage por exemplo que eu aprendia na minha infância com o meu pai, o que é que era um parafuso, o que era uma porca, o que é que era uma chave de fendas, o que é que era ua chave de cruzeta, o que é que era... eu aprendi isso tudo na minha infância. Eu aprendi o que é que era um macaco, eu aprendi o que é que era... várias coisas! Aprendi a fazer casas, como é que se martelava. Eu com 12 anos já estava com um martelo, claro, com o meu pai a vigiar, e eu tinha um martelo na mão e já sabia pregar um prego. E chegámos a fazer carrinhos de esferas. Chegávamos a fazer cabanas, epá e penso que... Olho para a minha infância e adoro. Penso que foi um momento como desenvolvimento do ser humano, e há uma outra coisa, é que antigamente as pessoas que tinham 20 anos... 18, 19, 20. Ficavam a brincar com os mais novos. E eles, apesar de não serem os nossos educadores, muitas vezes quando viam que nós fazíamos coisas que não era das mais correctas, eles chamavam-nos à atenção. "Não faças isso, pede desculpa", a educação ambém vinha dos mais velhos. E aquela

coisa de segurança, tu estás na rua e aquela coisa de para os mais velhos ser um início de... responsabilidade. Porque eu tenho essas crianças aqui e sou um bocadinho responsável por elas, também porque tinha um irmão mas mesmo assim por toda a gente naquele... Nós sentíamos-nos seguros porque nós tínhamos os mais velhos ali, estou a arrepiar-me toda (risos) e era... e pronto se calhar já me dispersei mas a pergunta era o que é que eu....

SARA  
Como é que caracterizavas a tua infância.

JOANA  
Como é que eu caracterizava a minha infância e eu caracterizo como felicidade e uma evolução para um bom ser humano... nas alturas certas, com as aprendizagens certas e com as idades certas.

SARA  
Sim senhora. Agora uma... tu foste ao quartel?

JOANA  
Cheguei a ir ao quartel.

SARA  
Como é que era? Como é que vocês decidiam ir?

JOANA  
Aquilo era assim, nós estávamos em grupo, e antes disso, pronto nós decidíamos "ah vamos...", inicialmente quem ia foram os mais aventureiros e que foram os rapazes mais velhinhos, foram lá ver como é que aquilo era e depois começaram a explicar, a gente imaginava tudo escuro, túneis e não sei quê. Mas nós... Combinávamos, estávamos lá a conversar, eles falavam da sua experiência e combinávamos ir ao quartel mas há uma coisa que nós fazíamos, íamos sempre em grupo, planeávamos que era uma coisa muito boa. Antes de ir, dizíamos "olha, vamos por ali", "vamos por aquele caminho assim, se alguém se perder encontramos-nos ali", era tudo planeado, não eram coisas assim à maluca e vamos e acabou. E íamos todos juntos, haviam claro os mais engraçadinhos que iam só uns passinhos mais à frente para pregar sustos mas aquilo era tudo planeado, e depois planeávamos se tinha cães, se não tinha cães, porque a gente ficava com medo, é que havia vezes que eles iam em grupo e

"ahhh eu ouvi o cão a ladrar e não sei quê!" e havia muitas vezes... Epá mas aquilo era tudo muito controlado até porque nós tínhamos era que atravessar pastos e epá o que é que podia acontecer nessa altura? Não nos podia acontecer... Eu acho que não nos podia acontecer nada, estávamos em grupos. Se acontecesse era por maldade dos outros. E quem é que ia estar ali naquela altura? Àquela hora? Isso antigamente era um deserto, ninguém andava por aí e não havia também essa coisa toda agora que existe das pessoas que querem fazer mal. Nós íamos, era uma aventura, íamos de noite mas era tudo muito planeado, tudo muito controlado. Falávamos uns com os outros, aconteça alguma coisa para estar no tal sítio, gritem! E pronto.

SARA  
E como é que era lá dentro?

JOANA  
Como é que era lá dentro? A gente descia, eu lembro-me... era escuro.

SARA  
Quer dizer, o que é que faziam lá dentro?

JOANA  
Lá dentro? Basicamente o que a gente fazia era para pregar sustos uns aos outros e andar nos túneis, basicamente isso. Andávamos lá para os túneis a pregar sustos uns aos outros, andavas o túnel e pronto. Chegávamos a uma altura em que já estava tudo farto de rir e brincar e tudo cheio de medo e depois saíamos e íamos para casa, basicamente era isso. Eu pelo menos fui uma ou duas vezes e as únicas coisas que fiz foi isso, não... nunca fizemos mais nada lá dentro e durante o dia também não me lembro de ter ido lá. A gente não fez nada, não foi coisas de fogueiras, não, basicamente era pregar sustos uns aos outros e andar pelo túnel.

(Conto um excerto de um diário em que há uma referência à mãe da Joana ir ao quartel buscá-la)

JOANA  
Ah pois foi! A gente foi, eu e o meu irmão e mais não sei quê e alguém (risos) a minha mãe, já devia ter passado da hora de ir para casa e a minha mãe devia de estar à minha procura, e epá, era isso, nós tínhamos a coisa de saber onde é que

toda a gente estava, a gente não ia para lado nenhum sem ninguém saber onde a gente estava. E acho que tinha ficado um ou dois nas escadas, não foi?

SARA  
Não me lembro.

JOANA  
Pronto, e a gente foi em grupo lá para o quartel, foi para aí um grupo de 4 ou 5 ou 6, eu já não me lembro. E a minha mãe se calhar deve ter chegado à hora, foi-me procurar às escadas, eu não estava e devem ter dito "ah, ela foi para o quartel!". E havia telemóveis nessa altura? Eu já não me lembro. Havia não foi? Eu lembro-me de a minha mãe estar a ligar-me e eu atender e dizer "ah eu já estou quase aí! estou quase aí!" (risos) alguma coisa assim do género. Epá, aquilo por acaso foi, recebi uma chamada da minha mãe, depois saímos logo e viemos por lá baixo por aquele pasto a pé e eu estava toda cagada, a gente tinha um respeito pelos pais que era uma coisa fora de normal, vinha tudo cheio de medo lá para baixo para... Depois a minha mãe "onde é que tu tiveste?" e eu contei que tinha ido para o quartel, que aquilo não era nada de mal, que aquilo era uma coisa... e ela claro. A minha mãe é muito mãe galinha, é muito medrosa também e que aquilo não tinha nada de mal, que tínhamos ido todos juntos, que aquilo era uns labirintos escuros e não se fez nada de coisa, mas claro que eles ficavam sempre preocupados e "que é que foste fazer com esses rapazes todos aí para cima? vocês não sei quê!". E era uma preocupação. Epá mas fazia parte da medição do risco, da parte do planeamento, da responsabilidade, de a gente deixar alguém avisado que íamos, acho que... Foi muito bom para a nossa...

SARA  
Treinar a ser independentes não é.

JOANA  
Exactamente. Olha nem tinha ido buscar a palavra independente.

SARA  
Aqui diz que combinaram ir pregar um susto a gente.

JOANA  
Vê. Era os sustos que a gente...

SARA  
E íamos pegar as lanternas...

JOANA  
Era as lanternas também...

SARA  
Rastejávamos na relva...

JOANA  
(risos)

SARA  
A Sofia, deve ser a dali, perdeu o telemóvel.

JOANA  
Foi? (risos)

SARA  
Uma coisa assim.  
(...)

JOANA  
Epá e havia a parte de desenvolvimento... A parte física! Nós fazíamos tanta macacada, a gente subia muros, saltávamos muros e a gente era sempre magrinhos e vamos embora para a frente. E não tínhamos medo! E o que a gente queria era correr, ah! Fazíamos corridas também. Batíamos às portas, às campainhas... A gente chegava a bater às campainhas.

SARA  
Como é que isso era?

JOANA  
Houve uma vez, uma história, aqui o teu vizinho da frente que era enfermeiro no hospital, por acaso é meu primo. Houve uma vez... quem é que andou a correr isso tudo...? Epá eu já não me lembro mas ele corria bastante. Epá quem era? A sério, a gente foi bater aqui à porta e ele já estava à espera porque ele ouviu-nos já a bater na porta da frente e aqui por trás, o muro era mais ou menos baixinho, conseguíamos ver o quintal e ele estava no quintal e já estava a ouvir. Nós viemos bater à porta. Epá, quando ele abre a porta e vê que é a gente que tinha batido, eu já não sei quem foi mas sei que era uma pessoa que corria... Ah foi o Huguim! de lá de cima! Eles andaram a correr, eles correram, saíram daqui, desceram essa rua, passaram pelo hiper que era antigamente, foram até lá baixo à domingos, andaram naquele relvão que

havia ao lado da canto da maia aos circulos e a gente na parte de cima, que aquilo era tudo aberto, não havia creche não havia nada. A gente estava lá em cima, a gente olhava para baixo e a gente só via eles aos circulos a correr! Um homem velho, pronto credo, mas de 30 e tal, uns 40, a correr atrás de um putito de 17, 18 anos, epá com uma resistência... Correram, correram, correram, depois acho que ele acabou por apanhar o Huguim mas pronto basicamente não fez nada, disse "se acontecer isso mais alguma vez eu vou dizer à tua mãe!" pronto. Mas foi muito engraçado! E era espectacular. Belos tempos. Consolava, a gente ria-se! (risos) Mas ele também ficava zangado porque ele tinha a miudinha novinha a dormir.

SARA  
É esse daqui?

JOANA  
Era. E acho que ele ficava muito zangado porque ela custava muito para adormecer e quando ela acho que tinha acabado de adormecer.... bimba! (risos) A gente tocava à campainha, não era coisa de se fazer mas era uma coisa, sei lá, ou ele ganhou uma manutenção física, foi dar a sua corridinha do dia e o outro aprendeu a lição "nunca mais toco à campainha!" (risos)

(conversa)

JOANA  
E no verão, nós combinávamos era ir todos para a piscina. Para a piscina nova. Tudo em grupo por aí baixo.

SARA  
Tu chegaste a ir aos acampamentos dos mosteiros?

JOANA  
Não. Ah! Mas isso eram mais vocês aqui que combinavam, que havia... era o Bruno, a Ana...

SARA  
É, mas o Cris e o Paulo também chegaram a ir.

JOANA  
Mas eu ouvi falar... eu acho que isso até chegou a ser quando estava a namorar com o... meu namorado. Não vou estar a dar nomes (risos)

SARA  
Mas diz o que ias dizer, lembras-te?

JOANA  
Ah quando a gente ia para a piscina? Não havia telemóveis no início, eu tive o meu telemóvel foi quando fui para o canto da maia no meu 6º ano. Tinha 11 anos quando tive o meu primeiro telemóvel. E era mais ou menos a altura em que a gente se calahr ia para a piscina. Era, já havia telemóveis mas muitas vezes a gente combinava as coisas era por hora. Às x horas ali para a gente ir para baixo e aquilo a nível de pontualidade havia mais uns que se atrasavam mas aquilo não passava de meia hora, havia... Meia hora, não aparece, a gente andava! E a gente quando era para ir para a piscina, combinávamos todos num sítio e depois íamos lá baixo. E não havia cá coisas de comprar comidinhas na piscina nem nada do género, a única coisa que o dinheirinho era, era para as pastilhas elásticas, para o geladinho do dia e era para uma aguinha ou sumo que a gente queria beber e era batatinhas fritas porque a comidinha a gente levava era as sandes de casa, não havia coisas de comer pizzas como existe agora, oh mãe o dinheirinho para... não! Eu levava muitas vezes era sandes de atum que eu consolava-me toda com tomate, epá consolava aquelas sandes quando a gente estava cheios de fome, que a gente ia todos para a piscina todos juntos aqui do bairro, aquilo consolava. A gente ia todos os dias, quase todos os dias para a piscina e epá tínhamos brincadeiras, eram as apanhadas, era vê quem é que conseguia ir mais longe na piscina debaixo de água, quem é que conseguia ir até ao fundo e voltar mais rápido, atirar objectos na piscina, epá a gente fazia macacadas, a gente jogava muito às cartas, e isso era uma das coisas que nos ajudava para a matemática, eu digo-vos mesmo, para contar cartas e a nível de raciocínio, epá eu adorava, a gente passava as tardes a jogar às cartas e depois combinávamos todos, claro para vir para casa já estávamos todos meios cansadinhos, quem vinham buscar eram os papás, e combinávamos todos uns com os outros! "Olha hoje é a minha mãe que me vai buscar. Avisa a tua mãe que eu é que te dou boleia para casa." e era assim. E não havia cada um que ia buscar os pais à piscina, combinávamos todos uns com os outros e íamos todos com boleia.

E havia interacção entre os pais, comunicação entre os pais, epá aquela educação em comum, epá o meu filho fica em tua casa... A nível de comunicação, de relação entre pessoas era completamente diferente, eu acho que cada um, pronto, era o pai que era a identidade que educava o seu filho mas as outras pessoas também ajudavam a educar e era assim.

(...)

Exactamente é a perda dos valores que está a acontecer. Cada um nas suas casas, cada vez, não há o entre-ajuda, entre a sociedade, as famílias e as famílias e há uma coisa muito boa que ainda continua a haver ao pé da minha casa que é, nós temos várias vizinhas e por acaso são vizinhas de há vinte e tal anos e desde sempre eu lembro-me de a minha mãe precisar de uma caneca de farinha e de uma caneca de açúcar e havia o espírito de ajuda e inter-ajuda e digo-vos, ainda ontem o meu pai quis fazer arroz doce e não tinha leite e foi pedir à vizinha e agora estão os dois pacotes. E havia também a responsabilidade de cada um dá... depois de ir levar o leite, agora estão os dois pacotes à porta de casa para ir levar à vizinha! E há essa coisa. E hoje em dia há essa coisa de descartar, ah emprestou e depois esquece-se. Epá o respeito pelo outro e pronto havia sempre brigas entre casais também. E quando a gente ouvia sempre brigas entre casais e havia os vizinhos, pronto porque há situações que aconteciam infelizmente, de violência e de coisas que a gente assistia, a gente ouvia um barulho e íamos lá todos socorrer. Não havia cá o medo de ser dentro de casa, eu lembro-me perfeitamente de haver perto da minha casa, uma violência... violência. Em que a gente vê a pessoa em questão a sair com sangue, a gente chamou a polícia, não teve meias medidas, isso cá não se admite essas coisas. Crianças de 14, 15 anos, chamamos a polícia e a polícia apareceu. E pronto. Isso tudo para dizer que...?

SARA

Já nem me lembro! Já não fazia parte das minhas perguntas.

JOANA

Ah isso. Pois não. Foi quando comecei a contar que ia para a piscina e desenvolveu-se até aqui (risos)

SARA

Pois foi!

JOANA

Epá lembro-me perfeitamente desses tempos, adorei viver nesse bairro, graças a deus que os meus pais me puseram aqui. Não sei se isso foi igual para toda a gente, não sei as experiências como é que foram para toda a gente mas penso que agora quando se fala com essa idade e que falo com muita gente que tenha vivido em bairros, basicamente contam as mesmas histórias que faziam os carrinhos de esferas, que faziam as cabanas, que faziam o jogar ao berlinde e ao pião, depois havia o diablo também. Mas o diablo não era só fazer coisas, a gente tinha o diablo e a gente queria aprender mais e mais e mais, e havia aqueles truques e nós queríamos era desenvolver e criatividade e competitividade saudável. Mas epá adorei. E às vezes digo muitas vezes, quero é voltar aos meus tempos, aquilo é que era. E vejo agora essas crianças para aí enfiadas em casa, dá-me uma agonia tão grande. Também não sei a nível de comunicação social, que agora há essas pedofílias, essas violências e essas coisas todas, claro que é...

(...)

Essa coisa agora da... eu percebo que para os pais pode ser difícil mas eu acho que a sociedade em si é que levou que isso aconteça. Porque antigamente como havia o espírito de inter-ajuda de todos os pais e isso tudo, os filhos se calhar estavam mais protegidos porque cada pai sabia onde é que estava, estava ao pé da porta de casa, estava... Epá, havia tudo, um conhecimento ali à volta de onde estava o perigo que fazia com que os pais ficassem mais tranquilizados, sabiam que aquela zona era mais perigosa, que aquela não era tanto. Sabiam quem é que vivia ali, quem é que não vivia, epá e agora cada vez mais as pessoas enfiam-se dentro de casa e o que acontece é isso, é que não sabem quem é o seu vizinho do lado. Faz-me uma confusão depois dos vizinhos que vieram viver para as casas novas como a gente chamava, epá eu conheço poucos daqueles vizinhos. Não conheço quase ninguém porque pronto uns saíram daqui e foram arranjar uma casa melhor e não sei quê e os que vieram não quiseram saber, não interagem, isso entristece-me

bastante. Olha eu vou dar exemplo, eu já vivi fora daqui, agora estou a viver em Lisboa, já estive a viver em Mafra e em cada sítio que eu vou eu sinto que há uma parte de fazer amizade ali à volta e a criar uma rotina...

(...)

SARA

O que achas que mudou aqui no bairro em termos de espaços para brincar?

JOANA

Aqui no bairro. Olha, vou dar um exemplo. Ao pé da minha casa fizeram um, tipo um, eu nem sei caracterizar aquilo, inicialmente era para ser um jardim, depois era para ser um campo de jogos, nunca chegou a ser nada. E acabaram por por cimento e era terra à volta e pouco mais, mas não puseram árvores, não puseram nada. Aquilo nunca tinha carros ali mas nunca porque a gente não deixava, a gente estava sempre lá a brincar e toda a gente sabia que aquilo era para toda a gente brincar, ponto final. De há uns anos para trás quando passo ali, aquilo agora é um parque de estacionamento, não tem nada ali. E eu lembro-me perfeitamente que havia uma zona, um carreiro, eu não sei se chegaste a ir... É aqui mesmo, andas aqui, é aqui em baixo. Havia um carreiro que nunca ganhava erva porque aquilo era a nossa rampa de bicicletas porque até havia cascalho e muitas vezes os próprios vizinhos é que metiam cascalho para a gente brincar com a bicicleta. Eu lembro-me perfeitamente do vizinho lá por cascalho na parte de onde a roda depois descia para a gente brincar de bicicleta ali e aquilo nunca chegou a criar, agora já está tudo cheio de relva e tudo cheio de coisas e cheio de carros e aquilo era um dos sítios onde a gente brincava muito. Chegávamos a fazer as fogueiras de São João lá também, o que é que a gente fazia lá mais? Jogávamos vólei, futebol, fazíamos as balizas lá no coisa. Na parte de cima era a parte onde a gente ficava à noite e aquilo tinha três bancos, cada um ficava deitado num banco, às vezes estava assim lua cheia e o céu estava estrelado, a gente metia-se de barriga para o ar a contar histórias, ei que bom. Que bom, que bom que era. A gente ficava lá de barriga para o ar, sei lá, era

uma despreocupação, era contar histórias, rir, brincar, consolava, consolava mesmo.

Ali jogava-se muito ao berlinde, como havia terra, dura, a gente jogava, fazíamos uns buraquinhos que era para jogar ao berlinde e acertar lá nos buraquinhos. Jogávamos muito ao berlinde, ao pião também aí, a macaca porque aquilo eram uns quadrados no chão e a gente contava os quadrados e fazia a macaca lá, aquilo era a macaca que a gente fazia. depois fazíamos jogos de equilíbrio, ah! e também aquelas escadas serviam também para ver quem é que pulava mais nas bicicletas (risos)

SARA

As razões que pensas que levou a que esse convívio fosse desaparecendo e que hoje em dia já não exista...

JOANA

As razões que acontece? Epá é uma coisa que eu sou... não é contra, contra. É essas novas modernices dessas novas tecnologias, eu passo-me com isso. Porque cada vez mais, eu não percebo, eu não consigo perceber como é que há crianças com 6, 7 anos que têm um tablet na mão, quando antigamente eram impensável a gente ter um telemóvel bom. Quem tinha era os papás, a gente tinha era uma coisa rasca. Na minha casa era assim. E o melhor não era para os filhos, primeiro era para os pais e depois era para os filhos a nível dessas coisas e como é? Muitas vezes era aquela mentalidade, como é? O meu filho tem uma coisa melhor que a minha? Pronto, eu acho que... E foi o que eu já disse até agora, é falta de interação entre as pessoas e também o que acontece muito é, as pessoas estão tão focadas, tão focadas nos seus problemas e também a conjuntura que a gente vive da crise que não é nada fácil que se esquecem que também têm vida e que têm vida na sociedade e há uma coisa que hás-de reparar. Antigamente nesse bairro como é que eram construídas as casas? Os muros eram feitos dessa altura. E o que a gente metia à volta não eram muros até cá cima, eram gradeamentos. A minha casa tem gradeamentos, eu vou ver agora o resto das casas... Era tudo gradeamentos, a gente via, era tudo a querer por uns gradeamentos. Tu hás-de reparar agora o que acontece nas outras casas todas é muro até cá cima, as pessoas querem-se isolar, as pessoas

não querem comunicação umas com as outras. E é o que acontece, penso que as pessoas cada vez são mais egoístas, aquela ambição de quererem e mais e mais e mais. É o que leva com que... as consequências... das infâncias para os filhos... que leva consequência para a infância dos filhos. E pronto, também não sei... É o que eu digo, isso é uma bola de neve, se houvesse era interactividade entre as pessoas, se houvesse essa... o não isolamento, eu acho que o perigo não era assim tão grande, porque havia mais exposição, das coisas, de ver, havia mais exposição, as pessoas estavam mais na rua.

SARA

E não achas que com as tecnologias existe mais exposição?

JOANA

Mas isso é uma exposição diferente. Não é uma exposição física. É uma exposição virtual. Mas aí as pessoas é que se arriscam e têm opção de quererem... É uma exposição controlada. As pessoas é que querem expor-se, não é uma exposição física, material, não é uma exposição em que eu consigo... Estou ali e vou-me defender... Porque sou eu que estou ali! Agora as pessoas é que se submetem a essas exposições porque quem põe fotografias no facebook e essas coisas é porque querem. E a partir daí fazem o que querem, mas é a consciência de cada um.

(...)

Fim.



## ENTREVISTA PAULO



21 de março de 2014  
Duração: 21 minutos

---

SARA

Como começaste a sair para a rua?

PAULO

Se for para começar a falar a sério disso, eventualmente eu tenho algumas memórias de quando eu vim para cá para o bairro. Eu mudei-me para cá quando tinha 4 anos ou seja já foi há 26 anos e lembro-me de cruzar sempre, com a minha família, de cruzar com os meus vizinhos, futuros amigos, também com as mães. Ainda éramos muito novos para estar a brincar na rua apesar de que na altura a segurança era vista de outra maneira. Hoje em dia há uma certa liberdade. Há uns anos atrás havia alguma restrição. Mas há muito tempo atrás na altura em que eu tinha essa idade havia uma certa segurança. Até se notava principalmente pelos muros das casas das pessoas. Os muros eram os que vinham do tamanho da casa. E eram muros normalmente da cintura da maior parte das pessoas. 1m10, 1m20... E não havia roubos, havia um nível de segurança. O que levava depois que as pessoas se habituassem a conviver muito. Eu recordo-me vagamente que nessas idades também haviam muitos convívios dos vizinhos. Havia sardinhadas no São João, havia todo esse tipo de actividades. As memórias assim, à medida que foram passando, eu fui ficando mais velho, o que é que eu me lembro? Lembro-me de fazer amigos inicialmente cá na rua e depois íamos conhecendo-nos através da escola. Tendencialmente frequentamos a mesma escola, a canto da maia. Ah, não. Peço desculpa. Antes disso, fui frequentar a

escola primária foi a escola das Anexas e depois quando vim para o Canto da Maia, aí as amizades se acentuavam. Porque nós íamos e vínhamos para a escola, tínhamos os mesmos horários. Fazíamos as mesmas coisas, eram quase como uns segundos irmãos que era o que valiam as amizades na escola. Independentemente depois de ter começado a haver... A introduzir-se algumas tecnologias que até nos podiam puxar para dentro das casas, nomeadamente se calhar a Tv Cabo que apareceu já há uns bons anos, as consolas, que eram momentos que implicavam normalmente um convívio ou sozinho ou com os amigos dentro de casa. As actividades eram predominantemente na rua. Era brincar, eu lembro de sair... Não haviam telemóveis, não havia meios de comunicação, e havia sempre a segurança "ah mas voltas a tal hora...lanchar, não sei quê". E nós explorávamos tudo, o que era cantos aqui à volta. Os apartamentos onde eu vivo hoje em dia quando eu era mais novo e adolescente era uma área de lazer autêntico. Tudo se fazia aqui, as fogueiras de São João, fazíamos concursos de fogueiras entre as ruas. Havia esta rua que juntava as duas ruas, primeiro a rua A e a rua B. Agora tem esses nomes mas ainda se calhar prefiro chamar por esses nomes. Inicialmente tendo em conta o teu trabalho. E outras ruas lá em baixo, depois jogávamos muito beisebol, futebol, chegámos a juntar todos para fazer um campo de futebol, e é isso que eu também admiro muito nas amizades, são amizades que sei que vão ficar para a vida. Porque havia união, haviam interesses comuns, as pessoas eram mesmo amigas e quando haviam chatices que eram muito poucas, as coisas ficavam resolvidas porque eram resolvidas na brincadeira. E no fundo todos queríamos dar bem. Claro que pronto as pessoas também vão se desenvolvendo, vão adquirindo experiências, outros amigos e depois de haver, no meu caso pessoal, da adolescência ver ali algumas atribuições com os meus amigos mais próximos, porque... houve coisas que aconteceram, passei a frequentar mais a zona, pronto, que eu chamava os apartamentos, pronto e penso que é uma referência se calhar até nesse teu trabalho e passei a conhecer outros amigos. Penso que nessa idade foi mais ou menos 14, 15... Não deve ter sido muito mais cedo que isso

também nem muito mais tarde e os convívios eram feitos quase sempre na mesma zona. E criei um outro grupo de amigos, não perdi amizades com os outros amigos. não os via era com a mesma frequência mas com esses amigos era uma frequência quase diária. Obrigatório era ao fim de semana, à sexta e ao sábado e ao domingo também. E tudo era feito em conjunto, combinávamos sempre actividades. Lembro-me de haver depois, tanto é que essa amizade tanto se reflectia que nós chegámos e daí ter a certeza que foram 15 anos porque acampamos acho que foi quatro anos seguidos ou pelo menos três para os mosteiros no verão. E então tínhamos esse tipo de actividades porque fortalecia ainda mais a ligação entre as pessoas. Não sei se há mais alguma coisa que queres que eu...?

SARA

Não sei do que é que te recordas desses tempos, brincadeiras mais especiais?

PAULO

Brincadeiras? Quando éramos mais novos as brincadeiras mais comuns que era o berlinde, o pião, fazíamos muito pistas de carros, neste terreno aqui, fazíamos lama, fazíamos pistas de carros, pequeninos e de carros telecomandados e eram coisas mesmo, eu lembro-me na altura, eram coisas mesmo ao detalhe. Havia poças de água, havia buracos, havia valetas, havia não sei quê e era tudo com muito detalhe e depois era as ideias de todos e todos a trabalhar para o mesmo bem comum. Havia também depois pistas para bicicletas, rampas para bicicletas, fazíamos corridas de bicicletas. Isso eram as actividades mais diurnas que eu me recordo quando era mais novo. As actividades mais nocturnas que nós fazíamos e se calhar leva-me depois ao outro ponto que tu estás aí. Se calhar estás aí depois para perguntar, nós brincávamos muito às apanhadas e a um jogo que chamávamos o alien. Tem aqui uns pastos aqui por trás, quando a erva crescia que era a erva das vacas nós brincávamos um bocado ali às escondidas, às apanhadas, era um jogo assim um bocadinho misto. E depois pronto, a característica dessas idades, a curiosidade, éramos exploradores. E há medida que fomos subindo no pasto e nos terrenos para cima que agora é a segunda circular, não havia na altura, descobrir um

monte que chamávamos mesmo o monte e que havia aquilo a que nós depois descobrimos que era o quartel que são, portanto, os vestígios, os remanescentes do antigo posto de vigia, de bateria, de defesa da costa de São Miguel e lembro-me de nós brincarmos muito, principalmente à noite porque era o tal receio, a tropa, uma coisa que não conhecia muito bem. A noite, a noite em si já era uma coisa um bocado obscura, o desafio, vamos, fazer um grupo, arranjar uma lanterna, comprar espigas, e era tudo uma emoção envolvida nisso porque muitas vezes um pequeno barulho exponenciava num lavrador que nos ia matar ou numa coisa assim do género. E as coisas eram engraçadas mesmo por causa disso. Porque vivíamos as coisas muito puras. Muito raw! muito brutas. Em relação...

SARA

O que é que vocês faziam lá?

PAULO

O que é que nós fazíamos lá? Nós íamos para lá porque aquilo ficava debaixo de terra e depois tinha uns canhões, nós gostávamos de brincar nos canhões, apontar porque os canhões davam para apontar para onde a gente quisesse, dava para movimentá-los e depois lá dentro ainda tinham as casernas, tinham os quartos, as camas, essas coisas todas. Depois brincávamos muito aí, depois havia muitas brincadeiras de assustar a uns e aos outros. E isso recorda-me uma brincadeira que uma vez fizemos, porque depois à medida que vamos ganhando experiência, já não nos metia medo e às vezes costumávamos levar pessoas novas para lá. E houve uma vez que levamos um rapaz que, não me recordo o primeiro nome dele mas o último era Coutinho, o nome que lhe chamavam, que era um amigo do Nicola e termos combinado com o Nicola irmos assustá-lo que era o objectivo e o plano era ir um grupo na frente e um grupo atrás que era o Nicola, esse rapaz, e mais um outro para disfarçar, iam lá ver o quartel. Esse grupo que ia na frente escondeu-se e quando o rapaz foi lá, o que ficou combinado com o Nicola foi quando começasse a ouvir barulhos para ele assustar ainda mais a situação, para dramatizar. E nós estávamos lá escondidos, começámos a fazer determinados barulhos, até foi bastante

engraçado porque nós não exageramos, a tendência dessas brincadeiras é exagerar, conseguimos nos conter e o rapaz apanhou um susto muito muito muito grande, tão grande que as escadas de saída de lá de dentro, ele petrificou nas escadas e já não conseguia subir até que nós aparecemos e ele depois ficou todo chateado e não sei quê, depois aceitou a brincadeira mas foi engraçado porque eram brincadeiras de criança. Havia também um personagem, posso dizer mesmo esse nome, que era uma pessoa muito caricata, que era o André Maluco, maluco de alcunha porque era a pessoa que ia sempre na frente, independentemente do perigo, do risco, era o que fazia primeiro as coisas. Mesmo que se magoasse ou o que quer que seja. Não sei se ele na altura tinha alguma patologia psiquiátrica não diagnosticada mas o certo é que nos parecia que alguma vez tinha porque ele fazia coisas que mesmo para nós crianças e adolescentes eram coisas mesmo malucas. Outras coisas que eu lembro-me de fazer relacionadas até com essa área era ir à pesca de girinos e de rãs. Em que nós, haviam umas poças, que agora percebendo o que é que eram, eram das vacas beberem água e havia muita criação nesse local devido às águas paradas de girinos e rãs e nós íamos apanhá-las e depois fazíamos brincadeiras com elas. Até chegamos a por uma, essa personagem, esse André Maluco, pôs um cigarro na boca, começou meio a inchar, foi assim... Havia assim muita brincadeira assim engraçadas. Lembro-me na altura também, já agora uma pequena referência de haver dois cães que viviam aqui na rua e não saíram daqui da rua até morrer que era o xamon e o outro não me lembro o nome, chiquita, era um nome assim esquisito mas eu sei que andavam sempre aqui na rua e eram nossos companheiros de brincadeiras. Um era branco, baixinho, que até tinha nas costas uma mancha que pareciam os pulmões. Por acaso era engraçado.

SARA  
Não és a primeira pessoa que fala nos muros das casas.

PAULO  
Já agora, referindo isso, eventualmente nós vivemos aqui muito próximos de uma zona que tem uma população muito específica que é o Lajedo e depois de

começar a haver alguns roubos de roupas, as pessoas começaram a ficar preocupadas e aí sim aumentaram os muros, houve outras que passaram pela solução de deixar crescer ibiscos que também é uma protecção natural e também tapava e pronto e depois a nossa sociedade, não posso dizer que evoluiu porque isso evoluir queria dizer até na minha perspectiva que fosse de forma positiva, cresceu num determinado aspecto que as pessoas começaram tendencialmente de se dar tanto principalmente os vizinhos mais velhos que seriam os nossos pais e cada um seguiu a sua vida e as actividades deixaram de existir, aquilo que havia antigamente. Com a construção desses apartamentos nos quais agora eu vivo, roubou muita área de brincadeira, muita mesmo. Isso aqui era a nossa área predominante de actividades e com isso também deixou de haver as fogueiras. O facto de isso se perder e de a geração a seguir já não ter acesso a tanto espaço eu penso que houve muita brincadeira aqui que se perdeu. Eu não vejo os jovens de hoje em dia a brincar ao pião, ao berlinde, fogueiras, nem pensar, vejo mais é outro tipo de actividades que é só características das gerações hoje em dia mas essas brincadeiras, a não ser aí nas escolas, só vendo se calhar até, nas escolas é um bom local para aprender esses jogos tradicionais, mas aqui onde eu moro as crianças que eu vejo já não brincam isso, fazem outro tipo de actividades. Até já vi crianças a fumar que é o indicador pronto de outro tipo de posicionamento na idade deles, é pena.

SARA  
Sim. E espaços aqui no bairro para brincar?

PAULO  
Onde é que nós brincávamos?

SARA  
Espaços no bairro que hoje em dia brincavam e que hoje em dia por exemplo que não existe...

PAULO  
Nós brincávamos nesta área que eu já referi, aqui nos apartamentos. Chegámos a fazer uma grande aventura que foi roubar umas balizas da escola Canto da Maia e fazer um campo de futebol numa área ali que agora é uma parque infantil,

digamos, metade parque infantil, metade área verde. Pintámos de preto para ninguém saber e ali passava-se muitos verões a fazer torneios de futebol mas torneios a sério, em que o pessoal juntava dinheiro e dava medalhas uns aos outros, eram coisas mesmo a sério com jogos, com horas, com eliminatórias, com... Por acaso agora já há muito tempo que não me lembrava dessas coisas e outra área que também se perdeu muito foi com a construção do hospital. Que me recordo, a área que existia aqui, recordo-me... O mais tarde que eu consigo-me recordar daqui é sem ter hospital. Havia aqui os pastos, veio para aqui os pré-fabricados, começaram a debastar e até havia aqui uma coisa engraçada, aqui ao pé da minha casa, aqui assim um muro que tinha uma toca que tinha coelhos e a gente lá de vez em quando via-os a vir cá fora comer, não sei quê, até que o André Maluco, a tal personagem predominante nas histórias mais malucas, decidiu pegar fogo a um papel ou cartão, colocou lá para dentro, nunca mais vi os coelhos, não sei o que é que aconteceu.

SARA  
la-te perguntar sobre esse campo de futebol, porque eu filmei esse campo de futebol.

PAULO  
Hm hm. Conseguiste filmar ainda?

SARA  
Não não não...

PAULO  
Ah filmaste...

SARA  
O parque agora. Os baloiços como sinal dos novos tempos, de já não haver descampado para as crianças brincarem.

PAULO  
Era uma queixa, eu lembro-me na altura de nós queixarmo-nos ao Presidente da Junta de Freguesia, penso que foi isso, não me recordo muito bem, também era bastante novo. De ele ter prometido que ia fazer um campo de futebol, uma coisa qualquer, não sei quantos e eu lembro uma das queixas nossas era nós não termos tanto espaço... Portanto, o espaço que nós tínhamos não estava era construído o que quer que seja para nós tirarmos proveito, a gente jogava futebol

aqui no cascalho. Conseguíamos na mesma mas nunca houve nada propriamente destinado exactamente para aquela actividade, havia falta desse tipo de espaços. E se calhar isso... No nosso caso não foi impedimento, brincadeiras ao ar livre. Hoje em dia se calhar pode ser um impedimento.

SARA  
Como é que caracteriza a tua infância passada aqui?

PAULO  
Muito feliz, muito feliz. Eu acho que é a primeira palavra que me aparece. Muito completa porque tive de tudo, tive a sorte de nascer numa geração que viu muitas das coisas que hoje as crianças têm tomado por garantido, começaram a surgir e consigo-me inserir no outro espaço principalmente onde as brincadeiras ao ar livre. Claro que exista na altura as consolas e não sei quê mas as consolas era quando a gente chegasse a casa, hoje em dia as crianças não saem de casa para jogar. As crianças na altura queriam era ir para a rua, eu lembro-me, era chegar a casa, trabalhos de casa lanchar, rua até ao jantar. E jantar, rua outra vez, até às 10h, 11h da noite, era conforme a idade, depois quanto mais idade a gente tinha mais permissão tínhamos para ficar até mais tarde e era muita brincadeira. Lembro-me de muita brincadeira de tabuleiro, muito jogo de tabuleiro, coisas que hoje em dia já são desprezadas, noites inteiras a jogar às cartas, inteiras mesmo, coisas mesmo e conversar. Não sei como é que hoje em dia as crianças convivem e os adolescentes mas lembro-me na altura haver noites de só falar, falar, não sei o que tínhamos tanto para falar, não consigo recordar, mas sei que era muito falar, muita brincadeira, muito falar. E gostava, acho que é um erro pensar que repetir algo que a gente tenha gostado nos vai dar os mesmos sentimentos, não gosto de pensar assim, as coisas às vezes são boas porque foram passadas dessa maneira e repetir se calhar não nos vai dar o mesmo prazer que nos deu. No entanto gostava de um dia se tiver filhos tivessem a felicidade que eu tive na minha infância e adolescência que eles possam tê-la quando a puder usufruir. Seja com que actividades for mas a felicidade. Lembro-me de ser muito muito feliz e ter amizades, haver mesmo união e hoje em dia fruto disso ainda

muito dessas amizades haver uma ligação grande. Não há um convívio diário porque as pessoas têm as suas vidas mas há uma união muito grande que transcende até... Mesmo que um esteja para um país diferente, para o continente, não interessa, há aquela ligação que nunca há-de se perder.

SARA

E a infância para ti o que é que é?

PAULO

Eu acho que é dos períodos mais importantes que as pessoas podem ter. É um período de muita descoberta em que nós já sabemos usar os nossos sentidos e o nosso corpo enquanto somos muito novos. Dizem que até aos 2 anos aprendemos mais que o resto da vida, eu não duvido dessa informação. Mas a partir dos 2 anos é que nós conseguimos começar a perceber o que é que aprendemos sobre as coisas diferentes. E acho que a infância é essa característica, é nós termos a noção das nossas capacidades ou de irmos descobrindo os limites das nossas capacidades, sabendo usar o nosso corpo e os sentidos, e a nossa inteligência e essas coisas todas porque uma criança aprende a andar, não tem a noção que aprende a andar, aprende a andar e usa como recurso, pronto. Não se lembra disso. Mas agora eu aprendo a andar de bicicleta, nunca mais vou-me esquecer. São duas coisas diferentes e acho que a infância é característico disso, é muita descoberta de coisa nova e isso faz-nos sonhar e acho que das coisas que nós perdemos muito quando passamos para a idade mais adulta é deixar de sonhar. E acho que isso é muito importante e que é muito característico das crianças. O sonhar e isso faz mover montanhas e eu lembro-me na altura uma das actividades que eu fazia muito, e ainda adoro, em casa, era ler. Eu lembro-me de ler muito, lá está, não havia TV Cabo, não havia consolas para jogar, não havia internet, não se falava nessas coisas e pronto, havia um canal, depois passou a haver dois e havia os livros e o meu refúgio em parte era muito os livros e isso fez-me sonhar muito e fez-me desenvolver, pronto, muita capacidade nessas áreas. Conclusão, para não me estender muito, acho que uma boa infância determina um bom adulto, sem dúvida, mas sem dúvida alguma e não é por as pessoas terem que

ir para colégios caros ou terem que estar sujeitos a muitas regras, eu acho que não, eu acho que têm de estar expostas a bons factores, a muito amor e muita amizade e o resto há-de aparecer. Não é por estarem em colégios ou internatos que vão dar bons adultos, não é. E continuo a dizer, sinto-me um privilegiado ter tido esse tipo de experiências e de conseguir, uma outra coisa que acho que é muito boa, que é abrir os horizontes, há muita gente que hoje em dia que vive num mundo muito fechado, que vive no "XD", no "Lol", no não sei quê. Só conheço isso, pedes para escrever um texto, vai substituir muitos "s" por "x", não... Está muito fechado porque não teve um tempo de comparação. A minha geração teve um tempo de comparação entre aquilo que era de antes e aquilo que começou a aparecer a nível de tecnologias e coisas do género e isso ainda consegui estar aqui no meio e tirar o melhor dos dois lados.

# **Guião do filme**

## Imagem

## Som

Imensidão do mar	Som respectivo
Slide de fotografias antigas da construção do bairro	Sons ambiente, gado, escavadoras e pessoas a trabalhar nas obras, etc
Passagem de uma fotografia antiga do bairro para video do mesmo local	Trânsito
Alguém a andar de bicicleta no bairro, pormenores da bicicleta, do caminho e árvores	Som respectivo
Título do filme	Fade
Manhã: Pátio onde inicialmente começou-se por brincar, detalhes como as folhas e troncos de árvores	som ambiente / música 'music box'
Patins em linha encostados ao tronco de uma árvore	som ambiente / continuação música 'music box'
Canto do Pátio onde se bincavam às 'secretárias'	som ambiente / som de crianças com efeito sobre a imagem / continuação música 'music box'
<i>Skate</i> no meio do passeio do pátio	som ambiente / continuação música 'music box'
Caixa de electricidade onde se fazia pé de ladrão para o outro subir ao cimo das garagens / animação a ilustrar	som ambiente / som de esforço das crianças a subir / continuação música 'music box'
Canto do jogo das escondidas / animação a ilustrar / de seguida perspectiva vista da criança a vigiar se tem alguém no pátio / banco onde se costumava contar até 10	som ambiente / som das crianças, uma a ri-se e outra diz "Chiuu.." / fim da música 'music box'

Canto do futebol (panorâmica)

som ambiente / crianças a jogar  
futebol

Pátio em plano geral com possíveis  
presenças de pessoas e carros / animação  
de duas crianças a passar pelo túnel / Outro  
túnel / traseira das garagens

som ambiente / som das crianças /  
voz-off Paulo: "*As crianças na altura  
queriam era ir para rua. Eu lembro-  
me, era chegar a casa, trabalhos de  
casa, lanchar, rua até ao jantar. E à  
noite, jantar, rua outra vez até às 10h  
/ 11h da noite, era conforme a idade.  
Quanto mais idade a gente tinha mais  
permissão tínhamos para ficar até  
mais tarde.*"

Voz-off Liliana: "*A gente fazia tanta  
coisa, a gente tinha uma imaginação  
tão fértil, a gente jogava à macacada,  
a gente pegava nos cintos de judo, a  
gente fazia redes para o vôlei, postes  
com garagens, a gente jogava, a gente  
andava de bicicleta, a gente andava  
de skate, a gente andava de patins, a  
gente partia cabeças, a gente rasgava  
joelhos, a gente estava sempre  
prontos a andar outra vez de patins,  
jogámos ao caça ao tesouro, à  
apanhadas, a gente vigiava pessoas  
que estavam fazendo coisas que a  
gente não percebia ainda muito bem o  
que era mas que a gente vigiava.*"

Ruas do bairro / Rua "Florianópolis" / Pátio  
'da rua E'

Som trânsito / voz-off Joana: "*A gente  
saía de casa depois do jantar, quer  
dizer, não, a gente durante o fim de  
semana estava todo o dia fora de casa,  
depois a gente só ouvia era a voz das  
mães a chamar 'Oh Pedro! Oh Joana!  
Oh não sei quê!' tudo para ir jantar. E  
o que a gente queria... Eu lembro-me  
perfeitamente de chegar, porque a  
gente na nossa cozinha tinha umas  
vitrines logo na entrada e a vitrine  
nem quer era fechada, a porta nem  
sequer era fechada, a gente entrava e  
ia comer. Eu comia tão rápido, tão  
rápido que era para ir para a rua  
outra vez porque eu sabia que havia  
pessoal que ainda estava a jogar às  
escondidas ou às apanhadas, ou eu  
tinha deixado um jogo a meio, que a*



*gente jogava também muito às cartas,  
ao caps e à sueca... E ia a casa a  
correr, comia, comia, comia tão  
rápido para depois voltar e brincar."*

Detalhes de um parque de estacionamento /  
Placa de "Rua Cidade de Toronto" /

som ambiente / Patins em linha em  
movimento

Patins em linha (plano próximos, de  
detalhe) em movimento

Som respectivo

Muro dos desejos (travelling)

Som ambiente do bairro / Voz-off  
Liliana: "*O muro fica num parque de  
estacionamento e era quase no fim do  
muro. Não era no muro todo, era só  
numa zona em que estava lá escrito  
'muro dos desejos' e tinha assinaturas  
do pessoal, que o pessoal fazia isso. E  
era ali naquele sítio. A gente pedia um  
desejo, se não me engano acho que a  
gente olhava para as estrelas ou era  
numa noite de céu estrelado,  
pedíamos o desejo e ele concretizava-  
se. Opá, acho eu! Concretizava-se...  
Também, que desejos é que a gente ia  
pedir que não se pudesse concretizar?  
Quero uma barbie, pronto, a gente  
tinha a barbie. Nem eu pensava em  
ganhar o euromilhões (risos)"*

Placa 'Rua / passagem para a parte superior  
do bairro, cantos e detalhes

som ambiente / trânsito / Voz-off  
Paulo "*Eu lembro-me... Era brincar.  
Não havia telemóveis nessa altura e  
havia sempre a segurança 'Ah mas  
voltas a tal hora para vir lançar, não  
sei quê' e nós explorávamos tudo o  
que era os cantos aqui à volta. O  
apartamento onde eu vivo hoje em dia  
quando eu era mais novo e  
adolescente era uma área de lazer  
autêntica. Tudo se fazia aqui."*

Atirar o pião: planos de detalhe / como se fosse um *flashback* do plano a seguir / Pião no passeio junto aos apartamentos: brincadeiras típicas da altura naquele local.

Sons respectivos / som ambiente

Portão de acesso para os pastos / pasto que se costumava subir até ao 'quartel' / planos de movimento dentro do 'quartel'

som ambiente / Voz-off Paulo: "*Nós brincámos muito às apanhadas, há um jogo que chamávamos o alien. Tem aqui os pastos aqui por trás, quando a erva crescia que é a erva das vacas, nós brincávamos ali um bocado às escondidas, às apanhadas, era um jogo assim um bocadinho misto. E depois... pronto. Características dessas idades, da curiosidade, éramos exploradores. E há medida que fomos subindo no pasto e nos terrenos para cima que agora é a segunda circular, não havia na altura, fomos descobrimos um monte que chamávamos mesmo o monte e que havia aquilo que nós depois descobrimos que era o 'quartel'. E lembro de nós brincarmos muito principalmente à noite porque era o tal receio, a tropa, uma coisa que não conhecia muito bem. A noite, a noite em si já era uma coisa um bocado obscura, o desafio, vamos! Fazer um grupo, arranjar uma lanterna, comprar as pilhas, e era tudo uma emoção envolvida nisso porque muitas vezes um pequeno barulho exponenciava num lavrador que nos ia matar ou numa coisa assim do género."*

Dentro do 'quartel': planos em movimento com lanterna das placas, aranhas

som ambiente / som de passos / Voz-off Joana: "*Basicamente o que a gente fazia era para pregar sustos uns aos outros e andar nos túneis. Basicamente isso, andávamos lá para os túneis a pregar sustos uns aos outros, andava-se um túnel todo e pronto, chegávamos a uma altura em que já estava tudo farto de rir, brincar e tudo cheio de medo. Depois saíamos e íamos para casa, basicamente era isso."*

Parte de fora do 'quartel'

Som ambiente / Voz-off Liliana "*Eu nunca fui, eu tive uma vez uma tentativa para ir mas depois não fui, vim para casa. Iam pelos pastos acima não sei quê, e depois acho que aquilo era escuro ou estava tudo partido, acho que ainda havia camas pelo que me lembro que me contavam havia camas lá. Mas, basicamente iam para lá fazer o quê? Pregar partidas uns aos outros. Assustarem-se uns aos outros acho eu. Diziam que estava assombrado mas não me parece.*"

Fade

Fade / Início do sino da Igreja

Plano geral da rua da Igreja / Plano geral da zona envolvente ao bairro

Badaladas / trânsito

Jardim de um bairro / Árvores / Banco vazio / Baloço a mexer-se sozinho significando uma ausência / Plano geral do jardim

Som ambiente

Travelling da rua à volta do jardim do bairro

Som ambiente / Voz-off Liliana: "*Acho que a gente... nós soubemos aproveitar o bairro que nós tínhamos e hoje em dia já não se vê muito isso que é o bairro ser usado para convívio e tudo. Hoje em dia já não há muito isso.*"

Fade

Fade

Noite: planos gerais das ruas do bairro e pormenores

Som ambiente / Voz-off Joana "*O que eu me lembro mais é que a gente na altura andava na rua e brincávamos muito à bola principalmente, voleibol, futebol... E antigamente o futebol nem era para rapaz nem era para rapariga, aquilo toda a gente ia para a rua e jogava futebol!*"

/ Voz-off Paulo: "*Lembro-me de fazer amigos inicialmente cá na rua e depois íamo-nos conhecendo também através da escola, fazíamos as mesmas coisas, éramos quase como segundos irmãos, que era o que valiam as amizades na altura.*"

Plano geral do bairro à noite / 3 fotografias de arquivo / alguém a andar de bicicleta / Créditos / Fim

Som ambiente do bairro / música

**Cedências direitos**

## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE REGISTO SONORO

Eu, abaixo assinado, por este meio confirmo o consentimento dado a **Sara Azad**, a respeito de me registrar de forma sonora, em conexão com o seu filme intitulado "**Tempos de bairro**", e lhe concedo o direito perpétuo de usufruto, de qualquer forma ou através de qualquer meio existente ou que venha a existir no futuro, do modo que desejar, todos os registos sonoros.

Data: 18/09/14

Assinatura: Paulo Alexandre Carlos Almeida

## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE REGISTO SONORO

Eu, abaixo assinado, por este meio confirmo o consentimento dado a **Sara Azad**, a respeito de me registrar de forma sonora, em conexão com o seu filme intitulado "**Tempos de bairro**", e lhe concedo o direito perpétuo de usufruto, de qualquer forma ou através de qualquer meio existente ou que venha a existir no futuro, do modo que desejar, todos os registos sonoros.

Data: 18/09/14

Assinatura: Joana Saúse

## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE REGISTO SONORO

Eu, abaixo assinado, por este meio confirmo o consentimento dado a **Sara Azad**, a respeito de me registrar de forma sonora, em conexão com o seu filme intitulado "**Tempos de bairro**", e lhe concedo o direito perpétuo de usufruto, de qualquer forma ou através de qualquer meio existente ou que venha a existir no futuro, do modo que desejar, todos os registos sonoros.

Data: 23-06-2014

Assinatura: Liliana Carvalho



## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE IMAGENS

Eu, Viviana Maria de Paula Cavalho, BI ou Cartão de Cidadão N° 93374878, abaixo assinado, residente em Ponta Delgada, na qualidade de proprietário / autor, por este meio confirmo o consentimento dado para a utilização da imagem (abaixo ilustrada) de um retrato meu em criança, no documentário intitulado "**Tempos de bairro**", realizado por Sara Azad.

Local Ponta Delgada, Data: 9/10/2014

Assinatura (igual ao BI/Cartão de Cidadão) : Viviana Cavalho



## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE IMAGENS

Eu, Jucivaldo Reis Bann, BI ou Cartão de Cidadão N° \_\_\_\_\_, abaixo assinado, residente em Rua, Sr. Abel Reis, na qualidade de proprietário / autor, por este meio confirmo o consentimento dado para a utilização das imagens (abaixo ilustradas) da **construção do bairro Arcanjo Lar**, no documentário intitulado "Tempos de bairro", realizado por Sara Azad.

Local P. D. P. P., Data: 2014-10-13

Assinatura (igual ao BI/Cartão de Cidadão) : Jucivaldo Reis Bann



## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE IMAGENS

Eu, Joana Raquel de Sousa BI ou Cartão de Cidadão N° 13355835, abaixo assinado, residente em Lisboa, na qualidade de proprietário / autor, por este meio confirmo o consentimento dado para a utilização da imagem (abaixo ilustrada), no documentário intitulado "Tempos de bairro", realizado por Sara Azad.

Local Lisboa, Data: 13/10/14

Assinatura (igual ao BI/Cartão de Cidadão) : Joana Sousa



## DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS DE IMAGENS

Eu, Paulo Alexandre Costa Almeida, BI ou Cartão de Cidadão N° 12373425, abaixo assinado, residente em Rua da Trilícia, N.º 8-5.º andar na qualidade de proprietário / autor, por este meio confirmo o consentimento dado para a utilização da imagem (abaixo ilustrada) de um retrato meu em criança, no documentário intitulado "**Tempos de bairro**", realizado por Sara Azad.

Local Rua da Trilícia, Data: 14/06/14

Assinatura (igual ao BI/Cartão de Cidadão): Paulo Alexandre Costa Almeida



# **Cronograma**



**Diário visual do projecto  
Pesquisa**

It kind PAGES Give People A SIMONE CENTER FROM WHICH  
TO FIND THE UNKNOWN OF THE LARGER WORLD" (P. 13 ON  
CHERIE L. STEVENSON, 1999)



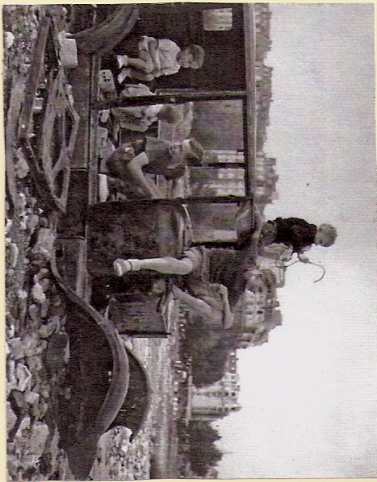
**Sara Azad**  
saraazad.wordpress.com  
Azad.Sara@gmail.com  
+351 918802169

Historia

de de  
Gamingo

de de  
No-10:00





ROBERT DOISNEAU, LA VOITURE FONDUE,  
1944.

"HOWARD CHUDACOFF REFERS TO THE FIRST HALF OF 20TH CENTURY  
AS THE 'GOLDEN AGE' OF CHILDREN'S FREE PLAY."

(THE PLAY DEFICIT, BY PETER GRAY)  
2013 IN A&A MAGAZINE



ROBERT DOISNEAU, LES FRÈRES, RUE DU  
DOCTEUR LECÈNE PARIS XIII, 1934.

## Street kids

Published at 12:01 AM, July 9, 2013

The residential streets where so many of us live are underused public spaces that can be shared more imaginatively.

Sir, Professor Ashton's warnings about the health crisis facing younger generations are stark (July 3) and he is right to focus on "places where we live that support healthy living".

The residential streets where so many of us live are underused public spaces that can be shared more imaginatively. Local authorities such as Bristol and Hackney already have policies to support street play, giving children much needed chances for active play close to home, and allow residents to apply for temporary road closures.

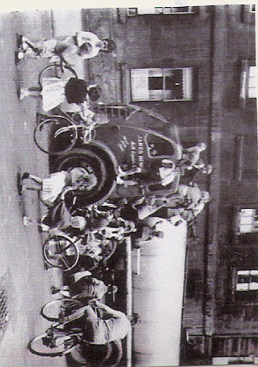
The time is ripe to reconsider who and what our streets are for.

Naomi Fuller  
Prisada, PA

Tese de doutoramento percorre quatro gerações para mostrar que a vida lúdica dos mais novos mudou substancialmente. O investigador Alberto Nidío fala numa espécie de regresso às cavernas: os miúdos fecham-se cada vez mais num refúgio cheio de tecnologia que mostra o mundo num ecrã. A escola a tempo inteiro também entra nesta história.



Roger Payne, 1956  
"Football and Skobou"



Roger Payne, 1958  
"Boys in a loney" lowcabin  
Glasgow

Introdução de memórias visuais no espaço



Places Other People Have Lived

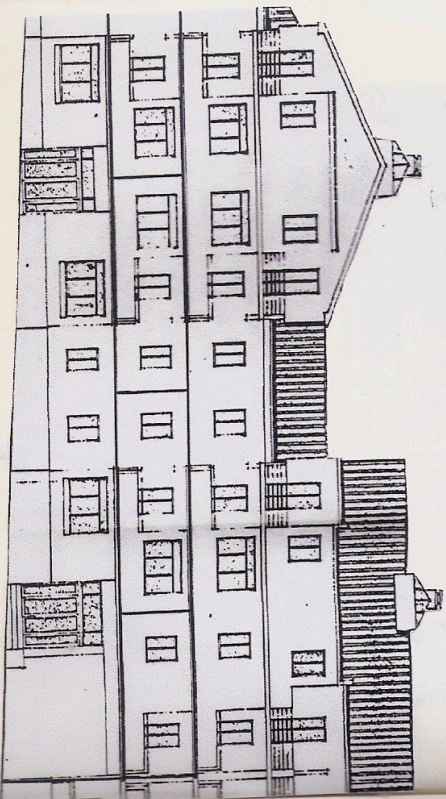
link: [vimeo.com/31943880](https://vimeo.com/31943880)

Descrição: An autobiographical exploration of the relationship between memory and place, as told through the sale of a childhood home

de Laura Yilmaz (2011)

" WITHOUT SPACE, PLACE CANNOT BE FORMED AND EXPERIENCED. SPACE BECOMES PLACE WHEN IT IS INVESTED WITH MEANING BY THOSE WHO SPEND TIME IN IT" (ELLIS, 2005)

APARTAMENTOS VISTA DA ESCOLA CAMO DA MIRA, BARRIO ARCAUJOLAR, 1995/1996



" PLACE IS SECURITY, SPACE IS FREEDOM (...) " (P. 3 - JUNE 1997)  
 GOOD PLACES ARE A SOURCE OF BELONGING, IDENTITY AND SECURITY  
 BUT ALSO INCLUDE SPACE FOR EXPLORATION AND CREATIVE SELF-DEFINITION."  
 - JULIA ELLIS (2004 - P. 32)

VIRAR A PÁGINA...



diáspora, Bairro Arcanjojar, 2001  
 (MESAS E PÁGINAS DO DIÁRIO ESTÁ ESCALTO /  
 RELATADO UNA "MIGRA" AO POSTO MILITAR DA  
 CASTANHEIRA)

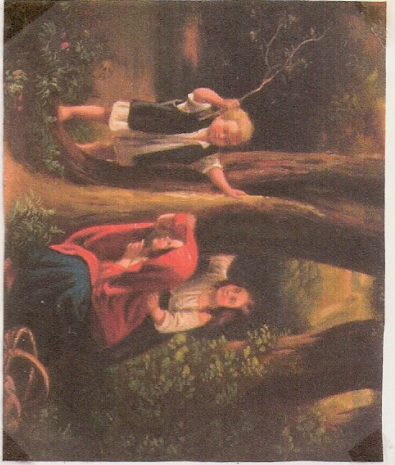


" IN URBAN SETTINGS, A MULTIPLICITY OF SIGHTS, SOUNDS, SMELLS AND TACTILE STIMULI (...) MONTAGE OF SENSORY EXPERIENCES PUSHES CHILDREN TO EXPERIMENT WITH AND ADAPT THEIR BEHAVIORS TO AN EVER-CHANGING NATURAL WORLD. "  
(CHELSEA, 2009)

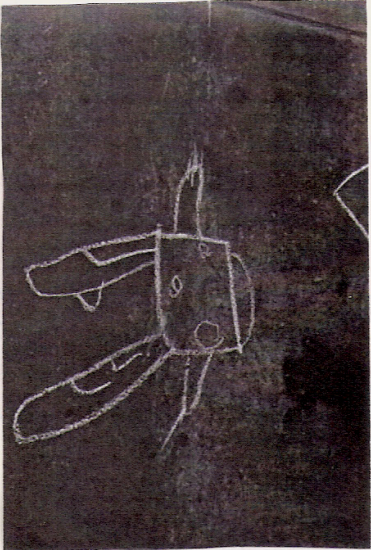
" AS THE VACANT LOT BECOMES ANOTHER SHOPPING CENTER, CHILDREN'S OPPORTUNITY FOR EXPLORATION, EDUCATION AND INTIMACY WITH THE NATURAL WORLD IS DIMINISHED. CHILDREN'S SPECIAL PLACES ARE LOST AND SUPPLEMENTED WITH PLACES BUILT FOR CHILDREN. "  
(CHELSEA, 2009)

" Children's learning consists not of information but the acquisition of knowledge in the form of skills, where every human being is a centre of awareness in a field of practice. "

Tim Ingold, in  
"The Child in the City, a case  
study in experimental anthropology"



HIDE-AND-SEEK, FRIEDRICH EDUARD MEYERHEIM (1808-1879)



HELEN LEVITT, IN THE STREET, 1938-1948



VIVIAN MAYER, CHILDREN, CANADA (UNDATED)

"GIVEN THE OPPORTUNITY TO CREATE SMALL WORLDS (...) THEY BECOME THE AUTHORS OF THEIR OWN EXPERIENCES, THEREBY ADVANCING THEIR LEVELS OF INDEPENDENCE AND SELF-COMPETENCY."

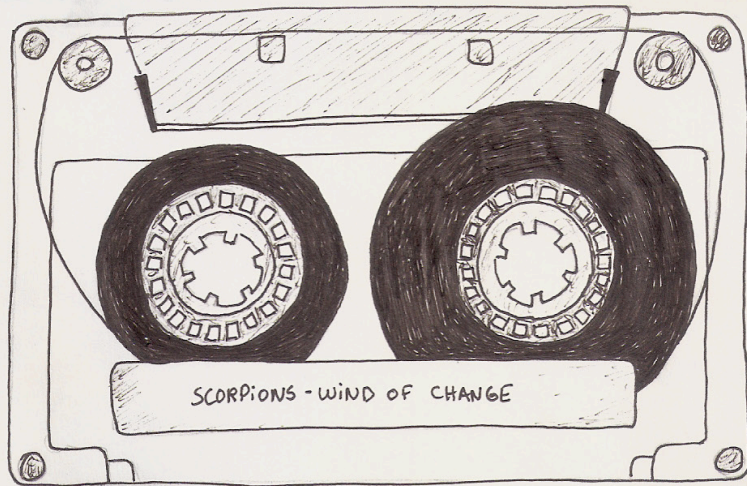
(P-15; CHELSEA L. BENSON MAY 2009)



ENFANTS AUX PATTINS A ROULETTES  
HENLIMONTAOT, PARIS, 1950  
ROBERT DOISNEAU

"THEY LEARN TO TAKE RESPONSABILITY FOR THEMSELVES  
AND THEIR COMMUNITY, AND THEY LEARN THAT LIFE IS  
FUN, EVEN WHEN IT ENVOVES DOING THINGS THAT ARE  
DIFFICULT"

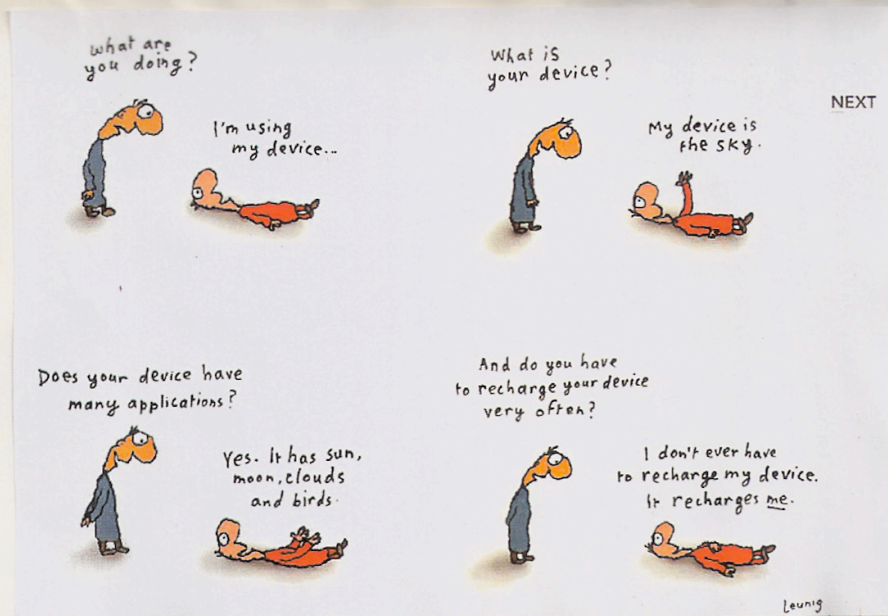
(PETER GOPY, THE PLAY DECK, 2013)



CASSETTE  
INÍCIO 2000s



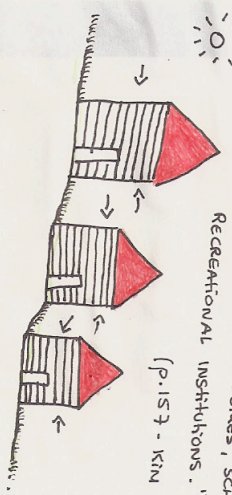
CHILDREN PLAYING, PIETER BRUEGEL, 1500



FOUITE: INTERNET



"THE MANIPULATION OF THE ENVIRONMENT PROVIDES CHILDREN WITH A SENSE OF PERSONAL COMPETENCE AND CAN BE RESHAPED ORDER BECAUSE THE ENVIRONMENT ORDER BECAUSE THEIR ACTIONS AND NEEDS." (P.18, CHELSEA L. BENSON, 2009)



"CHILDREN'S EVERYDAY LIVES ARE DOMINATED BY THE 'INSTITUTIONAL TRIANGLE' (... ) CHILDREN'S HOMES, SCHOOLS AND RECREATIONAL INSTITUTIONS." (P.157 - KIN RASMUSSEN, 2004)

"Built environments, on the other hand, normally provide children with a vast array of options (... ) children know what to do when they see a sliding board; the object contains within its structures that guide its 'appropriate' use. They climb up the stairs, slide down, and then promptly return to the stairs to slide down again." (P.11)



CHANGING PLACES: CHILDREN'S EXPERIENCE OF PLACE DURING MIDDLE CHILDHOOD. BY CHELSEA L. BENSON 2009

WONDER IS AN IMPORTANT MOTIVATOR FOR LIFELONG LEARNING. (WILSON, 1997)

**SPECIAL PLACES**

- 1. AS A PRIVATE REFUGEE
- 2. AS A SITE FOR SOCIAL ACTIVITY

"SELF-EXPLORATION PRODUCES A KNOWLEDGE OF THE WORLD" (COBB, 1997 - IN SOBEL, 2002, P.81)

"AT PLAY, CHILDREN LEARN THE MOST IMPORTANT OF LIFE'S LESSONS, THE ONES THAT CANNOT BE TAUGHT IN SCHOOL (... ) CHILDREN NEEDS LOTS OF PLAY (... ) WITHOUT INTERFERENCE FROM ADULTS." (THE PLAY DEFICIT, BY PETER GRAY)

2013 IN AEON MAGAZINE

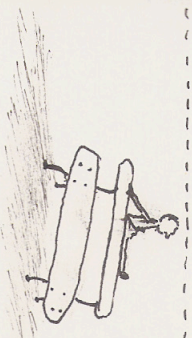
**The play deficit**

Children today are coddled and pressured in equal measure. Without the freedom to play they will never grow up

by Peter Gray 5,100 words Read later on Kindle



Photo by ALEX WEBB / MIGNUM



" CHILDREN'S ACCESS TO THE NATURAL ENVIRONMENT HAS DECREASED (...)"

" UNSTRUCTURED TIME OUTDOORS IS BECOMING A THING OF THE PAST." (CHELSEA LIBERSON, P.31, 2009)

" IN THEIR EVERYDAY LIVES, CHILDREN LARGELY STAY WITHIN AND RELATE TO THREE SETTINGS: THEIR HOMES, SCHOOLS AND RECREATIONAL INSTITUTIONS." (RASMUSSEN, 2004, P.155)

ever since. As Kim puts it in her article 'The Creativity Crisis', published in 2011 in the *Creativity Research Journal*, the data indicate that 'children have become less emotionally expressive, less energetic, less talkative and verbally expressive, less humorous, less imaginative, less unconventional, less lively and passionate, less perceptive, less apt at synthesising, and less likely to see things from a different angle'.

" NARCISSISM REFERS TO INFLATED SELF-REGARD, COUPLED WITH A LACK OF CONCERN FOR OTHERS AND AN INABILITY TO CONNECT EMOTIONALLY WITH OTHERS." (...)

" CHILDREN CAN'T LEARN THESE SOCIAL SKILLS AND VALUES IN SCHOOL, BECAUSE SCHOOL IS AUTHORITARIAN, NOT A DEMOCRATIC SETTING." (PETER GARY, IN PLAY DEFICIT, 2013)

" PLAY DEPRIVATION IS BAD FOR CHILDREN. AMONG OTHER THINGS, IT PROMOTES ANXIETY, DEPRESSION, SUICIDE, NARCISSISM AND LOSS OF CURIOSITY. IT'S TIME TO END THE EXPERIMENT."

PETER GARY "ARGUE THAT THE RISE IN MENTAL DISORDERS AMONG CHILDREN IS LARGELY THE RESULT OF THE DECLINE IN CHILDREN'S FREEDOM."

ever since. As Kim puts it in her article 'The Creativity Crisis', published in 2011 in the *Creativity Research Journal*, the data indicate that 'children have become less emotionally expressive, less energetic, less talkative and verbally expressive, less humorous, less imaginative, less unconventional, less lively and passionate, less perceptive, less apt at synthesising, and less likely to see things from a different angle'.

In the late twentieth and early twenty-first centuries, childhood is considered a special time when children should be given the opportunity to play and learn and should have few responsibilities. Gill Valentine (1996) elaborates on the current dominant conception of childhood, "Namely that a child is temporarily set apart from the adult world (although there are multiple and conflicting definitions of the age at which that division occurs); that children are innocent, incompetent, and vulnerably dependent (both on parent(s) and on the state); and that childhood is a happy free time without responsibilities" (p. 587).

(CHERSEA L. BRESSON; 2009)

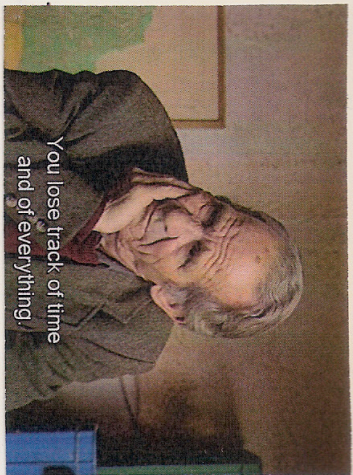


empirical research James Jones & J



FRANES DE "LAST YEAR AT MARIENBAD" (1961) DE ALAIN RESNAIS

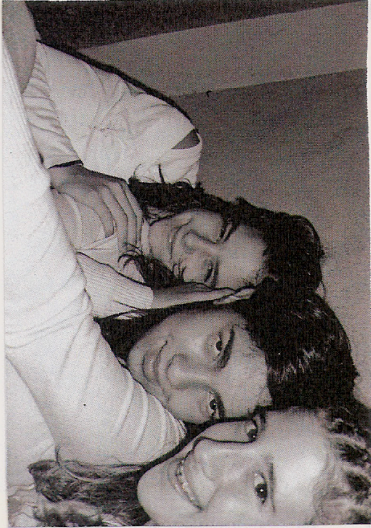
(P 003 ; MOZZING J. ABBUCCI)



You lose track of time and of everything.



FRANES DE "EN CONSTRUCCIÓN" (2001) DE JOSÉ LUIS GUERTIN



Menórkias do Bairro (2004/2005)  
Universidade de Coimbra (2005)



Menórkias do Bairro (2004/2005)  
Universidade de Coimbra (2005)

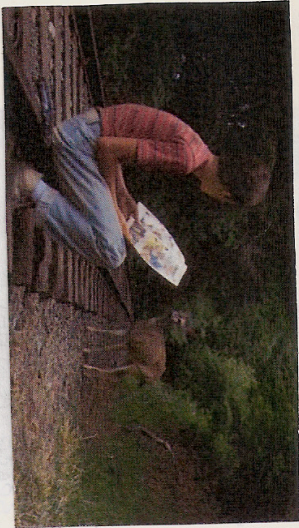
" WITH A PHOTOGRAPH WE ARE PRESENTED WITH AN IMAGE THAT IS STATIC BUT THAT NONETHELESS CAN GIVE A POWERFUL SENSATION OF TIME PASSING."  
(KIMBLE Z: SUTTON: 2009)



MEMÓRIAS DO IMPÉRIO (2004/2005)

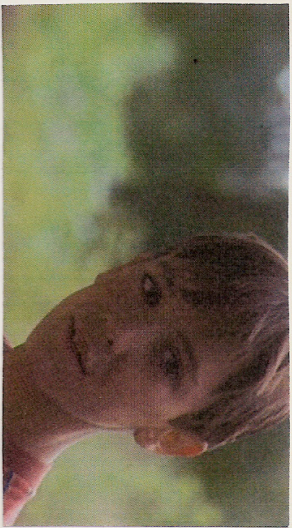
"FROM THE SECURITY AND STABILITY OF PLACE WE ARE AWARE OF THE OPENNESS, FREEDOM, AND THREAT OF SPACE, AND VICE VERSA. FURTHERMORE, IF WE THINK OF SPACE AS THAT WHICH ALLOWS MOVEMENT, THEN PLACE IS PAUSE; EACH PAUSE IN MOVEMENT MAKES IT POSSIBLE FOR LOCATION TO BE TRANSFORMED INTO PLACE."

(TUAN, 1977: p. 6)



"Time itself appears to be interrupted. In this silent world, the present exists only as an interval experience."

(CHAPTER 2: SUTTON: 2009)



("STAND BY ME", 1986)

"In animated documentary, I explore a wide array of examples of animated documentary and question the implications of the use of animation as a representational strategy in documentary."

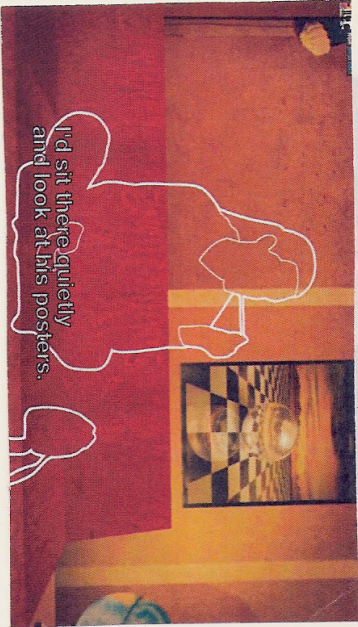
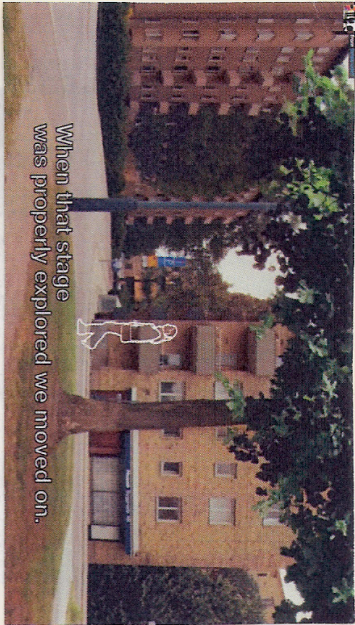
ANIMATED DOCUMENTARY,  
ANNABELLE HONNESS  
ROE, 2013

"THE ACTUAL OPTICAL IMAGE  
CRYSTALLIZES WITH ITS OWN  
VIRTUAL IMAGE, ON THE SMALL  
INTERNAL CIRCUIT. THIS IS A  
CRYSTAL IMAGE."

(DELEUZE: KINE-IMAGE: P. 69)

11/10/2017  
20255/105 | my admin.

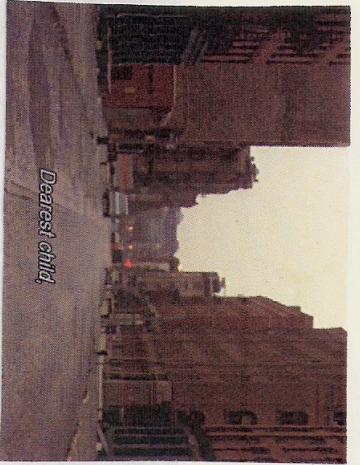




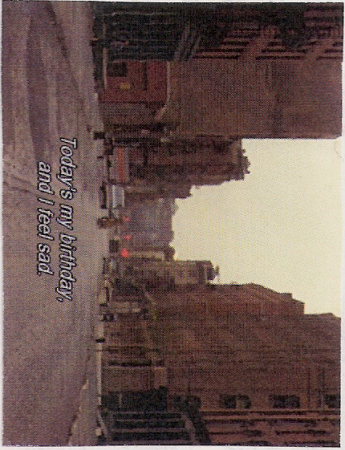
"Never like the first frame!"  
 (2013) de James O'Keefe  
 www.james.com / 70122505

"THE MIX OF LIVE STAGE, REAL FILM  
 AND DIGITAL EDITING IS AN  
 IMPERCEPTIBLE USE OF TECHNOLOGY  
 TO TRANSCEND IDENTITY AND A  
 CONVERGENCE OF MEDIATED MEMORY  
 NO LONGER LINKED TO PARTICULAR  
 ARCHETYPES OF THE PHOTOGRAPHIC  
 IMAGE."

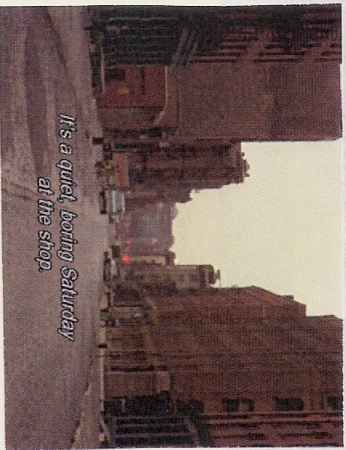
("PHOTOGRAPHY, CINEMA  
 AND MEMORY": SUTOW: P.30)



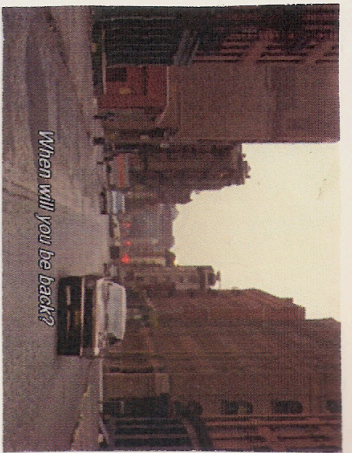
*Dearest child,*



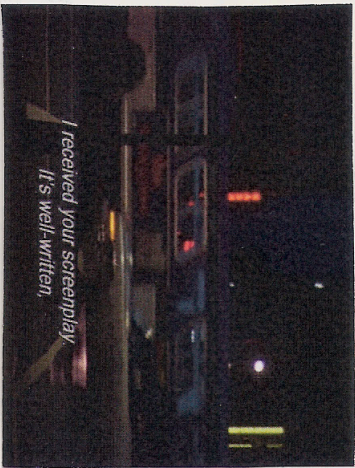
*Today's my birthday,  
and I feel sad.*



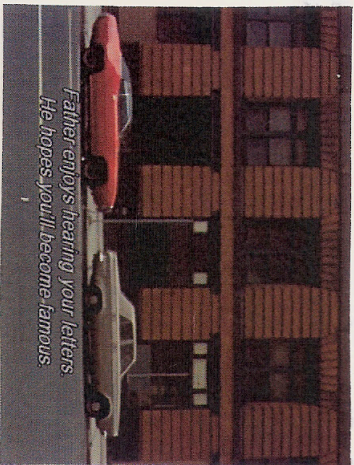
*It's a quiet, boring Saturday  
at the shop.*



*When will you be back?*

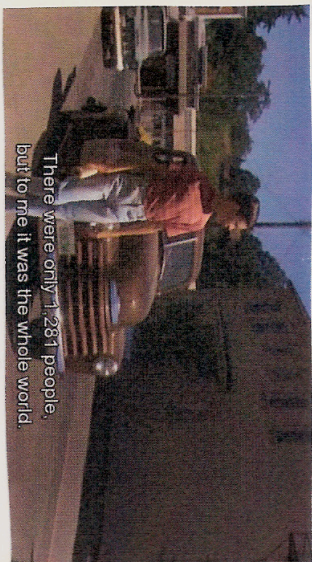


*I received your screenplay.  
It's well-written.*



*Father enjoys hearing your letters.  
He hopes you'll become famous.*

*Charlton Akerman, "News from Home"  
1977*



There were only 1,281 people,  
but to me it was the whole world.

("STAND BY ME", 1986)

"CINEMA OFFERS A PERCEPTION, A PARTICULAR WAY OF SEEING, NOT EXPECTING IT TO BE FOREGROUNDED OR QUESTIONED. HOWEVER, WITH THE TIME-IMAGE, AND THE CRYSTAL IMAGE IN PARTICULAR, THERE IS NOT ONLY PERCEPTION BUT ALSO THE PERCEPTION OF THAT PERCEPTION, A KIND OF CINEMATIC SELF-CONSCIOUSNESS."

(CHAPTER 2: SUTOU: 2009)

APRIL 2023

"What and how is the animation representing; how and why is animation being used instead of the conventional alternative? (...)" (p. 1)

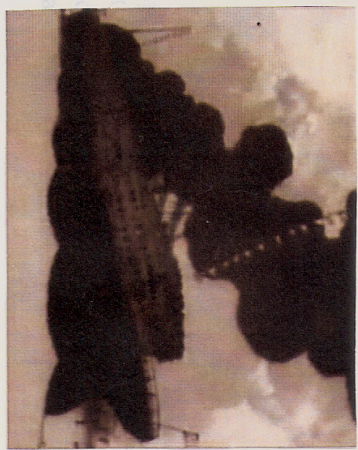
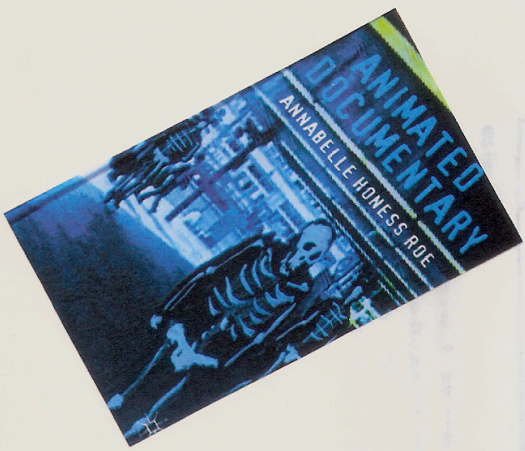
"While animation might at first seem to threaten the documentary project by destabilizing its claim to represent reality, I suggest that the opposite is the case" (p. 2)

"[...] offering new or alternative ways of seeing the world." (p. 2)

"[...] animation has the potential to bring things that are temporally, spatially and psychologically distant from the viewer into closer proximity." (p. 2)

John Grierson:

"the creative treatment of actuality" (1933: 8)



"THE SINKING OF THE LUSITANIA DEMONSTRATES THE EARLY USE OF ANIMATION AS A SUBSTITUTE FOR MISSING LIVE-ACTION MATERIAL." (ROE: 2013: 6)

"The Sinking of the Lusitania" winner Meloy, 1918

and collective memory. The photographic has been theorised as a visual 'umbilical cord' (Barthes, 1981: 81) that directly connects us to the past, but I suggest that animation is often a more suitable means of bringing the temporally distal into closer proximity by allowing filmmakers to aesthetically weave themselves into the past. The way the animation is realised, its style and materiality, can also offer insight into the processes of remembering and forgetting that are integral to the formation of personal identity.

(Rose: 2013)